



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LUCÍOLA LIMAVERDE RIBEIRO

**AFETOS EM CONSTRUÇÃO: NARRATIVAS E PROCESSOS DE APROPRIAÇÃO
DO ESPAÇO PELOS MORADORES DA CIDADE 2000**

FORTALEZA

2015

LUCÍOLA LIMAVERDE RIBEIRO

AFETOS EM CONSTRUÇÃO: NARRATIVAS E PROCESSOS DE APROPRIAÇÃO
DO ESPAÇO PELOS MORADORES DA CIDADE 2000

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zulmira Áurea Cruz Bomfim.

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- R369a Ribeiro, Lucíola Limaverde.
 Afetos em construção: narrativas e processos de apropriação do espaço pelos moradores da Cidade 2000 / Lucíola Limaverde Ribeiro. – 2015.
 112 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2015.
 Área de Concentração: Psicologia.
 Orientação: Profa. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim.
- 1.Moradores da cidade – Cidade 2000(Fortaleza,CE) – Aspectos psicológicos. 2.Afeto(Psicologia).
 3.Psicologia ambiental – Cidade 2000(Fortaleza,CE). 4.Espaços públicos – Aspectos sociais – Cidade 2000(Fortaleza,CE). 5.Narrativas pessoais. I. Título.

LUCÍOLA LIMAVERDE RIBEIRO

AFETOS EM CONSTRUÇÃO: NARRATIVAS E PROCESSOS DE APROPRIAÇÃO
DO ESPAÇO PELOS MORADORES DA CIDADE 2000

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Psicologia.

Aprovada em: 15/06/2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Zulmira Áurea Cruz Bomfim (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr^ª. Idilva Maria Pires Germano
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr^ª. Sylvia Cavalcante
Universidade de Fortaleza (Unifor)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo.

A Zulmira Bomfim, pela interlocução e pela compreensão ao longo desses anos.

A Idilva Germano e a Sylvia Cavalcante, por todas as contribuições dadas a este trabalho desde a qualificação e por aceitarem o convite de fazer parte também da banca de avaliação.

A minha mãe, pela paciência e pelo apoio.

A David Adam, por ter aparecido em minha vida e por me transmitir diariamente seu otimismo, o qual foi fundamental para a conclusão desta dissertação.

A Marcilena Maria e a Chico Saga, pela amizade e por terem sido importantes meios de interlocução com os moradores da Cidade 2000.

A Ronaldo Salgado e a Gilmar de Carvalho, meus professores e amigos que, desde a época da graduação, sempre incentivaram minha vida acadêmica.

A Henrique Beltrão, por ter me apresentado à Zulmira e à psicologia ambiental.

A Thiago Mendes, que, mesmo distante, se fez presente neste trabalho pelo diálogo em momentos cruciais, compartilhando livros, ideias e a paixão por cidades e literatura.

A Daniel Welton, pelos momentos que compartilhamos ao longo deste mestrado.

RESUMO

Esta dissertação investiga os afetos de moradores da Cidade 2000 em relação ao ambiente onde vivem. Buscamos identificar e analisar nas narrativas dos moradores os afetos com o bairro para compreender os processos de apropriação do espaço e estima de lugar. A Cidade 2000 é um conjunto habitacional construído na zona leste de Fortaleza na década de 1970. O aspecto interiorano da Cidade 2000 condiz com a natureza de sua população, em parte composta por migrantes que vieram do sertão para a capital ao longo do século XX. Antes isolada da cidade e encravada em meio a uma área não habitada, a Cidade 2000 acabou por se inserir na malha urbana da capital com a expansão de Fortaleza na direção leste. Nesta investigação, utilizaram-se os aportes teóricos da psicologia social e ambiental, tendo como base a categoria afetividade em uma perspectiva histórico-cultural, a partir da teoria de Spinoza, Vygostsky e Sawaia. A relação entre a afetividade e o lugar foi compreendida considerando a estima de lugar, conceito que avalia sentimentos e emoções potencializadoras e despotencializadoras na relação pessoa-ambiente. A metodologia utilizada foi a de entrevistas narrativas realizadas com cinco moradores que vivem na Cidade 2000 desde a década de sua inauguração, os anos 1970. Os entrevistados, sendo três do sexo masculino e dois do feminino, tinham idade entre 46 e 85 anos. Os resultados da pesquisa apontaram para a existência de afetos potencializadores que propiciaram avaliar a presença de uma relação de pertencimento entre os narradores e o bairro pela sensação de segurança, afeto este que facilita processos de apropriação e de identificação com os espaços públicos por parte dos moradores. Enquanto a metrópole Fortaleza se agiganta, gerando uma pressa e um medo, um distanciamento que nos afasta da cidade e uns dos outros, na Cidade 2000 as pessoas ainda param para viver a cidade, ocupando as praças, ruas e calçadas, conversando até tarde da noite. Apesar de ter sido relativamente pequena a amostra de moradores ouvidos, a partir das falas desses entrevistados pode-se inferir uma estima de lugar positiva, colocando a experiência da Cidade 2000 como um exemplo de destaque dentro do contexto urbano.

Palavras-chave: Psicologia ambiental. Afetividade. Estima de lugar. Narrativas.

ABSTRACT

This research investigates the affects between the interviewees and the environment where they live, a neighbourhood called Cidade 2000. We aim to identify and analyse, in the narratives of the residents, the affects about the neighbourhood to understand the processes of appropriation of space and esteem for the place. Cidade 2000 is a housing project built on the eastern periphery of Fortaleza in the 1970s. The countryside atmosphere of Cidade 2000 is consistent with the nature of its population, partly made up of migrants who came from the countryside to Fortaleza during the twentieth century. In the past it was isolated from the city and nestled amid an uninhabited area, then called Sítio Cocó. Following the expansion of Fortaleza eastwards Cidade 2000 turned out to be absorbed by the urban area of the capital. The theoretical background of this work was to use concepts of social and environmental psychology, having as the basis the concept of affectivity, from the theory of the authors Spinoza, Vygotsky and Sawaia. The discussion about affectivity and space was based on the concept of esteem for the place, which evaluates empowering and disempowering feelings and emotions in the relationship between person and environment. Narrative interviews were utilised as the methodology. They were conducted with five residents who have been living in Cidade 2000 since the decade of its opening in the 1970s. The interviewees were three males and two females, aged between 46 and 85 years. The results of the research point to a place attachment between the interviewees and their neighbourhood in which one can infer the existence of a sense of security that allows a feeling of belonging and identification by the locals with the public spaces. While Fortaleza as a metropolis grows, generating a fast pace of life, fear and a gap that separates us from the community and from each other, at Cidade 2000 people still stop to experience the city, occupying squares, streets and sidewalks, staying there until late into the night. Despite the small number of interviewees, it can be inferred from the narratives a positive esteem for the place, putting Cidade 2000's experience as an outstanding example within the urban development context.

Keywords: Environmental Psychology. Affectivity. Esteem for the place. Narratives.

“É o humor de quem olha que dá a forma à cidade de Zemrude. Quem passa assobiando, com o nariz empinado por causa do assobio, conhece-a de baixo para cima: parapeitos, cortinas ao vento, esguichos. Quem caminha com o queixo no peito, com as unhas fincadas nas palmas das mãos, cravará os olhos à altura do chão, dos córregos, das fossas, das redes de pesca, da papelada. Não se pode dizer que um aspecto da cidade seja mais verdadeiro do que o outro [...].”

(Ítalo Calvino)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A CIDADE 2000 E SEU LUGAR: FORTALEZA CRESCENTE	15
2.1	Fortaleza de areia	15
2.1.1	<i>Expansões da vila</i>	18
2.2	Raízes do pensamento colonial: terras e mares	24
2.3	Os processos migratórios na construção de Fortaleza	30
2.4	Um conjunto popular nas entranhas do Sítio Cocó	36
3	EMOÇÕES, AFETOS E CIDADE: RECORTES DAS PSICOLOGIAS SOCIAL E AMBIENTAL	44
3.1	As emoções sob uma perspectiva histórico-cultural	44
3.2	Psicologia ambiental: qual o lugar da Cidade 2000?	53
4	CONTAÇÕES DE VIDA: AS NARRATIVAS NA CIDADE 2000	60
4.1	A narrativa como técnica de entrevista no campo estudado	63
4.2	Analisando as entrevistas narrativas da Cidade 2000	67
4.3	Seleção dos entrevistados e breves perfis	70
5	VERBOS DE UMA TRAJETÓRIA: OS INÍCIOS, OS CONFLITOS E OS EQUILÍBRIOS POSSÍVEIS	73
5.1	O chegar de uma partida: “Nós vamos morar num buraco!”	73
5.2	O permanecer: “Perigo é os que vêm de fora”	82
5.3	O enraizar-se e frutificar: “Agora já não é uma Cidade 2000, é uma Cidade 8000”	90
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
	REFERÊNCIAS	104
	APÊNDICES	110

1 INTRODUÇÃO

Não saberia precisar em que momento da minha vida esta dissertação começou a ser escrita. Eu de fato acredito que a objetividade e o total distanciamento em um trabalho científico têm seus limites e suas limitações. A decisão por determinada área do conhecimento e não por qualquer outra (e elas são muitas) fala sobre quem eu sou – ou pelo menos sobre quem eu acredito que sou. O simples fato de eu ter decidido estudar aquele objeto em detrimento de todos os outros (e eles são virtualmente infinitos) diz de uma escolha que foi totalmente subjetiva e que tem a ver com minha visão de mundo, meus afetos e interesses, minha história de vida. O desafio de tratar o tema com rigor científico nada tem a ver com um sacrifício total da subjetividade a qual basicamente foi responsável por eu ter chegado até ali e por aquele trabalho ao menos existir.

O tema “lugar” sempre teve espaço importante em minha história – especialmente quando passei pela experiência de migração, aos 14 anos, de uma pequena cidade do interior para uma das maiores metrópoles do Brasil. Fortaleza não me era um espaço estranho: era o lugar das férias, das praias, dos shoppings, onde os aviões voavam baixo. Também era o lugar das distâncias, dos perigos, do constante risco de perder-se.

A mudança me trouxe mais significações para a palavra Fortaleza – e muitas outras ainda surgem até hoje. Aprendi a amar esta cidade como a uma mãe adotiva que não pariu, mas criou. Na verdade, a agitação que vive dentro de mim nunca quis uma paz rural, a calma do interior, onde tudo passa devagar, onde nada parece acontecer. Gosto das metrópoles, de suas multidões, de seu barulho e de sua pressa, de suas possibilidades, de suas diferenças, gosto de saber que há tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo. Parece comigo.

Gosto de ler e gosto de escrever. Ao entrar no segundo ano do jardim de infância, me recusei a ir para a escola. Não queria passar mais um ano desenhando e pintando. Queria aprender a ler e a escrever. Eu tinha apenas quatro anos, mas a birra era imensa: minha mãe e as “tias” foram obrigadas a me colocar na alfabetização. Se eu não acompanhasse, voltaria para os lápis de cor. A ameaça foi potencializadora, e rapidamente minha leitura e minha escrita fluíram naquele ano.

Esse adiantamento fez com que eu entrasse no último ano do ensino médio com apenas 15 anos. Muito cedo eu precisei escolher o que eu faria pelo resto da minha vida. Não foi uma decisão simples. Não seria se eu precisasse tomá-la hoje; com aquela idade, foi quase uma violência.

Depois de várias opções duramente descartadas, para o vestibular na Universidade Federal do Ceará eu estava em dúvida entre jornalismo e psicologia; o amor pelas letras e pelas palavras, mais antigo do que qualquer coisa que eu lembrasse, acabou sendo mais forte. Na Universidade Estadual do Ceará não havia, à época, nenhum desses dois cursos, e eu acabei escolhendo uma área que também me tocava muito: geografia. Ali estava representado meu amor por cidades, por mapas, pelos lugares possíveis.

Passei nos dois vestibulares e acredito que, se pudesse, teria seguido com os dois cursos. As regras impediam que se ingressasse em duas universidades públicas ao mesmo tempo, e eu optei pelo jornalismo. Nunca me arrependi de tê-lo preferido entre aqueles três cursos, mas a ideia da geografia, assim como da psicologia, ficaram de alguma forma dentro de mim.

Na faculdade, encontrei um tema de pesquisa perfeito para a minha monografia: estudei Ciro Colares, um cronista apaixonado por Fortaleza, que a cantava em versos de poesia. Analisei crônicas de seu livro *Fortalezamada: roteiro para os amantes de uma cidade*, coletânea de crônicas publicadas em jornais, onde assim ele se referia a cidade e ao seu afeto por ela:

Amar uma cidade parece estranho,
ela não tem diálogo, ela não tem sexo
para despertar pensamentos eróticos,
mas às vezes se ama até mesmo um beco,
o que parece uma bobagem,
e o que é o amor senão uma bobagem,
uma ingenuidade ocasional,
um desvio ou descarrilhamento da razão?

Não se ama com a cabeça,
ama-se sem saber porque,
ama-se quase acidentalmente. [...]

Uma cidade pode ser muita coisa,
pode ser o mundo, pode ser a grandeza da liberdade ou a profundidade de
sentimentos,
claro que uma cidade não cabe numa sacola de feira, cabe no abstrato,
na benquerença, uma cidade cabe no coração, se duvidam que
experimentem.

(COLARES, 1985, p. 12)

Foi através de Ciro que pude, pela primeira vez, trazer para o âmbito acadêmico questões sobre os afetos envolvidos na relação entre uma pessoa e seu lugar. Eu me via refletida em suas palavras, e foi prazeroso estabelecer um diálogo com seus poemas, com suas crônicas que expressam sentimento, vida e poesia. Poucos anos depois, essa monografia foi premiada em edital da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (Secult) na categoria Ensaio e/ou Crítica Literária, sendo publicada como livro no ano de 2011.

Fora do ambiente acadêmico, o tema cidade continuava presente em minha vida profissional. No último ano da faculdade, em 2008, fui estagiária de comunicação da Prefeitura Municipal de Fortaleza, sendo lotada na Secretaria Executiva Regional (SER) II, responsável por administrar 20 bairros¹ da capital. A Regional II executava obras de infraestrutura, além de gerenciar equipamentos como escolas públicas municipais, centros de saúde da família (mais conhecidos como postos de saúde), centros de atenção psicossocial (CAPs) e centros de referência de assistência social (CRAS).

Fortaleza é dividida em sete regionais, sendo que a área de abrangência da SER II inclui as principais áreas turísticas da capital cearense (praias de Iracema e do Futuro, Beira-Mar) e os bairros mais ricos da cidade (Aldeota, Meireles, Dunas, Cocó, Papicu etc.). O fato de eu ter trabalhado nessa regional no último ano da faculdade, ao mesmo tempo em que escrevia a monografia, fez com que eu tivesse a oportunidade de ver e me deleitar com a cidade em seu aspecto poético, mas também compreendê-la nos âmbitos legais, políticos e burocráticos.

Foi durante o estágio na Regional II que tive meu primeiro contato com a Cidade 2000. Na parede da nossa sala de assessoria de comunicação, a 2000 se destacava aos meus olhos por seu formato peculiar no grande mapa da cidade. Era pequena em sua área de meio quilômetro quadrado e perfeitamente retangular, com suas ruas longas e estreitas. Parecia desenhada com régua, toda encomendada e feita sob medida.

¹ Na área de abrangência da Regional II estão os seguintes bairros: Aldeota, Cais do Porto, Cidade 2000, Cocó, De Lourdes, Dionísio Torres, Engenheiro Luciano Cavalcante, Guararapes, Joaquim Távora, Manuel Dias Branco, Meireles, Mucuripe, Papicu, Praia de Iracema, Praia do Futuro I e II, Salinas, São João do Tauape, Varjota e Vicente Pinzón.

Não tardou para que eu tivesse a oportunidade de conhecê-la pessoalmente. Na assessoria, fazíamos visitas de campo aos bairros para pequenas reportagens e para o contato com equipamentos públicos e associações. Na primeira vez em que fui à Cidade 2000, fiquei impressionada. O movimento de pessoas indo e vindo nas ruas era intenso. As alamedas eram em calçamento de pedra, algo tão raro em Fortaleza e especialmente na área nobre que era a Regional II, toda alinhavada com asfalto. As casas, muitas delas com porte de classe média, não tinham cerca elétrica. Entre as quadras, pracinhas floridas e cheias de plantas eram como quintais bem cuidados de acesso público. Na praça principal, os primeiros sinais das barraquinhas de comida que ali abrem à noite. Era como uma cidade dentro da cidade.

Eu pensava em escrever de alguma forma sobre a Cidade 2000, mas ainda não tinha nenhuma ideia concreta sobre como fazer aquilo. Enquanto isso, terminava minha graduação em jornalismo e, depois de formada, continuei trabalhando na Prefeitura, desta vez na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Infraestrutura (Seinf). Os quatro anos em que fui assessora de comunicação dessa secretaria, entre 2009 e 2013, foram uma experiência riquíssima na minha compreensão de cidade.

Na Seinf, cuidávamos de projetos estruturantes para Fortaleza: programas de reassentamento para moradores de áreas de risco ambiental, como os que viviam à beira dos rios Cocó e Maranguapinho, com a respectiva recuperação ambiental das áreas degradadas;² de drenagem urbana, com obras para facilitar o escoamento das águas da chuva e evitar alagamentos e inundações;³ de mobilidade urbana, com reordenamento viário, abertura e reestruturação de vias com foco no transporte público;⁴ de requalificação urbana para a orla de Fortaleza, com projetos para o litoral oeste da cidade, no bairro Pirambu,⁵ e para o litoral leste, nas comunidades do Titanzinho e Serviluz,⁶ além de projetos para as áreas turísticas da orla, como praias

² Programa de Requalificação Urbana com Inclusão Social (Preurbis).

³ Programa de Drenagem Urbana de Fortaleza (Drenurb).

⁴ Programa de Transporte Urbano de Fortaleza (Transfor).

⁵ Programa Vila do Mar.

⁶ Programa Aldeia da Praia.

de Iracema, do Futuro e Beira-Mar;⁷ projetos de intervenções em vias para mobilidade durante a Copa do Mundo 2014; entre muitas outras obras e programas para a cidade.

Durante o tempo em que estive na Seinf, meu contato com a temática urbana só se intensificou – e com ele meu interesse –, passando também por um aprofundamento no que se refere à legislação urbana, aos processos administrativos e de captação de recursos, a obras e investimentos públicos. A constante convivência com os engenheiros e arquitetos que pensavam e realizavam tudo isso também me fez compreender como as questões urbanas são tratadas e resolvidas na prática, concretamente, sendo essa experiência um complemento essencial para as leituras teóricas sobre cidade.

Nesse contexto, ao ter contato com teorias da psicologia ambiental, percebi nessa área de estudos interdisciplinar uma oportunidade de voltar à universidade estudando algo que tinha a ver comigo e com minha vivência. Curiosamente eu viria a unir, além da comunicação social, os dois cursos que eu havia deixado para trás no momento da escolha no vestibular: psicologia e geografia. As questões sobre espaço, lugar e afetividade me instigaram a fazer a disciplina de Psicologia Ambiental na UFC como aluna especial no segundo semestre de 2011, dando continuidade a esses estudos com a minha participação no Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental (Locus) durante todo o ano de 2012.

Minha saída da Prefeitura coincidiu com o início do mestrado, em 2013. A expectativa de me dedicar exclusivamente à pesquisa, entretanto, não foi possível de ser realizada, já que, por não ter tido bolsa de pesquisa, precisei conciliar, ao longo desses anos, o mestrado com o trabalho em tempo integral em uma área que, desta vez, não tinha relação com a minha pesquisa – circunstância que, embora não representasse a condição ideal de estudos, foi ressignificada como um desafio a ser vencido.

Este trabalho de mestrado tem por objeto o bairro Cidade 2000, em Fortaleza. Para mim, existe algo de especial e único nesse lugar, algo que pretendo abordar e compreender nesta dissertação: enquanto a metrópole Fortaleza se agiganta,

⁷ A orla marítima de Fortaleza totaliza 31,8 km, sendo que os projetos da Prefeitura nessa época estavam presentes em quase 60% desse litoral: 5,4 km (17%) do Vila do Mar; 2,0 km (6%) da Praia de Iracema; 3,0 km (9%) da Beira Mar e 8,4 km (27%) da Praia do Futuro.

gerando uma pressa e um medo, um distanciamento que nos afasta da cidade e uns dos outros, na Cidade 2000 as pessoas ainda param para viver a cidade, ocupam os espaços públicos, conversam até tarde da noite em suas ruas, calçadas e praças.

Nas grandes metrópoles, a relação mantida pelas pessoas com a urbe geralmente é bem mais discreta do que nas cidades menores – ou até nessas mesmas metrópoles há algumas décadas –, chegando ao ponto de não se conhecer o próprio vizinho. Isso é ainda mais comum em bairros de poder aquisitivo mais elevado, em que o medo da violência produz muros altos demais e a obsessão pela distância e pela privacidade gera prédios e condomínios cada vez mais assépticos, com apartamentos isolados em um andar inteiro.

Fortaleza, em seu célere processo de crescimento, pode facilmente ser encaixada nesse contexto. Na Cidade 2000, entretanto, as pessoas parecem caminhar na contramão dessa lógica, insistindo em uma vivência mais intensa da urbe. Estudar essa exceção positiva de convivência em uma grande metrópole sob a perspectiva da afetividade torna-se importante na medida em que, através desta pesquisa, podem-se descobrir e retratar caminhos para a relação potencializadora das pessoas com seus lugares.

Nas minhas visitas ao bairro, algumas perguntas de partida fizeram-se presentes: o que existe de diferente ali? De que modo os afetos entre os moradores e os espaços do bairro foram construídos ao longo do tempo para essa situação ser possível hoje? Até que ponto as origens e as histórias de vida dessas pessoas antes de viverem na Cidade 2000 influenciaram e construíram esse cenário?

O objetivo deste trabalho é investigar, através de entrevistas narrativas, a relação afetiva entre os moradores da Cidade 2000 e o bairro. Para isso, buscaremos identificar e analisar nas narrativas desses moradores as falas que tratem desses afetos para compreender os processos de apropriação do espaço e da construção de uma estima de lugar.

Com o propósito de responder a essas questões, esta dissertação foi dividida em cinco partes. A primeira é esta introdução, na qual escrevo minha própria narrativa antes de colher as dos moradores da Cidade 2000, apresentando a minha relação com o tema. Na segunda parte conto resumidamente a história de Fortaleza para depois localizar nela a Cidade 2000, seu contexto de surgimento dentro da

realidade de migrações do interior para a capital e das explosões demográficas e urbanas decorrentes desse movimento.

Na terceira parte é explorado o tema da afetividade, principalmente sob o ponto de vista de Vigotsky, e também o modo como as emoções foram vistas no discurso científico ao longo dos séculos. Depois, explano brevemente alguns conceitos importantes da psicologia ambiental, articulando-os com o nosso objeto de pesquisa, a Cidade 2000.

A quarta parte é destinada a uma explicação teórica sobre as entrevistas narrativas, sobre como esse método capta as histórias de vida e as interpreta procurando se colocar no lugar dos narradores. É aqui também que será discutida a metodologia da dissertação, com detalhamento sobre a seleção dos entrevistados e sobre as técnicas de captação e análise das narrativas.

A quinta parte deste trabalho, por fim, é destinada à análise das entrevistas. A proposta é que a estrutura desse capítulo siga as etapas de uma narrativa. São três subpartes com os verbos indicando ações dentro da trajetória dos entrevistados no bairro: o chegar (inícios), o permanecer (conflitos) e o enraizar-se e frutificar (equilíbrios possíveis). Por fim, as considerações fazem uma análise geral dos dados e resultados obtidos com a pesquisa.

2 A CIDADE 2000 E SEU LUGAR: FORTALEZA CRESCENTE

2.1 Fortaleza de areia

Não foi com o mesmo otimismo de Pero Vaz Caminha que o inglês Henry Koster, o primeiro cronista a relatar sobre Fortaleza, saudou a então pequenina vila. Se aquele entusiasticamente exaltava o Brasil como a terra que em se plantando tudo dá, Koster, passando pela singela capital da Colônia do Siará Grande no ano de 1810, durante longa jornada pelo Nordeste do Brasil, assim descreveu Fortaleza: apesar da boa aparência, “a dificuldade de transportes, terrestres, particularmente nessa região, e falta de um porto, as terríveis secas, afastam algumas ousadas esperanças no desenvolvimento de sua prosperidade” (KOSTER, 2002, p. 222).

Então com cerca de 1.200 habitantes, a vila era basicamente composta por quatro ruas sem calçamento partindo de uma praça – hoje Praça da Catedral – e mais outra rua ao norte, sem conexão com as outras, cortando aquelas imensas dunas. A fortaleza que daria nome à cidade ficava sobre uma colina de areia, escoltada por quatro canhões, sendo o maior deles curiosamente voltado em direção à própria vila.

O areal inóspito no qual a fortaleza estava encravada e uma desesperança implícita sobre o futuro daquela vila também seriam a marca da descrição dada por um outro cronista visitante, o norte-americano Daniel Kidder, em 1841.

A primeira cousa que se pode dizer do Ceará é que a cidade é inteiramente construída sôbre areia. Desde a praia até o bairro mais distante, só se vê areia. Se se anda a pé, a areia incomoda os pés; se o sol está quente, elas [sic] os queima, e, se sopra o vento, a areia enche-nos os olhos. [...] Quer se saia a pé, a cavalo ou em algum veículo, a areia nos incomoda sempre, e não raro são necessários dez bois para tirar um só carro (KIDDER, 1951, p. 137).

Quem decidiu a localização do Forte de Schoonenborch, alçado pelos holandeses sob o comando de Matias Beck em 1649, foi o hoje tímido e aterrado Riacho Pajeú, que à fortaleza fornecia água límpida e cristalina próximo à sua foz, pouco antes de seu reencontro com o mar. Foi ao redor desse forte que a cidade de

Fortaleza cresceu e se desenvolveu, formando o que hoje é o centro histórico da cidade.

No entanto, quase meio século antes, em 1603, era o português Martim Soares Moreno que chegava para participar da primeira exploração do território que viria a ser o estado do Ceará, juntamente com outros 60 soldados que combatiam na Paraíba sob o comando de Pero Coelho de Sousa (BARROSO, 1982). O objetivo era expulsar os franceses da Serra da Ibiapaba e encontrar as lendárias minas de prata que, contavam, existiam nessa região – riqueza de fato jamais encontrada por estas terras.

Apesar de a missão como um todo não ter terminado bem-sucedida, dela ficou o chamado Forte de São Tiago, na povoação de Vila Velha, em região que hoje corresponde ao bairro Barra do Ceará, no ponto onde o rio de mesmo nome desemboca no mar. Pero Coelho tinha batizado o lugar de Nova Lisboa, tentando lá desenvolver uma cidade sob a inspiração da capital lusitana.

Destruído por ataques indígenas os quais fizeram os portugueses dali fugir, o local onde havia estado o Forte de São Tiago daria espaço para a instalação do Forte de São Sebastião com o retorno, em 1611, de Martim Soares Moreno. Em sua primeira estada, anos antes, o colonizador havia feito amizade com os indígenas, aprendido sua língua e seus costumes, tornando mais fácil o apoio deles em sua nova empreita. Martim, entretanto, não ficaria por muito tempo: em 1613, foi chamado novamente a combater os franceses no Maranhão, numa sucessão de acontecimentos que o fez se afastar do Ceará por quase dez anos (FARIAS, 2007).

Apesar da malsucedida colonização na Barra do Ceará, Martim Soares Moreno foi por muito tempo unanimemente tido como o “fundador” do Ceará, sendo inclusive imortalizado na clássica obra *Iracema*, de José de Alencar, escrita em 1865, como o “guerreiro branco” que deu origem ao “primeiro cearense”, Moacir, filho do português com a índia Iracema.

Houve grande polêmica em Fortaleza, na metade do século XX, sobre a data e o local de fundação da cidade e sobre quem seria o autor de tal feito, se o português Soares Moreno ou se o holandês Matias Beck. A questão foi levantada e defendida pelo historiador e ex-prefeito Raimundo Girão, o qual argumentava que,

embora tenha sido Martim o legítimo conquistador do Ceará e por todos os títulos seja considerado o seu fundador, parece de justiça ligar a fundação da capital cearense ao nome de Matias Beck, pois que à égide de sua fortificação e ampliando-se em volta desta é que ela se enraizou e cresceu. Talvez porque ainda se recalque no espírito nacional inconsciente prevenção aos neerlandeses, tidos ao tempo da invasão como inimigos da pátria, à individualidade de Matias Beck não se tem tributado a homenagem que merece (GIRÃO, 1982, p. 5).

O também historiador Thomás Pompeu Sobrinho (1982) lembra que, quando Beck chegou à beira do Riacho Pajeú para erguer o forte, em 1649, a aldeia localizada na Barra do Ceará estava inteiramente abandonada pelos portugueses, tendo voltado a ser morada dos indígenas.

O autor observa ainda que esse aldeamento foi tão inexpressivo no contexto da formação da capital cearense que, durante três séculos, a Vila Velha vegetou completamente apartada da Vila do Forte, da Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção. Entre as duas vilas “estava um pequeno deserto; terreno desabitado, inculto. Ainda em 1925, a viagem desta Capital à Barra do Ceará, que não passava de um grupo desordenado de casinholas e choupanas, era penosa e difícil” (POMPEU SOBRINHO, 1982, p. 19). Somente com a abertura da Avenida Francisco Sá a ligação entre as duas regiões se tornou mais evidente.

O domínio holandês sobre estas terras, entretanto, também não haveria de durar. Gustavo Barroso (2004, p. 101) lembra que, em 1654, “quando os portugueses retomaram a capitania, estabeleceram-se no mesmo forte, que foi sofrendo modificações, acréscimos e consertos, tendo recebido o nome de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção”.

Passando incólume às polêmicas de qual seria o forte “original” a ter fundado Fortaleza, a data em que é comemorado o aniversário da cidade é o 13 de abril de 1726, quando o povoado foi elevado à categoria de vila. Em 1799, o Ceará é desmembrado de Pernambuco, e com isso Fortaleza ganharia o *status* de capital.

2.1.1 Expansões da vila

Desaparecido o motivo inspirador de sua origem – a exploração da prata –, conforme Raimundo Girão (1959, p. 65), “o grupo urbano que se arrumava em volta do forte de Nossa Senhora não sabia crescer”. Sendo muitas as carências, aquele vilarejo vivia apartado da metrópole em Portugal, e “mal podia ir prosseguindo em lerdo crescimento vegetativo”.

Lembrando as palavras do próprio Matias Beck – “é para lamentar não haveremos encontrado lugar mais próprio para aqui erguer a nossa fortificação” –, Girão (1959) lista razões pelas quais provavelmente aquele que erigiu a fortaleza tenha se lastimado: em seus arredores não havia possibilidade de lucro pelo garimpo de minérios; a terra não se prestava à criação de gado; não existia o massapê próprio para o cultivo da cana de açúcar; faltava um rio de grande curso que ligasse aquela área ao sertão ou mesmo fontes que dessem água pura e abundante durante todo o ano.

A aldeia restringia-se, então, a uma função quase exclusivamente militar. No entanto, os próprios oficiais não se animavam a realizar mudança definitiva para o novo local, sendo-lhes remota a possibilidade de se estabelecer naquele ermo ponto do litoral:

As atas do Conselho Ultramarino acham-se refertas das lamúrias dos Capitães-mores do Ceará, solicitando meios e medidas para a mais elementar sustentação da pequena e distanciada Colônia. Nem sequer se encorajavam eles a trazer as famílias, que não haviam de jogá-las, sujeitas a mil percalços, em lugarejo tão mísero, perdido no litoral descampo (GIRÃO, 1959, p. 66).

A situação de isolamento e falta de perspectiva iria começar a mudar a partir do já citado ano de 1799, quando a Capitania do Ceará se torna independente. Com isso, o Ceará passa a ter o direito de negociar diretamente com Portugal e estabelecer uma relação de comércio com a Metrópole. Poucos anos depois, em 1808, com o Decreto de Abertura dos Portos às Nações Amigas⁸, o Ceará passa a

⁸ A abertura dos portos se deu logo após a chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, quando esta fugia das pressões napoleônicas. Em troca da escolta inglesa durante a fuga, Portugal abriria mão do monopólio comercial em relação às colônias, permitindo que os portos do Brasil

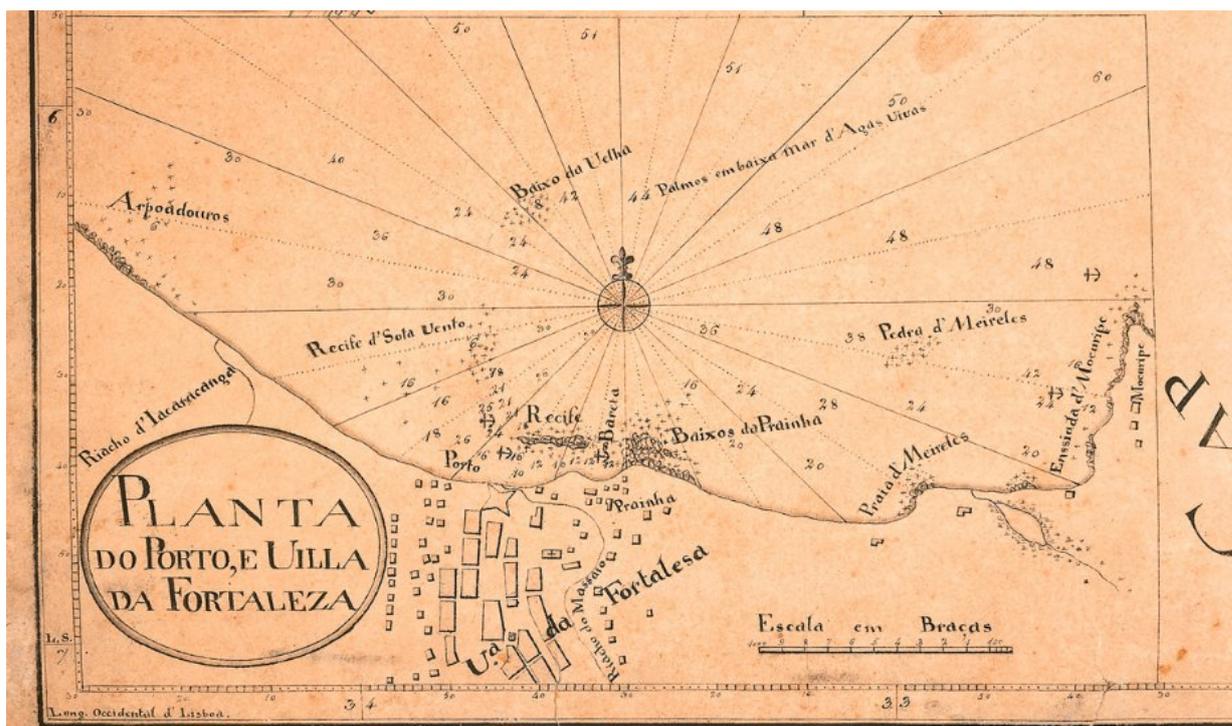
fazer negócios diretamente com a Inglaterra, exportando o algodão aqui produzido para suprir as necessidades da Revolução Industrial europeia.

A partir da independência do Ceará, este seria gerido não mais por capitães-mores, e sim por governadores. E foi o quarto deles, chamado Manuel Inácio de Sampaio, governador da Província do Ceará entre 1812 e 1820, que daria um passo importante para a atual caracterização do espaço urbano de Fortaleza.

O governador Sampaio viria de Portugal acompanhado do engenheiro Antônio José Silva Paulet, seu ajudante de ordens, o qual, além de promover a reconstrução da Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção, sistematizou o primeiro plano urbanístico para Fortaleza (figura 1), com as ruas em formato de xadrez – modelo que seria seguido nos planos urbanísticos posteriores e que se tornaria uma característica de boa parte das ruas da capital cearense. Interessante observar que o Riacho Pajeú – hoje frágil, aterrado e com um fluxo que só se torna considerável em épocas de chuva forte – aparece como um limite físico da vila, com poucas edificações à sua margem direita em direção ao que hoje seria o bairro Aldeota.

comercializassem diretamente com outros países além de Portugal. Na prática, isso significou o fim do Pacto Colonial, o qual impunha que todas as transações comerciais dos produtos das colônias passassem pelas alfândegas de Portugal, sendo a quebra desse contrato um passo importante para o processo de independência do Brasil (FARIAS, 2007).

Figura 1 – Plano urbanístico de Silva Paulet (1813)



Fonte: <http://bit.ly/1H7lqxJ>. Acesso em: 28 fev. 2015.

Português de descendência francesa, Paulet impediu que o crescimento da vila continuasse a seguir a tortuosidade do Riacho Pajeú, promovendo um traçado mais metódico baseado nas cidades hispano-americanas, com as ruas se cortando em ângulos de 90°. Assim descreve Raimundo Girão (1959, p. 110-111):

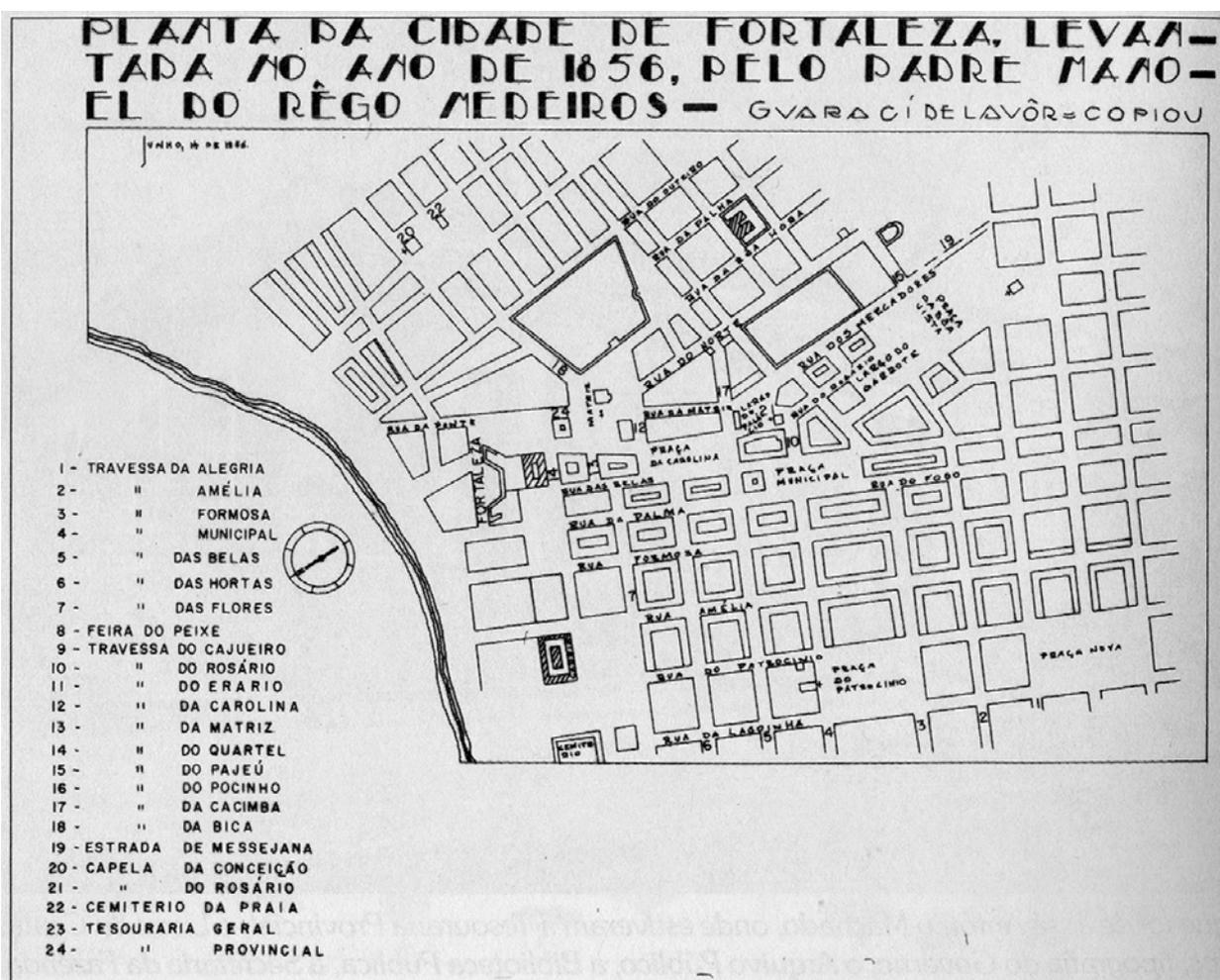
Corrigindo na sua planta, quanto possível, os erros existentes, o esclarecido engenheiro desprezou o sentido velho do crescimento da vila e, de modo resoluto, puxou-o para o estilo quadrangular, que a tanto se prestava a natureza relativamente plana do terreno. [...] No Brasil avultam exemplos de tal traçado, sendo de notar que o de Fortaleza é, incontestavelmente, o melhor; e isto se deve ao retardamento do progresso da cidade quando, no início do século passado, os acontecimentos históricos lhe criavam um clima favorável.

O maior continuador e consolidador da proposta urbana de Paulet foi o também engenheiro Adolfo Herbster, auxiliar do boticário Antônio Rodrigues Ferreira – aquele que dá nome à principal praça de Fortaleza – durante a passagem deste pelo cargo de Presidente da Câmara, que ocupou de 1843 até seu falecimento, em

1859. De acordo com Girão (1959), a grande preocupação de Ferreira era com o aformoseamento da urbe que lhe fora confiada.

Antes da contratação de Herbster, entretanto, haviam sido levantadas duas plantas do município: a primeira delas era um simples desenho cartográfico feito pelo arruador Antônio Simões Ferreira de Faria. A segunda era um mapa traçado em 1856 pelo Padre Manuel de Rego Medeiros (figura 2), o qual mostra uma cidade definida integralmente de acordo com o esquema projetado por Silva Paulet décadas antes. Girão (1959) observa o evidente contraste entre a cidade antiga, típica e espontaneamente topográfica, e a cidade nova, a qual aumentava obediente à geometria do traçado ortogonal retangular.

Figura 2 – Planta de Fortaleza pelo Padre Manoel do Rêgo Medeiros (1856)



Fonte: <http://bit.ly/1L7zV8s>. Acesso em: 28 fev. 2015.

Adolfo Herbster, pernambucano filho de suíço-alemão, veio para Fortaleza em 1855, assumindo no ano seguinte a direção das obras públicas gerais. Em abril de 1859, Herbster finalizava a *Planta Exacta da Capital do Ceará*, a qual evidenciava a dificuldade do conjunto urbano em vencer as areias que o cercavam – o núcleo edificado para oeste, por exemplo, não ia além da atual Rua Senador Pompeu (GIRÃO, 1959).

Em 1875, o engenheiro levantou outra planta com um plano de expansão da urbe (GIRÃO, 1959). As linhas de enxadrezamento vão, a leste, até a Rua da Aldeota (hoje Nogueira Acioli); a sul, até a Rua dos Coelhos (Domingos Olímpio) e, para oeste, até as praças Fernandes Vieira e Paula Pessoa (hoje Mercado São Sebastião).

Limitando o núcleo urbano com largas avenidas sob a inspiração da Planta de Paris, Herbster desenhou, a oeste, o Boulevard do Imperador (atual Avenida do Imperador); a leste, o Boulevard da Consolação (hoje Avenida Dom Manuel); e, ao sul, o Boulevard Duque de Caxias. A proposta de Herbster foi tão significativa para Fortaleza que até hoje o Centro da cidade é circunscrito nos limites dessas avenidas (COSTA, 1988).

Em 1888, já aposentado, Herbster elaborou nova planta diretora (figura 3), ampliando e consolidando o enxadrezamento. Foi esse mapa que daí em diante condicionou o desenvolvimento e a remodelação da cidade – embora nem todos os administradores municipais que viriam a assumir o poder em Fortaleza tenham obedecido estritamente o que estava nesse último plano de Herbster para a cidade (GIRÃO, 1959).

2.2 Raízes do pensamento colonial: terras e mares

A lógica que seguiu o desenho urbano de Fortaleza – o modelo enxadrezado, analítico e simétrico primeiramente proposto por Paulet e continuado pelos demais planejadores – vai de encontro à tendência da colonização portuguesa de ter mais liberdade e flexibilidade em relação à forma que as cidades tomariam, enquanto as colônias hispânicas na América costumavam ter regras urbanas bem rígidas.

No clássico ensaio *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda (1995), no capítulo “O semeador e o ladrilhador”, traça uma comparação entre os dois estilos ibéricos de governar as colônias além-mar: a construção de cidades em colônias sob o comando hispânico deveria começar sempre pela chamada praça maior, em formato quadrilátero, com a largura correspondendo a no mínimo dois terços do próprio comprimento. Essa praça serviria de base para o traçado das ruas: as quatro principais sairiam do centro de cada face da praça, com mais duas saindo de cada ângulo – os quatro ângulos, aliás, deveriam olhar para os quatro ventos. Havia especificidades sobre o tamanho da praça de acordo com o tamanho da povoação, e sobre a largura conforme o clima da região.

Nas cidades hispano-americanas, a povoação partia nitidamente de um centro, distribuindo-se simétrica como ladrilhos. Já para as colônias de Portugal, como lamenta Holanda (1995, p. 110), não restara nenhum rigor, nenhum método, nenhuma previdência, apenas esse abandono tão bem expresso pela palavra “desleixo” – a qual o escritor Aubrey Bell considerou “tão tipicamente portuguesa como ‘saudade’ e que, no seu entender, implica menos falta de energia do que uma íntima convicção de que ‘não vale a pena...’”.

Ao analisar a lírica dos antigos cancioneiros portugueses, Buarque de Holanda encontra semelhanças entre o discurso poético e os fazeres de ordem prática, como na construção de uma cidade.

A ordem [que a poesia portuguesa] aceita não é a que compõem os homens com trabalho, mas a que fazem com desleixo e certa liberdade; a ordem do semeador, não a do ladrilhador. É também a ordem em que estão postas as coisas divinas e naturais pois que, já o dizia Antônio Vieira, se as estrelas estão em ordem, “he ordem que faz influência, não que faça labor. Não fez Deus o Céu em xadrez de estrelas [...]” (HOLANDA, 1995, p. 116).

Para os portugueses, a colônia é vista e tratada como simples lugar de exploração e passagem, tanto pelo governo como pelos súditos, enquanto os espanhóis empregavam esforço em construir cidades habitáveis pelos europeus, inclusive em terrenos de grande altitude que imitavam o clima mais ameno presente na Península Ibérica.

No Brasil, as antigas cidades coloniais seguem esse traço “desleixado”, ao deus-dará, o que melhor conviesse às circunstâncias do momento. Holanda (1995) lembra que, na Bahia, começos do século XVIII, um viajante anotava que as casas se achavam dispostas conforme o capricho dos moradores. Tudo era irregular, e a própria praça principal, o Palácio dos Vice-Reis, parecia estar ali somente por acaso, seguindo lógica alguma. Já em São Vicente e em Santos, hoje contidas no estado de São Paulo, o governador-geral do Brasil no primeiro século de colonização se queixava de não poder murar aquelas vilas, dada a complicada disposição das casas. A sinuosidade também seria marca em grande parte do Rio de Janeiro e de muitas das cidades históricas de Minas Gerais.⁹

A lógica assimétrica das ruas, distintivo de várias cidades brasileiras, não alcançou Fortaleza por alguns motivos: primeiramente, o seu quase nenhum desenvolvimento urbanístico à época da colonização lusitana. Depois, a forte característica de seu terreno plano não tornava complicada a construção de ruas paralelas e esquinas em ângulo reto. Ao aqui aportar em inícios do século XIX, Silva Paulet não teve dificuldade em enquadrar a ainda nascente cidade em seu plano retilíneo.

Apesar de ter fugido dos padrões portugueses no que concerne ao desenho urbanístico, Fortaleza seria fruto de uma típica especificidade da colonização lusitana: a preferência pelo litorâneo, enquanto os castelhanos preferiam as terras do interior e os planaltos. A influência dessa colonização costeira se reflete em nossa linguagem: quando se fala em “interior”, observa Holanda (1995), pensa-se,

⁹ A tese de Sérgio Buarque de Holanda acerca da falta de preocupação com a forma por parte dos portugueses é refutada por alguns autores, entre eles Reis Filho (2000, p. 67), o qual defende que o estilo lusitano de vias não paralelas acabava por se adequar melhor às condições de topografia e de defesa das nascentes cidades, respeitando e acompanhando as características dos lugares de relevo mais alto e irregular.

como no século XVI, em região escassamente povoada, erma, sem forte presença da cultura urbana.

Entretanto, apesar de ser um óbvio exemplo das prioridades e dos modos portugueses quando da colonização, curiosamente Fortaleza iria se desenvolver sob o signo de uma estrutura de pensamento tipicamente hispânica: durante muito tempo, a cidade cresceria de costas para o mar, vendo o oceano como lugar impróprio para a moradia, como que a ouvir em algum profundo nível de consciência as antiquíssimas recomendações da Coroa de Castela:

Não se escolham, diz o legislador, sítios para povoação em lugares marítimos, devido ao perigo que há neles de corsários e por não serem tão sadios, e porque a gente desses lugares não se aplica em lavrar e em cultivar a terra, nem se formam tão bem os costumes (HOLANDA, 1995, p. 99).

Mas esse entendimento negativo acerca do oceano e daquilo que provém dele, dos seus arredores, tem raízes ainda mais antigas. No Ocidente, o mar foi por muito tempo visto como um lugar de perigo, fonte de medo. São ancestrais as ameaças e lendas sobre monstros famintos, abismos intransponíveis, deuses terríveis – tudo parecia associar e aproximar a ideia que se tinha sobre os mares à imagem da própria morte.

Esse desconhecido passou a ser desbravado quando as necessidades mercantis de uma Europa que queria deixar a Idade Média impuseram aventurar-se. A morte deixou de ser apenas uma imagem e passou à realidade em muitos casos, como dito nos versos de Fernando Pessoa:

Ó mar salgado
quanto do teu sal são lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
(PESSOA, 1934, p. 64).

O poeta, traduzindo os afetos portugueses da época das grandes navegações, discorre sobre como os lusitanos bravamente enfrentaram as tormentas, os gigantes; é a voz do trêmulo mas determinado homem do leme se

deparando com o monstrengo habitante do fim do imenso mar sem fundo: “aqui ao leme sou mais do que eu/ sou um povo que quer o mar que é teu” (1934, p. 57). O propósito divino maior de que a terra fosse toda uma, “que o mar unisse, já não separasse” (1934, p. 51), não viria, portanto, sem perdas, dores e grandes esforços.

Com os novos conhecimentos e as tecnologias aprendidas, o tempo do desconhecido, do medo e das terríveis lendas foi-se abrindo e dando lugar à familiaridade, à esperança e a uma calorosa recompensa – “Deus ao mar o perigo e o abismo deu, mas nele é que espelhou o céu” (PESSOA, 1934, p. 64).

Ainda assim, não foi com total abertura que os europeus aqui aportados trataram o litoral. Durante muito tempo manteve-se a imagem do mar como algo negativo, fazendo a cidade de Fortaleza crescer de costas para o mar, desvalorizando a zona praiana para o uso habitacional. A essa antiga representação ibérica acerca dos oceanos como lugar impuro somou-se um fator mais iminente: as imigrações de pessoas vindas do interior, em geral fugindo das péssimas condições de vida que a seca impunha na zona rural.

Os migrantes mais pobres que recorriam a Fortaleza iriam acabar se achegando a áreas que eram pouco valorizadas pela elite: a região costeira, que era lugar de habitação das comunidades de pescadores, passou a ser dividida com o grande contingente de sertanejos oriundos do interior do Ceará, formando assim as primeiras favelas de Fortaleza. Foi nesse contexto que se deu o surgimento do Arraial Moura Brasil, no século XIX, e do Pirambu, no século XX.

A relação entre Fortaleza e seu sertão deixa marcas no âmbito humano e arquitetônico, forjando uma cidade litorânea com alma sertaneja, a ponto de fazer Fortaleza esquecer, em um primeiro momento, a paisagem praiana e voltar-se para o interior. A vinda de pessoas do sertão para construir a capital, culminando em uma metrópole na dimensão em que ela hoje existe, relativiza no imaginário social a importância dada ao mar, e as faixas litorâneas acabariam por se tornar parcamente valorizadas à época.

Conforme lembra Eustógio Dantas (2002) em seu estudo sobre a maritimidade em Fortaleza, a chamada cidade litorânea-interiorana mantém relações pontuais com a faixa de praia: por meio do porto, as necessidades de consumo e comércio dependem do mar. Menos frequentemente, as práticas terapêuticas, de

recreação e lazer por parte das classes abastadas. O porto levava e trazia da Europa não apenas produtos, mas também ideias: os mais ricos costumavam mandar seus filhos para estudar na França, o que provocou grande impacto e influência na cultura fortalezense no período batizado de *Belle Époque*.¹⁰

As transformações sobre como Fortaleza veria e trataria seu litoral vieram durante o século XX, quando a maritimidade no Ceará adquire características diferenciadas das dos outros séculos. Esse movimento direciona a cidade para o mar, sem, contudo, enfraquecer seu caráter interiorano, marcando “o início da *litoralização* do Ceará, processo ligado ao fenômeno de constituição da cidade moderna” (DANTAS, 2002, p. 48).

Observa-se, então, de um lado, o deslocamento habitacional do Centro para o sul e o oeste, com o estabelecimento de bairros “vocacionados” para a habitação, como Jacarecanga e Benfica. O primeiro, até os anos 1940, era considerado o mais aristocrático. O palacete de José Gentil, atual prédio da Reitoria da Universidade Federal do Ceará, no Benfica, rivalizava em ostentação com o da família de Pedro Filomeno Gomes, na Jacarecanga, onde havia casas baseadas em modelos europeus (JUCÁ, 2000).

De outro lado, o deslocamento do Centro se dava nas direções norte e leste, em busca de lugares de veraneio e lazer, com a construção de chácaras no atual bairro Meireles e de residências secundárias na Praia de Iracema. Nessa área começam a ser construídos casarões, como o do Coronel Porto, atual Estoril, em 1926, e também clubes para a alta sociedade, como o Náutico Atlético Cearense, cuja primeira sede seria estabelecida ao lado da ponte metálica, na antiga Praia Formosa, em 1929, mudando-se para a atual localização na Volta da Jurema somente em 1950.¹¹

¹⁰ *Belle Époque* é um termo francês que significa “belos tempos” e traduz a euforia europeia com as novidades da revolução científico-tecnológica (1850-1870 em diante). Nas principais cidades brasileiras, a França era um modelo não só sob o ponto de vista urbano, político e econômico, mas também de comportamentos e condutas. Em Fortaleza, essa pretensão remodeladora surge a partir de 1860, com o aumento da exportação algodoeira cearense, numa tentativa de alinhar a expansão urbana e econômica da cidade com os padrões estéticos e materiais dos grandes centros urbanos europeus (PONTE, 2007).

¹¹ A construção da nova sede do Náutico foi feita com grande alarde em Fortaleza, tendo como meta tornar aquele “prédio majestoso” um dos principais cartões-postais da cidade. De fato, o clube viria a se tornar motivo de orgulho dos fortalezenses, sendo bairristamente apresentado como um dos edifícios “mais belos e confortáveis da América do Sul”. O Náutico acolheu muitos carnavais, bailes e tertúlias “suntuosas”, sempre em um ambiente aclamado pelas elites frequentadoras como sendo “de

Entretanto, Jucá (2000, p. 37) lembra que a valorização da Praia de Iracema foi efêmera: no fim da década de 1940, com a construção do Porto do Mucuripe – cuja instalação era defendida pelos nobres moradores sob a condição de que isso não afetasse seus interesses –, muitas das residências

foram abandonadas ou destruídas, não por meio de desapropriações, mas sobretudo pelo avanço das marés, em decorrência das obras de construção do porto. [...] A obra de implantação do porto e a consequente destruição da praia de Iracema testemunhavam a contradição entre as medidas voltadas às melhorias urbanas, a cargo das autoridades locais, e os resultados concretos obtidos.

Essa, infelizmente, não seria a primeira nem a última vez que a instalação de equipamentos “modernos” sem as devidas mensurações dos consequentes impactos ambientais trariam prejuízos aos moradores de Fortaleza, fossem eles ricos ou pobres – apesar de estes últimos costumarem ser, na esmagadora maioria dos casos, os mais afetados.

Com a erosão sofrida pela Praia de Iracema por causa das obras do porto, cada vez mais se valorizava o bairro Aldeota, na área leste da cidade, que, por volta da década de 1940, começou a crescer, embora seus limites esbarrassem no final da linha dos bondes, entre as ruas Silva Paulet e José Vilar.

Uma nova centralidade é definida em Fortaleza a partir da definição da Aldeota como o bairro de habitação nobre, de atividades comerciais e administrativas, por volta da década de 1950. Já na zona oeste ficaram as classes menos abastadas, acompanhando a estrada de ferro e as antigas indústrias da Jacarecanga – além do constante crescimento do Pirambu, à beira-mar.

distinção, ordem e respeito” (JUCÁ, 2000, p. 137-138). Hoje, o prédio histórico, mesmo sendo patrimônio tombado pelo município, corre o risco de ser derrubado para dar lugar a um hotel cinco estrelas e a um shopping center de luxo.

2.3 Os processos migratórios na construção de Fortaleza

A seca e seus impactos na estrutura socioeconômica do Ceará e do Nordeste são questões antigas. Rodolpho Theóphilo (1922, p. 12) afirma que “a repetição frequente da seca nestes últimos vinte anos só não aniquilou o Ceará devido à energia de seus habitantes” e conta que, em Fortaleza, durante a seca de 1877, dezenas de milhares de pessoas vindas do interior procuravam abrigo à sombra dos cajueiros nos subúrbios da cidade e sobreviviam de esmolas.

Ao longo do século XX, a situação iria se agravar mais e mais: a cada década, a cada seca, os migrantes se acumulavam na capital cearense, formando favelas nas áreas menos valorizadas pela elite. Essa explosão demográfica em nível exponencial impactou enormemente o processo de formação de Fortaleza, já que o crescimento não se dava de modo proporcional no âmbito da infraestrutura. Novos bairros iam surgindo sem que houvesse um acompanhamento de serviços básicos de saneamento, tais como sistema de água, esgoto e drenagem.

Ao se comparar as populações gerais do Ceará e de Fortaleza ao longo das décadas, percebe-se que o crescimento da capital, em geral, foi bastante maior que o do estado, especialmente em meados do século XX, constatando-se a grande quantidade de pessoas que nessa época veio povoar e construir a principal zona urbana cearense.

Quadro 1 – População do Ceará e de Fortaleza com respectivo crescimento intercensitário

Ano	Ceará	Crescimento intercensitário	Fortaleza	Crescimento intercensitário
1872	721.689	-	42.458	-
1890	805.687	11,6%	40.902	-3,7%
1900	849.127	53,8%	48.369	18,2%
1920	1.319.228	55,3%	78.536	62,2%
1940	2.091.032	58,5%	180.185	129,4%
195*0	2.695.450	28,9%	270.169	49,9%
1960	3.337.856	23,8%	514.818	90,5%
1970	4.491.590	34,5%	872.702	66,6%
1980	5.380.432	19,7%	1.338.793	62,5%
1991	6.362.620	18,2%	1.765.794	31,9%
2000	7.418.476	16,6%	2.138.234	21,1%
2010	8.452.381	13,9%	2.452.185	14,7%

Fonte: Dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) e organizados pela autora.

Percebe-se, nos números oferecidos pelo IBGE, que, entre as décadas de 1940 e 1990 – ou seja, em apenas 50 anos – a população de Fortaleza se multiplicou por dez. Esse aumento, em sua maior parte proveniente de migrações, foi causa de grandes impactos na capital, especialmente do ponto de vista estrutural e urbanístico, mas também sob a ótica cultural. É como se Fortaleza se tornasse, a cada chegada de um seu novo filho, um pouco mais interiorana, um pouco mais sertaneja.

Essa mistura entre cidade e sertão é possível porque a posse de padrões culturais comuns não dá origem, na cidade, a uma comunidade isolada de migrantes rurais, ao contrário do que acontece com imigrantes estrangeiros, conforme lembra Durham (1973). De acordo com a autora, essas diferenças culturais não parecem ser tão marcadas a ponto de gerar uma identidade comum que una os migrantes:

em vez disso, eles se dispersam na população, se dissolvem nela, perfazendo na cidade que os recebe uma troca constante entre a cultura urbana e a camponesa.

Mas quem eram esses novos habitantes de Fortaleza? Quais suas motivações, seus anseios? No início da década de 1960, o Governo do Estado do Ceará realizou uma pesquisa por amostragem para compreender por que e de que maneira se davam as migrações para Fortaleza, assim como seus impactos urbanísticos para a capital. Nessa investigação, constatou-se que apenas 17,3% dos moradores de favelas eram nascidos em Fortaleza, sendo 82,7% deles migrantes. Desse total de não fortalezenses, 85,7% eram provenientes do interior do Ceará e 9,8% de outros estados do Nordeste (CEARÁ, 1967).

A década de 1950 se mostra como a mais importante na chegada de migrantes a Fortaleza até o momento da pesquisa – a qual foi iniciada em 1961 e finalizada em 1963 –, liderando com um total de 44,8%.

Quadro 2 – Época da chegada dos migrantes a Fortaleza

Ano da chegada	Número	Percentual
Antes de 1900	5	0,6
1900 a 1909	5	0,6
1910 a 1919	22	2,7
1920 a 1929	43	5,2
1930 a 1939	116	14,0
1940 a 1949	190	23,0
1950 a 1959	370	44,8
1960 +	68	8,2
Não sabe	7	0,8
Não declarado	1	0,1
Total	827	100,0

Fonte: Governo do Estado do Ceará (1967, p. 110).

Esse número é condizente com os dados fornecidos pelo IBGE, os quais revelam um aumento de mais de 90% na população de Fortaleza entre os censos de 1950 e 1960. É importante destacar que, ao longo da década de 1950, duas grandes secas assolaram o Nordeste: a de 1951-1952 e a de 1958, as quais certamente

influenciaram no fato de a população da capital ter quase dobrado em apenas uma década.

A pesquisa listou as principais razões que levaram o migrante a deixar o lugar onde nasceu. De acordo com a frequência das respostas, o resultado foi o seguinte: em 1º lugar, vinha a procura de uma melhoria de situação (14,2%), formado por um grupo que não via possibilidades de ascensão social em seu local de origem. Em 2º lugar, estava o papel de acompanhar os pais (13,2%), sendo esse percentual formado principalmente por crianças que foram trazidas junto com a família durante as migrações.

Em 3º lugar, as pessoas vinham acompanhando uma família (12,0%), grupo descrito como pessoas que por algum motivo deixaram sua família biológica e se incorporaram a outra, seguindo esta em seu processo migratório para Fortaleza. Em 4º lugar, a mudança se dava em consequência da seca (10,7%), percentual relativo às pessoas, muito provavelmente em trabalhos ligados à agricultura, que citaram diretamente a escassez hídrica como determinante para a migração. Em 5º lugar estava a busca de um emprego (8,9%), grupo formado por pessoas que encontravam dificuldades em encontrar um trabalho satisfatório em seus lugares de origem.

Ao responder o que mais desejavam obter na vinda para Fortaleza, 24,5% disseram que a intenção era conseguir um emprego; 18,6% ansiavam por possuir um imóvel; e 11% queriam melhorar de vida. Sobre a resolução da mudança para Fortaleza, 42,6% dos entrevistados afirmaram que essa foi uma decisão própria, enquanto 28,7% foram influenciados por alguém e 12,7% receberam convites diretos.

A grande maioria dos que vieram a Fortaleza em busca de ter seu próprio imóvel foi bem-sucedida: três quartos das famílias de migrantes moravam em casa própria, de acordo com a pesquisa. Considerando a débil condição financeira com que eles deixavam seus locais de origem, pode-se imaginar que essa casa própria era proveniente não de terrenos ou imóveis comprados de forma regular, em bairros com infraestrutura: na verdade, essas casas eram frutos de ocupação de áreas públicas ou privadas, muitas vezes causando desequilíbrios ambientais e gerando uma situação de vulnerabilidade para essas famílias.

Esses imóveis na área urbana, em alguma medida, procuravam reproduzir a estrutura da casa do sertanejo em seu ambiente rural. Coelho (2007) traça um paralelo entre os elementos dos bairros populares e os da fazenda: a rua seria equivalente ao terreiro, um lugar que ao mesmo tempo é de passagem e da casa, sendo apenas relativamente público. Isso se projetaria na apropriação das ruas da periferia como espaço de jogos, por exemplo. Já a calçada seria uma espécie de sala de visitas coletiva, substituindo o alpendre da casa do campo. O visitante se comporta como se estivesse meio fora, meio dentro da casa. Embora a mudança do espaço rural para o urbano fosse abrupta, é como se os migrantes fossem encontrando maneiras de tornar aquele espaço mais seu, inserindo elementos e hábitos que faziam parte de seu modo de vida anterior.

A pesquisa oficial do Governo do Estado do Ceará faz uma análise sobre o contexto e as consequências das migrações para Fortaleza.

O extraordinário afluxo de pessoas, vindas do interior, para tentar a aventura urbana em Fortaleza, se veio agravando ano a ano, podendo-se atribuí-lo às condições específicas das áreas de expulsão dos emigrantes [...]; ao melhoramento das condições de assistência social e médica; à superestimação das possibilidades de colocação de mão de obra, com a instalação de novas indústrias, tudo isto concorrendo para aumentar o fluxo de gente para Fortaleza, em desproporção com a capacidade local de sua absorção em atividades econômicas produtivas (CEARÁ, 1967, p. 55).

A cidade era, portanto, um atrativo para aqueles que já não podiam depender das condições climáticas para sobreviver; a constância dos empregos ligados aos setores de indústria e serviços oferecida pela crescente metrópole fez com que muitos viessem em busca de um novo estilo de vida, mais urbano, próspero e “moderno” – embora as expectativas esbarrassem na realidade da falta de infraestrutura e na própria saturação da mão de obra, já que as empresas não eram capazes de absorver toda a oferta excedente de trabalhadores.

O urbanista Hélio Modesto, também responsável pela elaboração de um plano diretor para Fortaleza, liderou, em 1961, uma equipe que fez um levantamento das principais favelas de Fortaleza, incluindo estimativa de população. Esses pesquisadores também constataram ser a migração contínua para Fortaleza o grande fator de formação das favelas.

Quadro 3 – Estimativa da população das principais favelas de Fortaleza em 1961

Localização	Nº de habitantes
<i>I – Faixa da Beira-Mar</i>	<i>5.350</i>
Mucuripe	1.000
Volta da Jurema	450
Iracema	100
Poço da Draga	450
Usina	700
Arraial Moura Brasil	1.500
Jacarecanga	400
Pirambu	750
<i>II – Outras áreas</i>	<i>53.950</i>
Pirambu	40.000
Campo do América	3.100
Estrada de Ferro	2.250
Cercado do Zé Padre	1.000
Mucuripe	1.800
Varjota	1.700
Meireles	1.100
Lagamar	800
Morro do Ouro	600
Praça da Graviola	500
Papequinho	250
Total	59.300

Fonte: Ceará (1967, p. 53).

Diante desse quadro caótico, medidas urgentes precisavam ser tomadas para suprir a demanda crescente por habitação. A desproporção entre o volume das necessidades urbana a atender e o das necessidades de fato atendidas era imensa. As instituições, os projetos e os serviços não se multiplicavam como a população.

2.4 Um conjunto popular nas entranhas do Sítio Cocó

Criado no ano de 1964, durante a ditadura militar, o Banco Nacional da Habitação (BNH) tinha como objetivos reduzir o déficit de moradia e financiar a infraestrutura das cidades. Em Fortaleza, o BNH foi responsável por dar vazão à crescente e inesgotável demanda por habitação decorrente do crescimento exponencial da população.

Por meio do BNH, vários conjuntos habitacionais foram construídos durante a década de 1970 na capital cearense, como Prefeito José Walter, Conjunto Ceará e Cidade 2000. Este último se diferenciava dos demais pelo fato de ser o único conjunto voltado para as camadas mais pobres da cidade construído na área leste de Fortaleza, enquanto os outros eram erguidos na periferia, já no limite de Fortaleza com outros municípios, nas direções sul ou oeste.

De fato, a Cidade 2000 era uma exceção na política habitacional proposta pelo governo na década de 1970, a qual recomendava a construção desses conjuntos nas direções oeste e sul. O Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Fortaleza (Plandirf) assim justificava essa decisão:

A atual estrutura radiocêntrica de Fortaleza, já bastante comprometida no centro da trama urbana, é contraindicada para a localização de conjuntos habitacionais, sendo recomendável a sua localização na vizinhança dos principais eixos viários de ligação da cidade com sua região de influência. Em decorrência, indica-se prioritariamente que os terrenos a serem adquiridos pela COHAB e COHTRACE estejam situados nos eixos que constituem o sistema de trânsito rápido, principalmente em direção a Caucaia e Maracanaú (SERFHAU, 1972, p. 210).

O caráter não periférico da Cidade 2000 e a proximidade desse conjunto com a Aldeota – bairro que estava em rápido processo de se firmar como um dos mais ricos da capital –, no entanto, eram relativos: apesar de distar apenas cerca de quatro quilômetros daquele bairro, não havia nenhuma via de acesso pela qual se pudesse chegar ao conjunto, sendo a 2000 como uma ilha de pedras em meio às árvores e ao mangue do Sítio Cocó, que até bem pouco tempo atrás era uma imensa área intocada.

Apesar disso, os anúncios de jornal da época alardeavam o “novo conceito em habitação” que representava o projeto da Cidade 2000. Vendendo as casas do conjunto como “a residência ideal”, a propaganda publicada no jornal *Unitário*, com o título “Viva o futuro da Cidade 2000”, focava o benefício de realizar o sonho da casa própria pelo preço mensal de uma prestação de aluguel, investindo na imagem de agradabilidade do lugar.

Cada casa está projetada de tal forma que para onde Você olhar terá espaço livre à sua volta. Nada de parede-meia. Sua intimidade familiar será preservada. No entanto, Você terá bons vizinhos e bons amigos porque a Cidade 2.000 foi concebida para uma vida social dinâmica e saudável (VIVA..., 1970, p. 6).

O anúncio publicitário convidava todos a viver “em clima saudável no bairro mais cosmopolita de Fortaleza: A CIDADE 2.000 está sendo construída no planalto da Nova Aldeota, ao lado da Av. Santos Dumont”. O texto ignorava, porém, o fato de haver verdadeiras barreiras de vegetação e dunas entre a “velha Aldeota” e o lugar, e também fechava os olhos para a realidade da Avenida Santos Dumont, que acabava muito antes de onde começava o conjunto. Fica no ar ainda de que modo o adjetivo “cosmopolita” poderia se aplicar à realidade de um bairro tão remoto e sem infraestrutura como aquele que surgia.

Figura 4 – Anúncio de página inteira em jornal local sobre lançamento da Cidade 2000

VIVA O FUTURO NA CIDADE 2.000



NÔVO CONCEITO EM HABITAÇÃO

A CIDADE 2.000 foi projetada para atender às exigências de pessoas como Você, que procuram soluções de conforto e bem-estar. Você e sua família viverão em um centro habitacional funcionalmente moldado para proporcionar todos os serviços de uma cidade do futuro. Escolas, postos de saúde, centro comercial e recreativo e um terminal rodoviário foram incluídos no projeto para que Você tenha todo o conforto, em clima saudável no bairro mais cosmopolita de Fortaleza. A CIDADE 2.000 está sendo construída no planalto da Nova Aldeota, ao lado da Av. Santos Dumont.

A CIDADE 2.000 é o centro urbano do futuro. Com vantagem de estar sendo construído hoje para Você. A surpresa maior está nas prestações—a partir Cr\$ 11

A RESIDÊNCIA IDEAL

Cada casa está projetada de tal forma que para cada Você obterá espaço livre a seu gosto. Nada de grade-muito. Sua liberdade familiar será preservada. No entanto, Você terá bons vizinhos e bons amigos porque a CIDADE 2.000 foi concebida para uma vida social dinâmica e saudável.

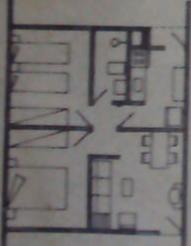
VOCÊ PODE MORAR NA CIDADE 2.000

Três tipos de casa e um de apartamento foram projetados para satisfazer suas exigências. Seja qual for o seu orçamento, a CIDADE 2.000 oferece a oportunidade de Você adquirir um patrimônio para sua família, dando-lhe um abrigo constante, resistente ao tempo, consolidado em pedra e cal.

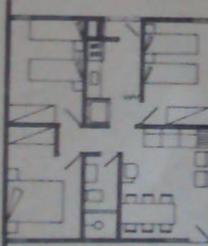
VOCÊ NÃO PAGARÁ MAIS ALUGUEL

É a melhor oportunidade que Você tem para fazer constante do aluguel. O dinheiro que Você entrega ao proprietário do caso em que Você mora será a concretização do seu sonho mais precioso: a compra de um imóvel próprio.

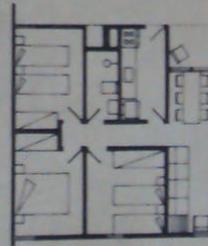
Solicite a visita de um representante pelos telefones: 21-0378, 21-4309, 24-2773 e 24-2943, ou dirija-se diretamente à Rua MAJOR FACUNDO, 286



CASA TIPO A



CASA TIPO B



CASA TIPO C



APARTAMENTO

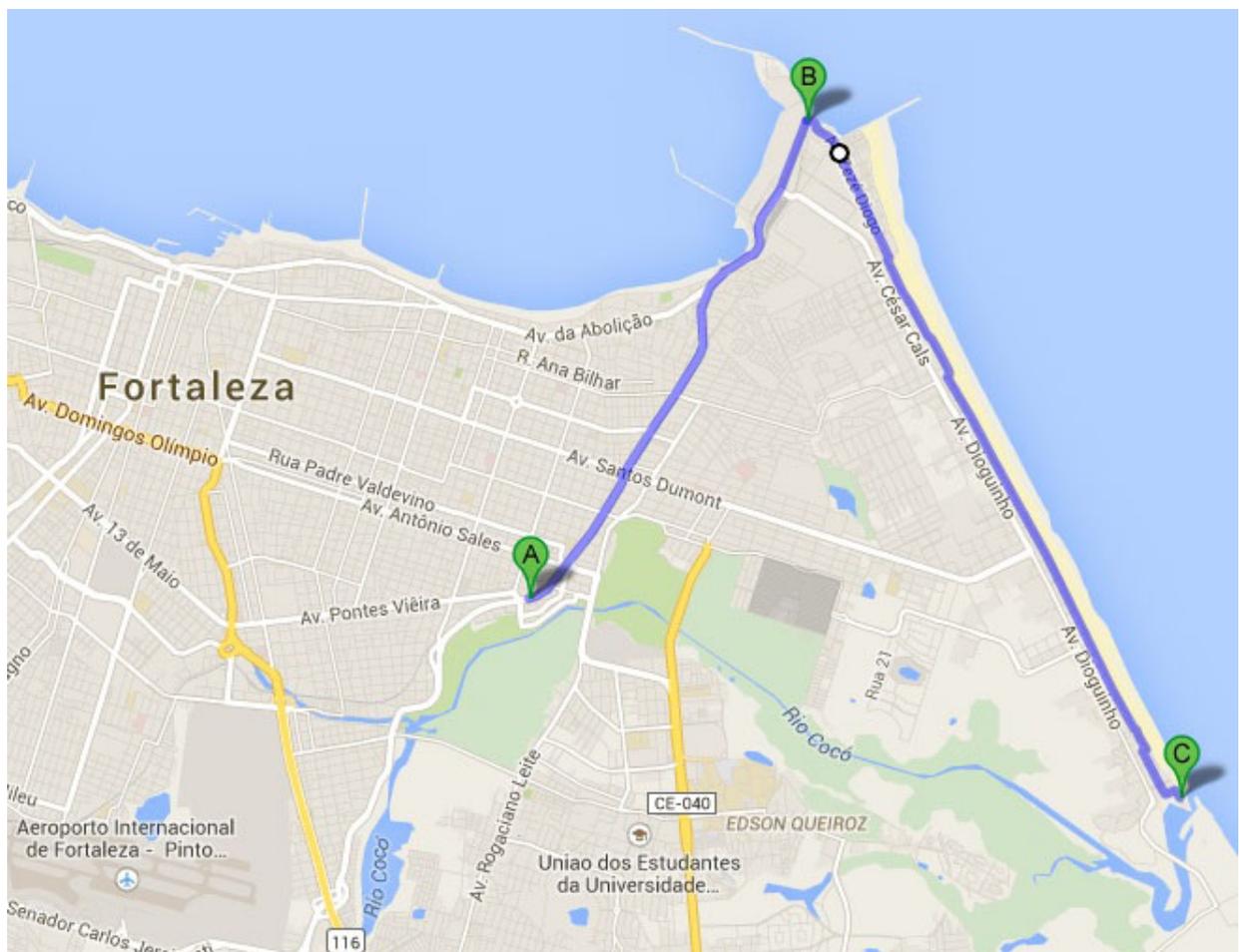
A CIDADE 2.000 ESTÁ AO SEU ALCANCE GRAÇAS AO PLANO NACIONAL DE HABITAÇÃO E AO CONJUNTO DO GRUPO EMPRESARIAL MAIS EXPERIENTE EM REALIZAÇÕES IMOBILIÁRIAS NO C

<p>INCORPORAÇÃO E CONSTRUÇÃO</p>  <p>EBC EMPRESA BRASILEIRA DE CONSTRUÇÕES S.A.</p>	<p>PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO</p>  <p>SOCEPLAN SOCIEDADE CLARENSE DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO LTDA.</p>	<p>PROMOÇÃO E VENDA</p>  <p>EDAR EMPRESARIOS DEBILITADOS LTDA. Rua de "A LUIS DA CASA PRÓPRIA" e suas filiais de vendas</p>	<p>FINANCIAMENTO</p>  <p>TERRA Cia. de Crédito Imobiliário</p>	<p>REFINANCIAMENTO</p>  <p>BNH BANCO NACIONAL DA HABITAÇÃO</p>	<p>PROJETO</p> <p>EDD. PAULO BARRIOS MOURÃO</p>  <p>2000 CIDADE 2000</p>
---	---	---	--	--	--

Fonte: *Unitário*, Fortaleza, 6 dez. 1970.

A Cidade 2000 foi encravada no meio do chamado Sítio Cocó, pertencente a Antônio Diogo. Esse sítio correspondia a toda a área leste do trilho ferroviário, tendo como limite sul o Rio Cocó e, a norte e nordeste, o mar. Da mesma forma que um dia, no século XIX, na planta de Silva Paulet o Riacho Pajeú era uma espécie de impedimento físico para a expansão leste de Fortaleza, no século seguinte o Rio Cocó e a linha férrea eram considerados como obstáculos à expansão urbana para as zonas leste e sudeste de Fortaleza. A transposição dessas barreiras só teve início quando a Prefeitura de Fortaleza autorizou, em 1954, o parcelamento do Sítio Cocó e o loteamento da Praia do Futuro (COSTA, 1988).

Figura 5 – Área correspondente ao Sítio Cocó até os anos 1950, tendo como limites a via férrea (A-B), o mar (B-C) e o Rio Cocó (C-A). Cidade 2000 destacada em cinza



Fonte: Google Maps, 2015.

Foi em meio a essa região quase rural, sem infraestrutura, cuja mais relevante construção no entorno era o Hospital Geral de Fortaleza – altura na qual a Avenida Santos Dumont acabava –, que um conjunto habitacional popular foi inaugurado em 1971: era o nascimento da Cidade 2000.

O conjunto surgiu em meio à euforia do tricampeonato conquistado na Copa do Mundo de 1970, o que levou a desenhar-se em sua área central o formato aproximado da taça Jules Rimet. Àquela época, o ano 2000 representava a modernidade, o futuro, a tão alardeada chegada do século XXI, que deveria trazer avanços e tecnologias cinematográficas; mesmo num contexto tão distinto, o conjunto assim foi nomeado, numa homenagem à esperança pelo porvir.

Assim como grande parte dos bairros periféricos de Fortaleza, a Cidade 2000 foi construída sobre lagoas aterradas, o que trouxe problemas graves de drenagem à região. Após um longo período de estiagem – que se iniciou em 1979 e foi um dos grandes propulsores da ocupação de Fortaleza, com enorme quantidade de migrantes –, as chuvas de 1984 expulsaram muitas famílias em várias partes da periferia da capital cearense, e também na Cidade 2000. Em pelo menos 10 das 46 quadras, a água chegava a 1,5 metro. Nos anos seguintes, o problema se repetiu. A questão só veio a ser resolvida em 1987, quando a então prefeita Maria Luiza finalizou as obras de drenagem no bairro (COSTA, 1988).

Uma matéria de capa do jornal *O Povo* de 8 de junho de 1985, intitulada “Dramática situação na Cidade 2000”, conta sobre os problemas de alagamento ocorridos no bairro:

A Cidade 2000, que na época da construção e venda de suas primeiras casas parecia ser uma área positiva para o futuro, acabou se transformando numa realidade sombria e negativa muito antes do início de um novo século. Os problemas ali são inúmeros a começar pelos alagamentos, os quais no entender dos técnicos se constituem um sinal de alerta para o que poderá ocorrer de mais grave, caso as dunas do Mucuripe continuem sendo loteadas e ocupadas inadvertidamente. Para o engenheiro sanitarista Adolfo Marinho, a solução ideal para os problemas seria a formação de um eixo macrodrenante a partir da avenida Santos Dumont até o rio Cocó.

Com tantas dificuldades estruturais, muitos dos moradores que haviam financiado seus imóveis chegaram a abandoná-los. Em 1976, de acordo com matéria do jornal *O Povo* de 29 de agosto, mais de 300 casas estavam

desocupadas. Já por causa das dificuldades financeiras, visto que o conjunto era destinado a famílias de baixa renda e as prestações aumentavam agressivamente, muitos foram despejados por ordem judicial, saindo de madrugada com portões, lâmpadas e até instalações sanitárias.

Entretanto, quem olha para o que existe ao redor da Cidade 2000 atualmente vê um cenário muito diferente daquele estampado nos velhos jornais. Onde antes havia apenas vegetação manguezal, dunas e pequenas veredas agora se encontram ruas e avenidas, altos prédios, faculdades, shopping centers.¹² A área leste da cidade foi fortemente ocupada pela população mais rica, tornando a Cidade 2000 valorizada do ponto de vista imobiliário, com novos equipamentos e infraestrutura.

Mas foi a ocupação das elites na área leste que trouxe infraestrutura para a Cidade 2000 ou foi a Cidade 2000 que trouxe a infraestrutura a qual tornou possível a ocupação da zona leste? Segundo Clélia Costa (1988, p. 48), tanto no caso da 2000 como em outros conjuntos da década de 1970, como José Walter e Tabapuá, “hoje as áreas que ficavam entre os conjuntos e a malha foram loteadas e construídas, após terem sido beneficiadas com a implantação de infraestrutura e dos serviços conquistados pela população destes conjuntos”.

Um dos benefícios estruturais mais determinantes para possibilitar a ocupação da área foi a abertura da Avenida Santos Dumont no trecho entre a via férrea e a Praia do Futuro, no ano de 1976 – somente cinco anos depois de a Cidade 2000 ser inaugurada. Ainda de acordo com Costa (1988), tanto o prolongamento dessa avenida quanto a construção da Praça 31 de Março, no encontro da Santos Dumont com o mar, e a abertura da Avenida Zezé Diogo, ao longo da costa na Praia do Futuro, provocaram, de imediato, a abertura de inúmeros loteamentos e ruas e a construção de residências nos bairros Papicu e Cocó.

Como nos diz o geógrafo Milton Santos, “cada lugar é, à sua maneira, o mundo. [...] Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais” (SANTOS, 2006, p. 212). O que tem a Cidade 2000 de diferente – e de universal em sua diferença?

¹² Em outubro de 2014, foi inaugurado, a pouco mais de um quilômetro da Cidade 2000, o RioMar, maior shopping center de Fortaleza e um dos dez maiores do Brasil, o qual custou cerca de R\$ 1,25 bilhão e tem 385 lojas distribuídas em 320.000 m². O shopping foi erguido sobre terreno que abrigava a antiga Cervejaria Brahma, ao lado do Hospital Geral de Fortaleza.

O conjunto foi projetado pelo arquiteto gaúcho Rogério Fróes, que deu os nomes às alamedas e plantou as árvores que ficam no meio do conjunto. A Cidade 2000 é fruto da estrutura retilínea, ladrilhadora dos hispânicos, seguindo a tendência já antes adotada por Fortaleza e por outras cidades do Brasil.¹³ A maioria das longas quadras, que chegam a ter 350 metros de extensão, com apenas 8 metros de largura, tem em seu meio uma pequena praça a servir de atalho e encontro – geralmente bastante arborizada e florida, pois adotada e cuidada pelos vizinhos. Mas o principal ponto de confluência do bairro é a Praça Leonon Onofre, a pracinha central da 2000. Orlada de bares e restaurantes, ela diariamente se enche de mesas e de gente para saborear os churrasquinhos, pastéis, acarajés e bebidas dos vendedores que se abancam com seus carrinhos.

Os que chegam à Cidade 2000 se deparam com as Violetas, Tulipas, Camélias, Lírios, Margaridas e Girassóis de suas alamedas. Todas com nomes de flores ou mulheres, as ruas que separam – e unem, e dão caminho – as 46 quadras as quais compõem o bairro são ainda de pedras e lembram a simplicidade do antigo, quando a pressa da cidade não havia selado suas vias com grandes fitas isolantes de asfalto. A comunhão das cadeiras em frente às casas contrasta com o sutil egoísmo que fez avançar os imóveis por sobre as calçadas, quase extinguindo essas passagens.

Nas vielas estreitas, o grande movimento de pessoas indo e vindo parece dizer que ainda é possível andar pelas ruas sem o medo endêmico das grandes metrópoles, já que alguns sutis elementos característicos do bairro dão sinais dessa sensação de segurança: as crianças nas ruas, as casas sem cercas elétricas, os portões que deixam entrever o interior das salas. Os moradores se conhecem e parecem viver, cada um de acordo com suas possibilidades, em um sentimento de solidariedade.

¹³ De acordo com matéria do jornal *O Povo* (8 jun. 1985), para desenhar a Cidade 2000 o urbanista Paulo Barbosa Magalhães se inspirou no projeto de Taguatinga, cidade-satélite de Brasília. É importante notar, entretanto, que, embora a estrutura e a disposição das ruas sejam semelhantes nos dois casos, Taguatinga tem dimensões muito maiores que o bairro fortalezense: enquanto a 2000 tem área de 0,5 km², a cidade-satélite possui mais de 12 km².

Figura 6 – Fotografia área da Cidade 2000 com suas delimitações



Fonte: Google Earth, 2012.

Esses elementos peculiares de sociabilidade apontam para uma vivência diferente de cidade no contexto daquele bairro. Nesta pesquisa, iremos buscar compreender a relação entre o que se vê no bairro e a afetividade construída entre os moradores e o ambiente. Afinal, o que são os afetos que unem uma pessoa à cidade? De que modo os espaços precisam saber ocupar a alma, o coração e a mente de uma pessoa antes de se transformarem em lugares plenos de significado? Qual o papel da psicologia em captar essas emoções que se movem a partir de um ser humano em direção ao seu espaço vital? No próximo capítulo, iremos trabalhar essas questões como um aporte teórico para a posterior análise das entrevistas realizadas com os moradores da Cidade 2000.

3 EMOÇÕES, AFETOS E CIDADE: RECORTES DAS PSICOLOGIAS SOCIAL E AMBIENTAL

3.1 As emoções sob uma perspectiva histórico-cultural

As emoções ocupam espaço essencial na vida humana. Embora algumas correntes teóricas discordem dessa assertiva, essa importância pode ser constatada em suas definições: etimologicamente, a palavra “emoção” é proveniente do verbo latino “movere”, o mesmo do qual derivaram palavras como *mover*, *movimento*, *motor*, *motivo*. Metaforicamente, poderíamos compreender as emoções como aquilo que nos move ou nos faz mover.

Ao longo da história, dependendo da época e da sociedade, as emoções foram vistas de várias maneiras. E continuam sendo. Enquanto algumas correntes ainda sustentam a emoção como uma indesejável fraqueza, um impedimento para se chegar à nossa plenitude como *Homo sapiens* – homens do saber, homens que sabem –, outras tratam as emoções em sua acepção primeira, como o nosso *motivo*.

Especialmente a partir do Iluminismo, a razão passou a ser o centro ao redor do qual deveriam girar todos os propósitos e decisões humanas. Esse movimento surgiu após a Idade Média, período marcado pelo domínio absoluto do Estado e da Igreja Católica. Dentro do contexto iluminista, as emoções – assim como tudo mais que não pudesse ser explicado ou colocado a serviço da razão – eram vistas como algo a ser banido e reprimido.

Apesar dessa visão geral sobre as emoções, alguns notáveis iluministas foram de encontro aos ideais da maioria e defenderam-nas, sendo o lado emotivo da vida considerado como de grande importância para a experiência humana. Cabe aqui destacar dois desses filósofos: o escocês David Hume e holandês Bento de Spinoza.

David Hume, em seu *Tratado da natureza humana*, publicado originalmente em 1739, defendeu que “a razão é, e somente deve ser, a escrava das paixões, e nunca pode pretender a nenhuma outra função, a não ser servir e obedecer as paixões”. Ele acreditava que as únicas forças propulsoras da vontade são as paixões, os desejos, os sentimentos.

Hume descreve a razão como sendo “fria e desengajada” e “perfeitamente inerte”, incapaz de motivar qualquer ação. O filósofo chega a dizer que não existe o famoso conflito entre a razão e as paixões, sendo este nada mais que um embate entre "paixões calmas" (erroneamente tomadas por determinações da razão) e "paixões violentas" (CHAVES, 2005). Levando a importância das emoções à máxima potência e minorando a relevância da razão, Hume caminhava pelo outro extremo dos que menosprezavam o papel das emoções.

Já para o filósofo medieval Baruch Spinoza (1983) em sua *Ética*, publicada originalmente em 1677, a racionalidade que passava a ser excessivamente cultuada àquela época não poderia ser dissociada dos sentimentos e emoções. Esse pensamento era um contraponto ao que defendia seu contemporâneo René Descartes – famoso por seu “penso, logo existo”, uma pequena frase que conseguia sintetizar em si uma ode inteira ao racionalismo que Descartes ajudava a fazer nascer.

Spinoza assim define um conceito no qual será baseada a sua teoria sobre os afetos:

Por afetos entendo as afecções do corpo, pelas quais a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou entravada, assim como as ideias dessas afecções. Quando, por conseguinte, podemos ser a causa adequada de uma dessas afecções, por afecção entendo uma ação; nos outros casos, uma paixão (SPINOZA, 1983, p. 184).

Ainda em *Ética*, Spinoza propõe que “toda coisa, enquanto está em si, se esforça por perseverar no seu ser” (1983, p. 188). Esse esforço, chamado por ele de *conatus*, está intimamente ligado à presença ou à ausência de uma “potência de agir”, e os afetos são aqueles capazes de regular essa potência, levando à atividade ou à passividade.

O *conatus* recebe diferentes nomes de acordo com sua natureza. Quando se refere apenas à alma, chama-se vontade; quando se refere à alma e ao corpo, ele é um apetite. E esse apetite, quando é acompanhado de uma consciência de si, chama-se desejo (GLEIZER, 2005, p. 31).

Percebe-se, dessa maneira, que Spinoza engloba em seus conceitos algo ainda mais além das *paixões*, considerando estas como uma subclasse dos afetos, as quais não esgotam a totalidade da vida afetiva.

Assim, ele constrói uma teoria completa acerca dos afetos e leva em conta a capacidade que têm os afetos de nos mover ou paralisar. Apesar disso, o afeto “não é fruto de uma comparação, mas a experiência vivida de uma transição, de um aumento ou diminuição de nossa vitalidade” (GLEIZER, 2005, p. 36).

Nos tempos atuais, Bader Sawaia (2011, p. 100) propõe um conceito de afetividade tendo por base o trabalho de Spinoza: para a autora, a afetividade seria entendida como “a tonalidade e a cor emocional que impregna a existência do ser humano”, apresentando-se sob a forma de: 1) sentimento, que é a reação moderada de prazer ou desprazer, sem estar ligada a um objeto específico e de 2) emoção, fenômeno afetivo intenso, breve e centrado em fenômenos que interrompem o fluxo normal da conduta.

Para pensar os *afetos* no presente trabalho, nossa base também se dá a partir do pensamento do filósofo Spinoza (1983). Gilles Deleuze, um de seus principais críticos, lembra que, para Spinoza, “a verdadeira cidade propõe aos cidadãos o amor da liberdade de preferência à esperança das recompensas ou mesmo a segurança dos bens; pois ‘é aos escravos, não aos homens livres, que damos recompensas por boa conduta’” (DELEUZE, 2002, p. 32).

Deleuze distingue ainda duas espécies de *afecções*, de acordo com Spinoza: as *ações*, as quais seriam explicadas pela natureza do indivíduo afetado e derivariam de sua essência, e as *paixões*, que seriam derivadas do exterior. “O poder de ser afetado apresenta-se então como *potência de agir*, na medida em que se supõe preenchido por *afecções* ativas e apresenta-se como *potência para padecer*, quando é preenchido por *paixões*” (DELEUZE, 2002, p. 33).

A partir das *paixões* tristes, as quais levam a uma potência de padecimento, e das *paixões* alegres, que promovem uma potência de agir, as pessoas são afetadas. Deleuze explica que Spinoza não considerava a existência da dualidade entre o Bem e o Mal; para ele, existiriam apenas o *bom* e o *mau*. Essas duas categorias teriam um primeiro sentido: bom é aquilo que convém à nossa natureza e mau é o que não convém. Haveria ainda um segundo sentido:

será dito *bom* (ou livre, ou razoável, ou forte) aquele que se esforça, tanto quanto pode, por organizar os encontros, por se unir ao que convém à sua natureza, por compor a sua relação com relações combináveis e, por esse meio, aumentar sua potência. Pois a bondade tem a ver com o dinamismo, a potência e a composição de potências. Dir-se-á *mau*, ou escravo, ou fraco, ou insensato, aquele que vive ao acaso dos encontros, que se contenta em sofrer as consequências, pronto a gemer e a acusar toda vez que o efeito sofrido se mostra contrário e lhe revela a sua própria impotência (DELEUZE, 2002, p. 28-29).

O movimento, portanto, seria o único capaz de levar aos bons encontros, agindo na direção de um apetite, ou seja, o esforço de se perseverar no seu próprio ser. Viver ao acaso, à mercê das consequências, omitindo-se e desresponsabilizando-se por todos os acontecimentos, seria uma forma de escravidão e insensatez, algo *mau*.

Spinoza foi um importante interlocutor de Lev Vigotsky – cientista russo basilar para se pensar uma psicologia histórico-cultural –, chegando a ser considerado o seu filósofo predileto e o mais citado em sua obra. No prefácio de seu *Psicologia da Arte*, Vigotsky afirma: “meu pensamento constitui-se sob o signo das palavras de Espinoza” (SAWAIA, 2000, p. 5).

Vigotsky tem apenas um manuscrito inteiramente dedicado às emoções, originalmente nomeado como *Spinoza e sua teoria do afeto: prolegômenos à psicologia do homem*, o qual foi escrito nos anos imediatamente anteriores à sua morte e foi deixado incompleto, sendo publicado pela primeira vez somente 50 anos depois da sua morte, sob o título *A teoria das emoções: uma investigação histórico-psicológica*.

Apesar disso, o tema das emoções perpassa a sua obra como um todo, ocupando lugar de alicerce em seu pensamento. É essencial destacar que, segundo Sawaia (2000, p. 3), a emoção, em sua obra, “nunca foi o bandido do conhecimento, provocador de erros e perturbador da ordem natural, mas a base da construção do conhecimento”.

Vigotsky foi inovador ao negar o paradigma segundo o qual os afetos são uma ameaça ligada ao incontrolável e ao se rebelar contra o pensamento hegemônico entre os psicólogos russos da sua época, os quais trabalhavam com uma epistemologia de causalidade mecanicista e de dualismo entre intelecto e

emoção, mente e corpo, subjetividade e objetividade. Para que Vigotsky produzisse seu material tendo por alicerce essa linha, a influência de Spinoza foi marcante (SAWAIA, 2000, p. 6).

Em *O desenvolvimento psicológico na infância*, Vigotsky (1999) destaca que o “capítulo das emoções” na psicologia tradicional era concebido segundo um plano puramente naturalista, uma ovelha negra entre os demais capítulos. Entre os principais motivos para isso, estava Darwin com sua teoria evolutiva, o qual estabelece uma conexão entre as emoções do homem e as reações afetivas e instintivas do reino animal.

Para Darwin, portanto, os sentimentos no ser humano, considerados como o interior da alma humana, são de origem animal. A psicologia inglesa, apesar de suas fortes tradições religiosas medievais, soube tratar com astúcia as ideias de Darwin, acolhendo-as. Assim, essa corrente da psicologia passa a ter um aporte científico para defender que as paixões terrenas, as inclinações egoístas e as emoções relacionadas com as preocupações concernentes ao corpo são de origem animal, devendo, desse modo, ser evitadas e suprimidas, menosprezadas.

Com esse novo viés, uma forte corrente da psicologia passou a orientar suas pesquisas a partir de ideias darwinianas, buscando conhecer a origem biológica das emoções humanas (VIGOTSKY, 1999). Essa teoria das emoções foi também denominada como teoria dos *rudimentos* – e a partir dessa nomenclatura fica claro a que patamar foram relegadas as emoções e os sentimentos.

De acordo com essa teoria das emoções, os movimentos que expressam nosso temor são restos rudimentares de reações animais na fuga e na defesa. Os movimentos de ira seriam resquícios da reação de ataque. Considera-se o temor uma fuga refreada e a ira uma rixa refreada. Em outras palavras, conforme destaca Vigotsky (1999, p. 81), “todos os movimentos expressivos foram considerados retrospectivamente”.

O autor russo destaca o interessante pensamento de dois pesquisadores positivistas da época, Théodule-Armand Ribot e Herbert Spencer, sendo este último considerado o pai do darwinismo social. Para os dois pensadores, as reações afetivas do ser humano são os restos de sua existência animal – então, dessa maneira, a curva da evolução das emoções tenderia para baixo e o homem do futuro

não teria emoções, alcançando seu final lógico e com isso se desatando da etapa primitiva de sua existência.

A crítica de Vigotsky incide sobre o fato de que

[...] semelhante formulação da questão excluía a possibilidade de estudar de forma adequada o que constitui as particularidades específicas das emoções do homem. Tal formulação da questão, em vez de esclarecer como se enriquecem as emoções na infância, mostrava, pelo contrário, como se reprimem, se debilitam, se eliminam as descargas emocionais imediatas, próprias da infância precoce (VIGOTSKY, 1999, p. 82).

Dando continuidade a seu raciocínio, Vigotsky (1999) passa a analisar outros dois cientistas do final do século XIX: Carl George Langué, fisiólogo dinamarquês, e William James, psicólogo americano, os quais apresentaram, de modo independente entre si, uma curiosa teoria.

Em geral, considera-se que choramos porque estamos aflitos, que trememos porque estamos assustados; entretanto, esses autores defendiam que estamos aflitos porque choramos, que nos assustamos porque trememos. Assim, a percepção das reações orgânicas se constituiria como a base das emoções. Dessa maneira, de acordo com as teorias de James e Langué, bastaria reprimir a manifestação externa da emoção para que ela desaparecesse. Analogamente, bastaria provocar em si mesmo a manifestação de uma determinada emoção para fazê-la surgir.

Essas teorias foram criticadas por seu materialismo, já que reduziam os sentimentos humanos a um mero reflexo. Vigotsky (1999, p. 84), porém, refuta essa crítica, defendendo que “em nenhum outro lugar como na teoria das emoções ficam tão divididas as funções superiores e inferiores”, o que ocasionou o desenvolvimento posterior da teoria de James.

Em resposta às acusações de materialismo, James segue o caminho traçado por Darwin e faz a distinção entre as emoções inferiores – as quais teriam origem orgânica, sendo herdadas dos animais: terror, ira, desespero, fúria – e as emoções superiores – que seriam as emoções mais “sutis”, como o sentimento religioso, o amor homem-mulher, a sensação estética. James, que era um pragmático, interessava-se muito pouco pela natureza dos fenômenos e dizia que, para os

interesses práticos da sociedade, bastava conhecer a diferença entre essas emoções superiores e inferiores (VIGOTSKY, 1999).

Segundo James, enquanto o cérebro é o órgão do pensamento humano, o das emoções são os órgão internos, as vísceras. Por isso, James tratava a “razão” e a “emoção” como entidades terminantemente dissociadas, tendo inclusive origens físicas distintas.

Posteriormente, já nos anos 1920, Walter Cannon testou em laboratório, usando experimentos com gatos e cachorros, a veracidade das teorias de James-Langue. O interessante é que Cannon descreve emoções tão distintas como fúria, terror, medo e ira como tendo a mesma expressão orgânica. Conforme Cannon, diversas emoções intensas têm manifestações corporais iguais – portanto, a força da manifestação seria muito mais importante do que a qualidade dessa emoção.

Nos experimentos de Cannon, duas gatas foram usadas no experimento: uma, mais afortunada, serviu de controle, enquanto a outra teve seu sistema nervoso simpático eliminado. Com isso, ela não poderia ter mudanças humorais nem secreção de adrenalina em uma situação de terror.

Contrariando a teoria de James, as duas gatas reagiram da mesma maneira quando colocadas em situações análogas: um cachorro se aproximando dela e de seus filhotes ou a sua comida sendo retirada quando estava com fome (VIGOTSKY, 1999).

Em outra série de experimentos, animais recebiam injeções que provocavam mudanças orgânicas artificiais, semelhantes às que observamos em uma forte emoção. Verificou-se que essas mudanças podem ser provocadas sem que as emoções se fizessem presentes. Assim, a afirmação de James de que provocar uma expressão externa fará surgir a emoção também se mostrou falsa.

Já nas induções de emoção com pessoas, notou-se que nelas não surgiram sentimentos de temor, raiva ou chateação, mas elas assim explicavam seu estado: sentia-me *como se temesse*, *como se estivesse raivoso* ou chateado com algo. Elas atingiam um estado que lembrava a emoção, mas a própria emoção, no sentido verdadeiramente psicológico, não existia. Dessa forma, Cannon acabou por demonstrar, em seus experimentos práticos, as falhas das teorias de James-Langue (VIGOTSKY, 1999).

Em contraponto a essas pesquisas anatômicas e fisiológicas, Vigotsky (1999) destaca uma segunda linha teórica sobre as emoções: as chamadas pesquisas psicológicas. Ele destaca autores como Karl Bühler, Édouard Claparède e Kurt Lewin, dedicando espaço para explicar o pensamento de Sigmund Freud.

O criador da psicanálise negava que o mais importante no estudo da emoção são os componentes orgânicos que a acompanham; assim, analisar os órgãos do corpo nos quais a emoção se manifesta não agrega nos estudos sobre a natureza psicológica das emoções. Para ele, estas só podem ser compreendidas no contexto de toda a dinâmica da vida humana.

Apesar desse aspecto diferencial em suas pesquisas, Vigotsky (1999) critica Freud por ele ser, ainda assim, um naturalista, como o era James, interpretando a psique do ser humano como um processo puramente natural e enfocando as mudanças dinâmicas das emoções somente dentro de determinados limites naturalistas.

As duas linhas de pensamento sobre as emoções, fisiológica e psicológica, se encontram, segundo Vigotsky, na psicopatologia. Nela, encontra-se uma analogia que permitiu aos clínicos formularem as duas partes da tese resultante da união desses dois aspectos de uma mesma doutrina. Para o autor (1999, p. 106), no desenvolvimento da vida emocional, “a migração sistemática, a mudança de lugar da função psíquica no sistema, determina também seu significado em todo o processo de desenvolvimento da vida emocional”.

Outro tema central no pensamento de Vigotsky, o de mediação, é trabalhado também em relação às emoções. Jaan Valsiner, profundo conhecedor da obra de Vigotsky, afirma que “a vida psicológica humana, em sua forma mediada por signos, é afetiva em sua natureza” (2012, p. 251).

As diferentes emoções não estão isentas de uma valoração feita pela sociedade, o que certamente impacta sobre a maneira com que os indivíduos as expressam. Valsiner (2012) compara duas sociedades hipotéticas, sendo que, na sociedade A, espera-se que as pessoas foquem na descrição categórica das emoções. A capacidade de classificar qualquer sentimento é objeto de um valor social maior e mais positivo. Nessa sociedade, valoriza-se a racionalidade dos burocratas, dos homens de negócios e dos coletores de impostos.

Já na sociedade B, os processos afetivos são explorados nos níveis mais altos de mediação semiótica. As pessoas são encorajadas a contemplar os sentidos gerais das experiências de vida e alcançar os níveis mais altos de compreensão afetiva do mundo. Nessa sociedade, artistas, poetas, iogues, escritores e filósofos são tidos na mais alta conta.

Valsiner (2012) destaca o fato de que podem ser traçados paralelos entre essas duas sociedades e os contrastes entre “sociedades ocidentais industrializadas” (ou culturas individualistas) e “sociedades orientais” (ou culturas coletivistas). Cada cultura trata as emoções de uma maneira, especialmente quando os ideais dessas sociedades são centrados em aspectos bastante distintos.

Valsiner destaca ainda que “a dificuldade de usar a linguagem para expressão de algo que é sentido, mas que não é imediatamente codificado no código linguístico, tem sido um problema para a psicologia” (2012, p. 255). Criamos um sentido para as nossas relações com o mundo e as nomeamos, através da nossa cultura.

Podemos inferir que dessa *inacessibilidade verbal* aos fenômenos afetivos resulta que cada sociedade, em cada época, tem seu conjunto de signos para tentar descrever um determinado tipo de emoção ou sentimento – o que faz com que os afetos, de alguma forma, passem por uma interpretação da própria cultura.

Nesta pesquisa, teremos o desafio de buscar trazer à tona as emoções e os afetos dos moradores sob a forma de palavras – uma linguagem distinta daquela na qual os afetos ocorrem –, utilizando as entrevistas narrativas como meio de descoberta sobre essa rede afetiva em relação ao lugar. Para esse propósito, teremos como suporte alguns conceitos da psicologia ambiental, os quais são apresentados no tópico seguinte.

3.2 Psicologia ambiental: qual o lugar da Cidade 2000?

Em suas origens, a psicologia social tinha forte relação com os objetivos da sociedade norte-americana pós-guerra, com estudos vinculados à persuasão e à adequação/ manipulação de comportamentos. Com métodos ainda muito ligados ao positivismo, essa psicologia tinha vieses descritivos e pragmáticos.

Com a chamada “crise da psicologia social”, passou-se a questionar esse modelo, tentando-se estudar o ser humano com um ser de natureza social. Superava-se a ideia simplista de um indivíduo meramente inserido em determinado espaço social: considerava-se esse sujeito como capaz de construir e transformar o seu meio, sendo ele também transformado por esse ambiente.

Essa psicologia social de viés histórico-cultural, surgida na década de 1970, teve fortes influências do russo Vigotsky, que, ainda na primeira metade do século XX, defendia os fenômenos como processos em permanente movimento e transformação. Para ele, o ser humano era construído social e historicamente.

A psicologia ambiental, em sua vertente transacional, se utiliza dessa ideia de construção mútua entre sujeito e lugar, sempre levando em conta a história da pessoa e de sua sociedade. Sendo uma disciplina interdisciplinar, dialoga com outras áreas que estudam o ambiente. Neste estudo, priorizaremos uma linha das psicologias social e ambiental que enfatize os processos psicossociais, observando-se a necessidade da superação de dicotomias indivíduo x sociedade, racionalidade x afetividade, biológico x social, numa visão mais holística, considerando o entorno como parte da identidade do indivíduo.

Na atualidade, entre as principais questões a serem resolvidas – talvez com o importante suporte da psicologia ambiental –, estão as decorrentes do surgimento das grandes cidades. Esse advento provocou enormes mudanças nas relações das pessoas com o tempo, com as distâncias, com a natureza e com as outras pessoas. Os problemas próprios de uma metrópole, como estresse, poluição, transporte e moradia, influenciam no comportamento e no cotidiano dos indivíduos. Nesse contexto, “estudar a ação das pessoas sobre os ambientes é uma tentativa de responder a velhos e novos anseios daqueles que procuram enfrentar a crise ambiental, dentro e fora da Psicologia” (PINHEIRO, 1997, p. 388).

Ao analisar o processo de apropriação do espaço, Gabriel Moser (2001) destaca, como um aspecto a ser considerado, as relações sociais estabelecidas com as pessoas que compartilham um lugar. O investimento que uma pessoa faz nas relações com sua comunidade local, com sua vizinhança, influencia no sentimento de bem-estar e de segurança, favorecendo uma orientação coletiva de espaço em detrimento de uma visão individual.

Todas essas questões, defende Moser (2001), apontam para a necessidade de se abandonar a dimensão cristalizada da psicologia ambiental para se mover na direção de uma psicologia ambiental contextualizada que leve em consideração o quanto a história pessoal de cada indivíduo – assim como suas perspectivas e projeções de futuro – influenciam e condicionam a maneira como ele se relaciona com o ambiente.

Gabriel Moser (2001) estabeleceu quatro níveis de referência espacial e social: 1) microambiente: o espaço privado, a moradia, implicando o indivíduo; 2) ambientes de proximidade: os espaços partilhados semipúblicos, o *habitat* coletivo, o bairro, o lugar de trabalho, os parques e os espaços verdes, concernentes à comunidade de proximidade ou de vizinhança; 3) ambientes coletivos públicos: as cidades, os vilarejos e os povoamentos diversos, implicando os agregados de indivíduos; e 4) ambiente global: o ambiente em sua totalidade, construído ou não, os recursos naturais e os concernentes à sociedade como tal.

O estudo que se faz nesta dissertação sobre a Cidade 2000 tem foco no nível 2, sem deixar de lado suas interseções com os níveis 1 e 3. Iremos tratar, ainda que menos aprofundadamente, do nível 1, o do microambiente, a relação do morador com sua casa – entretanto, a atenção maior estará no nível 2, tendo como referência os ambientes de proximidades: praças, ruas, calçadas, vizinhança. O lugar do bairro no contexto maior da cidade também é ponto a ser debatido, e é aí que o nível 3 se coloca na presente pesquisa.

Sobre esse segundo nível, Moser (2001, p. 193) enfatiza que “o bem-estar depende de como o meio imediato é capaz de preencher as necessidades específicas de pessoas de diferentes culturas e, conseqüentemente, de proporcionar oportunidades de apropriação”. Ao longo das análises, iremos procurar enxergar de que modo a Cidade 2000 preenche ou não essas necessidades e como o bairro se

coloca diante das culturas que ali chegaram, especialmente as de caráter interiorano migrante.

Outros conceitos básicos da Psicologia Ambiental ajudam a compreender como se desenvolvem os sentimentos sobre um local e especificamente como se deram os afetos dos habitantes em relação à Cidade 2000: topofilia, proxêmica, apropriação do espaço, espaço e lugar são alguns deles. Sobre esses laços emocionais, Bomfim (2008) destaca a importância de saber “ler” a especificidade dos sentimentos:

Investigar sentimentos e emoções do habitante da cidade é um processo difícil de ser operacionalizado, porque emoções e sentimentos não são, normalmente, identificados e nomeados com facilidade. Poderíamos dizer que as sensações, emoções e sentimentos, como parte de uma linguagem interior, podem ser, muitas vezes, intangíveis como expressão exterior (BOMFIM, 2008, p. 3-4).

Sobre essa dificuldade de expressão dos sentimentos, em especial os relativos a lugares, também discorre Tuan ao falar sobre a topofilia, um neologismo que diz da afiliação do lugar dos seres humanos com seus ambientes: “mais permanentes e mais difíceis de expressar são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida” (1983, p. 107).

Esses sentimentos, porém, não são imediatos, mas sim uma construção que é erguida e solidificada ao longo do tempo.

A relação da pessoa com um espaço é o que permite sua transformação em *lugar*. Enquanto lugar, o espaço ganha importância e sua identificação situa-se para além de seus limites físicos. Ele é principalmente reconhecido pelo valor atribuído à vivência e aos sentimentos relacionados a ele (CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011, p. 184).

No caso da Cidade 2000, vários fatores estão envolvidos nessa transmutação de espaço para lugar. Embora a transição de um para o outro seja um processo essencialmente interno, as circunstâncias do bairro, sejam elas físicas ou de ambiência, também podem gerar ou afastar essa apropriação.

Em que medida as alamedas estreitas, pequenas ruas de pedra que dificultam a pressa deixam ficar, atraem o habitante para o seu seio? Como as casas muito próximas, que olham umas para as outras, aproximam também os vizinhos e aumentam a sensação ou não de segurança?

O estudo do espaço como um ambiente físico com proximidades e distâncias interferindo nas interações entre as pessoas está inserido no campo da *proxêmica*. Esse termo foi sugerido por Edward Hall (1966) como um campo de estudos que promove a interrelação entre observações e teorias sobre o uso que o ser humano faz do espaço – uso este fruto de uma elaboração cultural. Para o autor, o espaço seria uma “linguagem silenciosa”, uma forma de comunicação entre suas proximidades e distâncias que afeta as pessoas.

O espaço como uma dimensão oculta das relações se torna um ponto importante da Cidade 2000 em decorrência de suas características únicas, a começar pela sua própria dimensão: com cerca de 0,5 km², sua área retangular, pequena e muito bem delimitada diz de quem pertence ou não ao ambiente, acabando por aproximar quem é do mesmo grupo. As 46 quadras, sempre separadas (ou unidas?) por uma estreita alameda, são longas e contínuas, dando também uma sensação de proximidade e de unidade.

Estudar o caráter afetivo das ligações estabelecidas entre as pessoas e os ambientes é imergir numa teia de sentimentos, histórias e vidas que se entrelaçam, se estranham e se conformam à medida que o tempo passa e a convivência vai tornando tudo mais familiar, numa relação mútua, recíproca. É disso que trata o conceito de apropriar-se de um espaço.

E, pela explanação de Pol (1996, p. 10), “a apropriação não é somente um processo da pessoa para o espaço, mas também do espaço para a pessoa. Nos apropriamos do espaço, mas o espaço se apropria de nós”. O uso desse termo é defendido pelo fato de que o apropriar-se pressupõe uma postura ativa e transformadora diante de seu contexto, ao contrário de palavras como “adaptação” e “introjeção”.

Apropriar-se significa, ao pé da letra, tornar seu. Quando tratamos de um lugar, esse processo de apropriar-se não se dá no sentido literal de posse, mas sim de identificação: é como se fizéssemos daquele espaço um lar, um local de afetos,

algo nosso, parte de nós. É como se, com a apropriação, aquele lugar passasse a nos pertencer, e reciprocamente nós passássemos a pertencer também a ele. Quando a apropriação acontece, alguns elementos presentes no ambiente podem ter facilitado o caminho. Um desses elementos é a legibilidade.

No livro *A imagem da cidade*, obra da década de 1960 fundamental para a discussão de questões urbanísticas, Kevin Lynch discute o conceito de legibilidade de uma cidade. Crucial para o cenário urbano, por legibilidade Lynch (2010, p. 3) entende

[...] a facilidade com que suas partes podem ser reconhecidas e organizadas num modelo coerente. Assim como esta página impressa, desde que legível, pode ser visualmente apreendida como um modelo correlato de símbolos identificáveis, uma cidade legível seria aquela cujos bairros, marcos ou vias fossem facilmente reconhecíveis e agrupados num modelo geral.

Lynch (2010) explica que estruturar e identificar o ambiente é uma capacidade vital entre todos os animais que se locomovem. Para isso, vários indicadores são usados: cores, movimentos, luz, olfato, audição, tato, sentido de gravidade ou dos campos elétricos e magnéticos da Terra. Essa organização é fundamental para a sobrevivência de todos os animais.

Também os humanos usam recursos que fazem com que perder-se completamente seja uma experiência rara na cidade moderna: além da presença dos outros, temos recursos espaciais como mapas, números e nomes de ruas, sinais de trânsito, placas de itinerários de ônibus. O autor lembra que “a necessidade de reconhecer e padronizar nosso ambiente é tão crucial e tem raízes tão profundamente arraigadas no passado, que essa imagem é de enorme importância prática e emocional para o indivíduo” (LYNCH, 2010, p. 4).

O processo de reconhecer uma cidade como quem reconhece as páginas de um livro também é metáfora de Ítalo Calvino em suas *Cidades invisíveis*, propondo uma urbe que possui um discurso próprio e hipnoticamente conduz seus visitantes a repeti-lo, como num transe.

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o mesmo discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de

registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes (CALVINO, 1990, p. 18).

Na Tamara de Calvino, as palavras da cidade – não ditas, mas emanadas por ela – envolvem o viajante, dominam-no, fazem com que ele enxergue tão somente o que a urbe deseja que ele enxergue: nesse processo, é como se o visitante se envolvesse de tal maneira com essa cidade que se perdesse a si mesmo, como que enredado em uma teia.

Nesta dissertação, trabalharemos com o conceito de estima de lugar, trazido pela pesquisadora Zulmira Bomfim (2010) em sua tese de doutorado:

[...] propomos a estima como uma forma específica de conhecimento, relativa ao aspecto de significado ambiental na dimensão de emoções e sentimentos sobre o ambiente construído. Como categoria social, a estima pode ser compreendida como uma forma de pensamento social que caminha em paralelo a outros de simbolismo do espaço, derivado da categoria de identidade social urbana ou de uma afetividade do lugar (BOMFIM, 2010, p. 218).

Para Bomfim (2010), a estima de lugar, em sua condição de expressão afetiva, é uma das vias de conhecimento da cidade – conhecimento que, neste caso, se dá a partir da vivência. Tendo como base o pensamento de Spinoza, a autora defende que esses afetos podem ser considerados positivos na medida em que eles são potencializadores, ou seja, quando geram uma potência de ação, e são tidos como negativos quando são fontes de uma potência de padecimento. Nesse contexto, é possível apreender os afetos que formam a estima de lugar dentro de quatro categorias: contrastes, insegurança, agradabilidade e pertencimento.

Na categoria *contrastes* estão os sentimentos e emoções contraditórios que apresentam uma polarização entre positivo e negativo. É aqui que se encontra a imagem de uma cidade que afasta e aproxima, atrai e repele, com características contrastantes como expectativa/ frustração, organização/ bagunça, conhecido/ desconhecido, isolamento/ participação, abandono/ permanência, entre outras.

Já na categoria *insegurança* se encontram os afetos que envolvem algo inesperado, instável e às vezes negativo. Nessa categoria se enquadram sentimentos como o de surpresa, tensão, angústia, ansiedade, estresse, solidão – e

situações como de vizinhos desconhecidos, forasteiros que são vistos como potencial fonte de ameaças etc.

Na categoria *agradabilidade* estão os sentimentos de vinculação à cidade e a atribuição de qualidades positivas ao lugar. É quando se enfatiza o lado bom de um local, dizendo o quanto se gosta daquela cidade, que ali é um lugar bonito, tranquilo, agradável, cômodo, acessível, entre outras características positivas.

Por último, na categoria *pertencimento* estão os sentimentos e emoções de identificação e de apego ao lugar: falas que remetem a identidade com a cidade, pertencer a um lugar, amor, família, vida, apego, “minha terra”. Existe um sentimento de que aquele lugar faz parte da pessoa.

Em nosso estudo, trabalharemos com o conceito de estima de lugar buscando identificar nas falas dos entrevistados indícios dessas quatro categorias – ainda que saibamos que qualquer tentativa de apreensão das emoções será sempre um esboço, pois o nível em que os sentimentos se dão está além das palavras ou de qualquer outra forma de expressão proposta. Todos os métodos são, na verdade, tentativas de uma tradução, já que para a “linguagem” na qual os afetos acontecem não existe correspondente dentro dos nossos sistemas de comunicação.

Nesta pesquisa sobre a Cidade 2000, a questão dos afetos tem forte importância no contexto do objetivo do nosso trabalho. Mesmo sabendo de sua natureza além-verbo, iremos nos dedicar a buscar uma materialização desses sentimentos pela urbe através de palavras faladas. No próximo capítulo, iremos apresentar a metodologia utilizada neste trabalho para captação desses sentidos: as entrevistas narrativas.

4 CONTAÇÕES DE VIDA: AS NARRATIVAS NA CIDADE 2000

A estruturação da vida e dos acontecimentos sob a forma de narrativas é provavelmente tão antiga quanto o ser humano e a sua capacidade de transformar em linguagem e em metáfora os mais diversos pensamentos e sentimentos, fatos lembrados ou inventados. As narrativas são, talvez, as mais importantes formas de transmissão de cultura: as histórias contadas perpassam gerações e geram identidade em um grupo, e assim essas narrativas – juntamente com as crenças e os valores contidos nelas – atravessam o tempo.

Pela sua ampla abrangência que diz respeito a praticamente todas as áreas da vida humana, conforme lembra Catherine Riessman (2005), a análise de narrativas não é mais um território exclusivo dos estudos literários; ela penetrou todas as ciências humanas e o exercício de profissões. Hoje, a narrativa como técnica científica de obtenção de dados é multidisciplinar e envolve diversos métodos e abordagens.

Brockmeier e Harré (2003, p. 525) datam da década de 1980 o momento em que as ciências humanas “descobriram” que a forma de estória, “tanto oral quanto escrita, constitui um parâmetro linguístico, psicológico, cultural e filosófico fundamental para nossa tentativa de explicar a natureza e as condições de nossa existência”. Dada a sua complexidade, as narrativas passaram a ser algo muito além de um objeto de investigação, tornando-se mesmo um novo gênero da filosofia da ciência.

Mas o quão acurada, fidedigna ou ao menos verossímil precisa ser uma narrativa para que ela seja considerada válida, verdadeira? E quando essa narrativa é de cunho autobiográfico, voltando-se para o narrador e sua própria história? Qual a medida?

Defendendo uma abordagem construtivista, Jerome Bruner (2004) acredita que “histórias” não “acontecem” no mundo real, mas, em vez disso, são construídas na cabeça das pessoas. De uma maneira mais poética, ele explica as narrativas citando Henry James: “as histórias acontecem com pessoas que sabem como contá-las”.

Seguindo uma linha parecida, Brockmeier e Harré (2003) criticam a chamada *falácia representacional*, a qual nos levaria a acreditar que existe uma – e apenas uma – realidade humana à qual todas as narrativas devem se reportar: uma realidade externa, objetiva, irrefutável.

[...] devemos manter em mente que pode haver um número de histórias diferentes a serem contadas sobre esses complexos assuntos humanos, tais como, por exemplo, uma vida. Como é bastante discutido na pesquisa autobiográfica, uma história de vida geralmente envolve diversas histórias de vida que, além disso, se modificam ao longo do curso da vida. É uma falácia presumir que estas várias narrativas (auto)biográficas diferem umas das outras no sentido de que algumas são “verdadeiras” e outras são “não” ou “menos” verdadeiras. [...] Viver é atribuir significado a uma vida; na verdade, o processo de construção de significado pode ser visto como o centro da vida humana (BROCKMEIER; HARRÉ, 2003, p. 530).

A ideia de realidade e de vida experienciada, portanto, de acordo com esse ponto de vista, não estaria fora, externa às pessoas e às suas memórias e interpretações. O registro *do que aconteceu*, em última instância, é um registro inexistente – o acesso a esse passado só pode se dar através de quem o viveu, ainda que essas lembranças estejam sujeitas a várias reinterpretações e ressignificações promovidas pelos sujeitos.

Se as narrativas por si já se apresentam suscetíveis às diversas interpretações e maneiras de contar possíveis do narrador acerca do vivido, no caso das narrativas autobiográficas a ocasião se torna ainda mais delicada. Como apresenta Bruner¹⁴ (2004, p. 693), “a história da vida de alguém é, naturalmente, uma narrativa privilegiada, mas conturbada no sentido de que é reflexiva: o narrador e a figura central na narrativa são os mesmos”.¹⁵

“Privilegiada, mas conturbada” ou “conturbada, mas privilegiada”? Quem, apesar de todas as possíveis refrações, poderia melhor enxergar e contar uma história do que o próprio sujeito? Além disso, tudo na narrativa, até mesmo os

¹⁴ Cabe aqui explicar uma circunstância da utilização deste e de outros referenciais teóricos: apesar das centenas de trabalhos acadêmicos que se utilizam da narrativa como método no Brasil, apenas uma pequena parcela dos artigos, livros e periódicos que se debruçam sobre o tema está traduzida para o português. A maioria das publicações está disponível em inglês, e nesta dissertação fizemos uso delas em tradução livre realizada pela autora. Em citações mais longas e sempre que julgar-se necessário, os trechos originais serão disponibilizados em notas de rodapé.

¹⁵ “The story of one's own life is, of course, a privileged but troubled narrative in the sense that it is reflexive: the narrator and the central figure in the narrative are the same.”

desvios e contradições, é capaz de trazer luz sobre a transformação pela qual aquela pessoa passou: ao falar de si mesmo, ao lembrar seu passado, suas razões, suas circunstâncias, o narrador se reconstrói, se depara e se compara com aquele eu do passado, traz uma atualização de si mesmo, incorpora e personifica a sua própria ressignificação. Como afirma Fritz Schütze, o criador do método da entrevista narrativa,

A interpretação narrativa da vida de uma pessoa lida não apenas com os acontecimentos externos que ocorrem com o indivíduo, mas também com as mudanças internas às quais a pessoa tem de se submeter ao experimentar, reagir e moldar (e parcialmente até mesmo produzir) os eventos exteriores (SCHÜTZE, 2008, p. 9).¹⁶

Ainda em Bruner (2004), existe uma movimentação recíproca entre a vida e a narrativa: do mesmo modo que, nas palavras de Aristóteles, a arte imita a vida, e, na famosa frase de Oscar Wilde, a vida imita a arte, também a narrativa imitaria a vida, e a vida imitaria a narrativa. O autor reforça essa tese citando um trecho de Jean-Paul Sartre em sua autobiografia, no qual este diz que um homem é sempre “um contador de histórias, ele vive rodeado de suas próprias histórias e pelas histórias de outras pessoas, ele vê tudo o que acontece com ele *em termos* dessas histórias e ele tenta viver sua vida como se estivesse recontando-a”¹⁷ (SARTRE apud BRUNER, 2004, p. 699).

Pode-se falar em um movimento dialético entre vida e narrativa: ao mesmo tempo em que uma pessoa constrói sua história de vida a partir de narrativas, essas narrativas também, até certo ponto, vão moldando e construindo a vida desse sujeito, vão trazendo um mundo de sentidos e significados, justificativas e explanações acerca do que ele acredita ser seu lugar no mundo.

Embora o terreno das narrativas soe escorregadio pelo fato de uma mesma história ter, virtualmente, infinitas versões, leituras e interpretações – se infinitos forem os sujeitos que, através do tempo e do espaço, afetaram e se deixaram afetar

¹⁶ “Narrative rendering of one’s own life deals not just with the outer events occurring to the individual but also with the inner changes she or he has to undergo in experiencing, reacting to, and shaping (and partially even producing) those outer events.”

¹⁷ “A man is always a teller of stories, he lives surrounded by his own stories and those of other people, he sees everything that happens to him *in terms* of these stories and he tries to live his life as if he were recounting it.”

por determinado acontecimento –, são exatamente essas possibilidades incontáveis que fazem as narrativas existirem e terem sentido. Se houvesse apenas uma história igualmente replicada na mente de todos, não haveria necessidade de se contá-la mais do que uma vez. É essa diversidade – múltiplas verdades – que dá às narrativas riqueza e existência.

Nesta pesquisa, buscaremos ouvir as histórias de vida de alguns dos moradores da Cidade 2000 e compreender como se dá a representação daquele espaço em suas autobiografias. As histórias terão como foco a vivência dessas pessoas naquele ambiente, como os afetos delas em relação ao bairro foram sendo construídos, por quais momentos ou possíveis fases esses afetos passaram. Dessa forma, as narrativas serão um importante meio para entender o processo de apropriação do espaço desses narradores.

4.1 A narrativa como técnica de entrevista no campo estudado

A entrevista narrativa é um método de geração de narrativas desenvolvido pelo sociólogo alemão Fritz Schütze na década de 1970. O que há são narrativas “improvisadas”, isto é, relatos que o entrevistado produz sem preparação e sem a interrupção do entrevistador. Conforme Germano (2009, p. 1),

Fundado num conjunto de tradições tais como sociologia fenomenológica, interacionismo simbólico e etnometodologia, o método de Schütze pretende revelar “estruturas de processos” pessoais e sociais de ação e sofrimento como também possíveis recursos de enfrentamento e mudança.

Uma das principais características desse método é o fato de ele fugir da estrutura fechada de perguntas-respostas típicas das entrevistas estruturadas ou mesmo das entrevistas semiestruturadas, partindo-se, ao invés disso, das chamadas *perguntas geradoras abertas*.

As perguntas geradoras são, na verdade, convites para que a pessoa conte sua história do modo como achar conveniente. O foco da pesquisa é brevemente explicado, tomando-se o cuidado de nesse momento não se apresentar nenhuma

hipótese ou qualquer outro elemento o qual possa vir a influenciar a resposta do narrador. Essas perguntas abertas permitem que o entrevistado-narrador selecione o que ele próprio considera importante contar, com base em seus próprios recursos. A intervenção do entrevistador deve ser mínima.

Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 95) afirmam que a ideia da entrevista narrativa é motivada por uma crítica ao esquema pergunta-resposta porque, neste último modelo, o entrevistador está impondo estruturas em um sentido tríplice: “a) selecionando o tema e os tópicos; b) ordenando as perguntas; c) verbalizando as perguntas com sua própria linguagem”.

Embora a narração “pura” e livre de qualquer tipo de interferência do entrevistador seja quase inalcançável – visto que a simples presença do pesquisador e da sua pergunta geradora por si já traz uma expectativa para o narrador do que o outro “gostaria” de ouvir, de que partes da história seriam interessantes para ele, do que soaria melhor ser dito naquele contexto –, certamente a versão da entrevista narrativa é menos autoritária do que a de perguntas fechadas, promovendo uma liberdade maior na estruturação das ideias e das histórias.

A resposta à pergunta geradora é chamada de narração central. Após a indicação do narrador de que a história acabou (“coda”), vem a segunda fase da entrevista: a das *perguntas iminentes*, referentes ao conteúdo da história contada, quando o entrevistador terá a oportunidade de esclarecer sobre alusões, ambiguidades e passagens não compreendidas. Posteriormente, vem a fase das *perguntas exmanentes*, referentes ao interesse do pesquisador. Nesse momento, são feitas algumas perguntas-chave previamente elaboradas, voltadas para o foco que se quer dar à pesquisa (GERMANO, 2013).

Essa última etapa pode ser responsável por caracterizar a entrevista narrativa como um método misto de entrevista não estruturada e semiestruturada: enquanto a fase da entrevista que compreende as perguntas geradoras abertas é essencialmente não estruturada, na última fase é possível levantar questionamentos previamente refletidos, pensados antes que se conhecesse a história daquele que a narra – perguntas de interesse do investigador e de sua pesquisa, as quais talvez nunca houvessem sido questionadas pelo narrador. Consideramos a etapa de perguntas exmanentes como importantíssima para o processo de investigação, pois

é nela que os mundos do entrevistado e do entrevistador dialogam e constroem pontes.

Através de uma narrativa, a história contada pelo entrevistado passa a ter um *enredo*, uma teia de significados e de complexas relações entre acontecimentos. Como lembram Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 92),

Contar histórias implica duas dimensões: a dimensão cronológica, referente à narrativa como uma sequência de episódios, e a não cronológica, que implica a construção de um todo a partir de sucessivos acontecimentos, ou a configuração de um "enredo". O enredo é crucial para a constituição de uma estrutura de narrativa. É através do enredo que as unidades individuais (ou pequenas histórias dentro de uma história maior) adquirem sentido na narrativa. Por isso a narrativa não é apenas uma listagem de acontecimentos, mas uma tentativa de ligá-los, tanto no tempo, como no sentido.

A construção desse enredo, no entanto, nem sempre se faz de maneira simples e linear: uma série de conflitos e mesmo de contradições também podem vir a constituir essa textura, essas tramas – são diferentes cores que dão vida e estranheza ao tecido da narração, conferindo a ele um sentido em si mesmo, fazendo dessa busca o próprio sentido do contar.

Nesta dissertação, utilizamos entrevistas narrativas com os moradores da Cidade 2000. O método foi escolhido pelo fato de que, partindo-se de uma pergunta aberta, pode-se apreender de maneira mais precisa a visão de mundo do entrevistado, já que ele não é direcionado a cumprir um roteiro de perguntas sobre eventos específicos – perguntas essas que são, certamente, reveladoras das intenções e valores do entrevistador e de sua pesquisa, mas não necessariamente do entrevistado-narrador. Este se coloca em uma posição mais independente, então, para, em seu discurso, construir suas prioridades, ordenar os acontecimentos e enfatizá-los conforme a importância que *ele* lhes dá.

Seguindo a proposta de Schütze, as entrevistas tiveram três fases principais: na primeira, o narrador era convidado a contar sua história na Cidade 2000 da forma como desejasse. Na segunda, perguntas imanentes eram feitas para esclarecer e desenvolver questões apresentadas na narrativa central. Na terceira etapa, a das perguntas exmanentes, o narrador era convidado a contar momentos específicos de sua vida na Cidade 2000.

Para essa terceira fase, foi construído um pequeno roteiro com tópicos sobre os quais o entrevistado poderia se debruçar. A estrutura de tópicos no lugar de perguntas fechadas foi utilizada para que se pudesse construir um questionamento tendo por base a própria fala do entrevistado.¹⁸

Foram basicamente três tópicos os abordados durante a fase de perguntas exmanentes: 1) Mudança para a Cidade 2000 (motivos, expectativas, afetos etc.); 2) permanência na Cidade 2000 (facilidades e dificuldades, imagem do bairro na cidade, participação comunitária etc.); 3) Cidade 2000 hoje (possíveis mudanças na casa e no bairro, relação com a vizinhança, afetos atuais, diferenças entre o bairro atual e o do passado, se em algum momento se mudou ou cogitou se mudar, espaço ocupado pela Cidade 2000 em Fortaleza). Nem todos esses questionamentos foram feitos a todos os entrevistados: as perguntas vinham de acordo com a necessidade de detalhamento, considerando a narração inicial.

Essa pequena rota foi construída tendo em vista uma melhor apreensão dos afetos envolvidos entre o morador e o bairro. Procuramos abordar momentos-chave da vida desses habitantes, a começar pela mudança para a Cidade 2000. Ao falar de seu contexto de vida naquele momento, dos motivos que fizeram deixar a antiga residência, da relação entre suas expectativas sobre o bairro e o que de fato encontraram por lá, os entrevistados poderiam rememorar as primeiras impressões e afetos sobre a Cidade 2000, revivendo os inícios.

Em um segundo momento, os entrevistados iriam desenvolver uma fala no sentido de como essa estada foi se desenvolvendo e se solidificando no bairro, com uma valoração sobre os aspectos positivos e negativos do local ao longo desse tempo. Por último, os narradores contariam sobre sua vida no bairro hoje, fazendo ao fim um balanço sobre as mudanças pelas quais o bairro passou e sobre como eles se sentem vivendo no bairro atualmente.

¹⁸ Procuramos construir as perguntas de maneira a estabelecer *rappor*t com o entrevistado, espelhando suas construções e termos utilizados. Podemos citar como exemplo o caso do Entrevistado 3, que, durante sua narrativa central, usou a palavra “climatização” para se referir ao seu processo de adaptação durante sua mudança de Iguatu para Fortaleza. Ao detalhar esse processo nas perguntas imanentes e exmanentes, usamos sempre o verbo “climatizar-se” em detrimento de “adaptar-se”, “acostumar-se” ou “ambientar-se”, de modo a estabelecer mais conexão, confiança e empatia com o narrador.

4.2 Analisando as entrevistas narrativas da Cidade 2000

Conforme bem delimitaram Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 105), a entrevista narrativa é uma técnica para gerar histórias, sendo ela aberta quanto aos procedimentos analíticos que seguem a coleta de dados. Entretanto, vários autores sistematizaram formas de analisar o material captado a partir da técnica narrativa, conforme a proposta de suas abordagens – o próprio Schütze também sugeriu um método a ser seguido para a análise de suas entrevistas narrativas.

Nesta dissertação, pelas especificidades da pesquisa – e levando em conta o fato de que o objeto de estudo não é a autobiografia em si dos sujeitos, mas sim a relação afetiva desenvolvida entre eles e o bairro Cidade 2000 ao longo de mais de 40 anos, sendo as narrativas um meio para se captar os afetos em meio a essas histórias –, será utilizada a chamada *análise temática* proposta por Riessman (2005; 2008).

A autora apresenta quatro modelos de análise de narrativas, as quais simplificadaamente apresentam as seguintes diferenças entre si: 1) análise temática (*thematic analysis*): a ênfase está no conteúdo do texto, “o que” é dito é mais importante que “como” é dito, o “contado” é mais importante que o “contar”; 2) análise estrutural (*structural analysis*): a ênfase está no contar, na maneira como a história é contada; 3) análise interacional (*interactional analysis*): a ênfase é dada no processo dialógico entre o narrador e o ouvinte-pesquisador; 4) análise performativa (*performative analysis*): numa extensão da abordagem interacional, o interesse vai além da palavra falada e a narração é vista como uma performance, envolvendo e persuadindo a audiência através da linguagem e do gesto (RIESSMAN, 2005, p. 2-5).

Iremos colocar foco, conforme já mencionado, na primeira abordagem, a análise temática, a qual é defendida pela autora como útil para encontrar elementos temáticos comuns em participantes da pesquisa. Nesse tipo de análise, a linguagem é tratada de maneira secundária para que se possa colocar ênfase no dito, no comunicado.

Pelo fato de o interesse residir no conteúdo do discurso, os analistas interpretam o que é dito se concentrando no significado que qualquer

usuário competente da língua iria encontrar em uma história. A linguagem é vista como um recurso, não como um tema de investigação (RIESSMAN, 2005, p. 3).¹⁹

Ao contrário de certas análises que defendem a transcrição minuciosa da narrativa por completo, incluindo aí hesitações, fragmentos de frase, palavras equivocadas (ainda que corrigidas imediatamente pelo próprio narrador), a análise temática encoraja o pesquisador a “limpar” a fala do narrador, editá-la de modo a construir uma linha de enredo sem ambiguidade, requerendo-se apenas que sejam indicados com reticências os momentos nos quais trechos de falas forem excluídos. Nas palavras da própria Catherine Riessman (2005, p. 58), “uma linguagem falada ‘bagunçada’ é transformada para torná-la facilmente legível. Embora a ambiguidade permaneça, o investigador não a explora, presumindo que o leitor irá ‘preencher’ e compreender o sentido do ponto principal”.²⁰

Riessman alerta para a realidade de seu método: os estudiosos da narrativa não devem esperar encontrar um conjunto de regras rígidas para promover a análise dos textos gerados, já que existe uma grande diversidade entre as pesquisas no que se refere a tipos de dados, perspectiva teórica, posição epistemológica, questões de pesquisa ou mesmo na definição de narrativa. Em vez disso, diz ela, “o meu objetivo é escavar práticas ou formas de trabalhar concretas com os dados narrativos em que a atenção principal é sobre ‘o que’ é dito, em vez de ‘como’, ‘a quem’, ou ‘para que fins’” (2008, p. 53-54).²¹

Entre os elementos que devem receber “foco mínimo” durante a análise, Catherine Riessman coloca as estruturas de discurso selecionadas por um narrador, na audiência (real e imaginada), no contexto local que gerou a narrativa ou nas complexidades da transcrição. “Questionar uma linguagem particular adotada pelo

¹⁹ “Because interest lies in the content of speech, analysts interpret what is said by focusing on the meaning that any competent user of the language would find in a story. Language is viewed as a resource, not a topic of investigation.”

²⁰ “Consequently, ‘messy’ spoken language is transformed to make it easily readable. Although ambiguity remains, the investigator does not explore it, assuming a reader will ‘fill in’ and make sense of the main point.”

²¹ “Because the candidate exemplars are extremely different (in kinds of data, theoretical perspective, epistemological position, research questions, even in definition of narrative), students looking for a set of rules will be disappointed. Instead, my objective is to excavate concrete practices or ways of working with narrative data where primary attention is on ‘what’ is said, rather than ‘how’, ‘to whom’, or ‘for what purposes’.”

entrevistado não é relevante para a finalidade; o foco está no ato que a narrativa reporta e na moral da história” (RIESSMAN, 2008, p. 62).²²

Claro que esse método, ao relegar as questões linguísticas e circunstanciais da entrevista a um plano de pouca importância, traz suas limitações – tanto que a própria Riessman afirma que a análise temática narrativa não é adequada para todas as questões de pesquisa. Certamente, alguns dados que aparecem no discurso, implícita e inconscientemente, são deixados de analisar, sendo que esses dados poderiam ser essenciais para certas compreensões.

Outra limitação sobre a qual devemos refletir é que essa técnica obscurece algumas particularidades de significação e contexto ao agrupar várias narrativas distintas em uma mesma categoria temática – subentende-se que todos os narradores querem dizer a mesma coisa ou pelo menos algo parecido, quando na realidade alguns deles podem trazer ambiguidades não ditas.

Tendo em mente esses pontos que podem vir a afetar a excelência da análise – mas ainda acreditando que essa é a técnica mais adequada para o presente estudo –, trabalharemos no sentido de procurar minimizar o impacto dessa nivelção dos casos dentro de uma mesma categoria, utilizando, sempre que se julgar necessário, notas e observações que contextualizem certos aspectos e especificidades do que foi dito.

Para análise das entrevistas narrativas no presente trabalho, teremos por base o método da análise temática proposta por Catherine Riessman (2005; 2008). Neste estudo sobre a Cidade 2000, as narrativas serão tratadas respeitando as ressignificações sobre o passado e as fluidez da memória, não havendo uma preocupação em conferir os dados apresentados pelos moradores ou confirmá-los em fonte oficial. O importante aqui é a maneira como a história aconteceu sob o ponto de vista do entrevistado, sua interpretação sobre o acontecido, não o que se deu em uma suposta realidade externa, já que os afetos moram é nessa leitura interna e subjetiva.

Para a pesquisadora, desvelar os afetos dos narradores acerca da Cidade 2000 por meio de entrevistas narrativas gerou alguns desafios, na medida em que os elementos-chave do estudo às vezes apareciam de maneira difusa no discurso:

²² “Interrogating the particular language a speaker selects is not relevant to their purpose; focus is on the act the narrative reports and the moral of the story.”

na presente pesquisa, por exemplo, nem sempre os narradores falavam de seus afetos pelo bairro de modo explícito e facilmente identificável. Podemos citar como ilustração o caso da Entrevistada 1: posteriormente à pergunta geradora aberta, já na fase das perguntas exmanentes, o questionamento veio de maneira mais direta e específica:

P.: Qual é o seu maior sentimento hoje em relação à Cidade 2000?

R.: Eu acho assim, que deveria ter mais lugar pra lazer pros jovens... Assim, porque caixa eletrônico a gente tem muito, tem na farmácia, tem no supermercado, o da casa lotérica, acho que não tem necessidade... Comércio também tem demais... Assim, o que eu vejo mais é área de lazer, que necessita (Entrevistada 1).

Estar em campo é esse constante exercício de nem sempre (ou quase nunca) ouvir as respostas esperadas – pelo menos não da maneira como acreditamos que elas virão, não no momento em que nos preparamos para recebê-las. Principalmente quando se fala de afetos, estes parecem ter vontade própria, uma espontaneidade que faz com que eles tenham o seu próprio tempo. A nós, só nos resta acompanhar esse ritmo peculiar e estar de olhos e ouvidos bem abertos para quando eles chegarem devagar ou bruscamente.

4.3 Seleção dos entrevistados e breves perfis

Tendo a primeira etapa da Cidade 2000 sido inaugurada no ano de 1971, decidimos que principal critério de seleção dos entrevistados seria que esses moradores deveriam ter chegado ao bairro durante a década de 1970 e necessariamente morar no bairro até hoje. Ao utilizar esse critério, os entrevistados acabariam tendo morado em média durante 40 anos no bairro, tempo considerável para o desenvolvimento de diversos afetos acerca de um lugar – podendo esses afetos ter passado por diferentes fases, inclusive.

Para conseguir encontrar pessoas que morassem no bairro há tantas décadas, contamos com a ajuda de agentes comunitários de saúde do Centro de Saúde Rigoberto Romero, na Cidade 2000. Necessariamente moradores do bairro

onde trabalham, os agentes da Estratégia Saúde da Família²³ promovem visitas domiciliares regulares em suas áreas de atuação na comunidade – assim, esses trabalhadores puderam nos indicar contatos de moradores que viviam no bairro desde o início.

Foram entrevistados cinco moradores da Cidade 2000.²⁴ Com idades entre 46 e 85 anos e tendo chegado ao bairro entre 1972 e 1978, os narradores contaram suas histórias em diferentes contextos: foram conversas na calçada, no sofá de casa, na sala de espera de um posto de saúde, numa banca de revistas... Em todos os casos, compartilhamos nós – o narrador e a pesquisadora – um pouco do bairro, um pouco dos seus muitos lugares e possibilidades. Cada entrevista aconteceu, metalinguisticamente, de tal modo que conversávamos e ao mesmo tempo vivíamos o que a 2000 tinha para oferecer.

A seguir, disponibilizamos um breve perfil de cada um dos entrevistados, contando um pouco de seus contextos quando chegaram à Cidade 2000.

- *Entrevistada 1*: Nasceu em 1969 e mora no bairro desde 1977. Hoje com 46 anos, é funcionária pública e possui o ensino médio completo. Ela é natural de Quixadá e veio para a Cidade 2000 aos sete anos acompanhando os pais (“criança não tem muita escolha...”), que vieram para Fortaleza trazendo os filhos em busca de melhores oportunidades de estudos e trabalho.
- *Entrevistado 2*: Com 85 anos, o Entrevistado 2 nasceu em 1930 e se mudou para a Cidade 2000 no ano de 1974. Fortalezense, ele antes morava na Praia de Iracema, em uma casa alugada, a qual foi desapropriada pela Prefeitura para abrir uma rua (“Você acredita que isso foi em 1974, hoje ainda não passaram essa rua lá? Não fizeram nada”). Veio para a Cidade 2000 já aos 44 anos, casado e com filhas. Das cinco que teve, duas ainda são solteiras e moram com ele. Aposentado, estudou até o 5º ano.

²³ A Estratégia Saúde da Família, a qual visa à reorganização da atenção básica no Brasil, atuando de acordo com os preceitos do Sistema Único de Saúde (SUS), trabalha com base no estabelecimento de uma equipe multiprofissional composta por médico, enfermeiro, auxiliar ou técnico de enfermagem e agentes comunitários de saúde. Este último tem papel muito importante no acolhimento, pois é um membro da equipe que faz parte da comunidade, o que permite a criação de vínculos mais facilmente. Transitando entre o governo e a comunidade, os agentes têm o papel de intermediar essa interlocução (BRASIL, 2015).

²⁴ Por se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos, o projeto desta dissertação foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará (CEP/UFC) e aprovado pelo Parecer Consubstanciado do CEP nº 1.064.296/2015.

- *Entrevistado 3*: Também com 85 anos, ele é aposentado e dono de um pequeno comércio na Cidade 2000. Nasceu em 1930 e chegou à Cidade 2000 no ano de 1978, já casado e com seis filhos, “a caçula já tinha era um bocado de ano”. Natural de Iguatu, veio para Fortaleza em busca de melhores condições para a família – “os interior é muito sofredor”. Sabe ler e escrever (“meu saber é muito pouco, naquela época a gente ia estudar num cavalo, numa distância grande...”).
- *Entrevistada 4*: Aposentada, 69 anos, ela nasceu em 1946, em Aracoiaba. Veio para a capital ainda jovem, aos 18 anos, para estudar. Fez curso técnico em enfermagem. Viveu no município de Pacatuba, na Região Metropolitana de Fortaleza, e depois no bairro Montese, em casa alugada. Comprou uma casa na Cidade 2000 no ano de 1972 porque trabalhava no Hospital Geral de Fortaleza e queria morar mais perto do emprego.
- *Entrevistado 5*: Aposentado e dono de um pequeno comércio nos fundos de sua casa, o Entrevistado 5 é maranhense e nasceu em 1940 (“vou fazer 75 anos, graças a Deus”). Veio para a Cidade 2000 no ano de 1975, quando casou. Antes, morava de aluguel em uma casa na Aldeota. Veio para a 2000 porque “a melhor coisa é você morar em sua casa própria”.

No próximo capítulo, iremos apresentar uma análise das entrevistas realizadas, sendo essa análise separada em três etapas ilustradas com frases dos entrevistados: 1) *O chegar de uma partida*: “Nós vamos morar num buraco!”, 2) *O permanecer*: “Perigo é os que vêm de fora” e 3) *O enraizar-se e frutificar*: “Agora já não é uma Cidade 2000, é uma Cidade 8000”.

Essas etapas são intituladas com verbos no infinitivo não à toa: metaforicamente, esses verbos representam a *ação*, a decisão ativa dentro da trajetória dos narradores na escolha de viver o bairro, de construí-lo, de fazer dele parte de suas histórias e de ser também parte da história dele.

5 VERBOS DE UMA TRAJETÓRIA: OS INÍCIOS, OS CONFLITOS E OS EQUILÍBRIOS POSSÍVEIS

5.1 O chegar de uma partida: “Nós vamos morar num buraco!”

Todos os dias é um vai e vem
 A vida se repete na estação
 Tem gente que chega pra ficar
 Tem gente que vai pra nunca mais
 [...]
 É assim chegar e partir
 São só dois lados da mesma viagem
 O trem que chega
 É o mesmo trem da partida
 (Milton Nascimento e Fernando Brant)

Comprar uma passagem só de ida para um novo lugar significa necessariamente deixar outro para trás. A relação dialética entre chegar e partir é a base sobre a qual irá se estabelecer, pelo menos no início, a apropriação espacial da pessoa em sua nova morada. A construção e a ocupação da Cidade 2000, durante a década de 1970, se passam dentro do contexto do forte fluxo migratório do interior para a capital cearense que caracterizou o crescimento de Fortaleza no século XX.

Dos cinco moradores entrevistados, todos eles tendo se mudado para a Cidade 2000 ainda nos anos 1970, quatro tinham nascido no interior – uma amostra que sem dúvida é, do ponto de vista estatístico, pequena demais para que se possa tomar qualquer conclusão percentual sobre a natureza migrante ou não dos moradores daquele bairro. Entretanto, esse dado não deixa de ser um interessante sintoma da explosão demográfica por que passou Fortaleza em decorrência da corrente migratória que, assim como um rio, nasce na secura das terras e flui para o mar de concreto e de gente que habita o litoral.

A imigração é um tema humano universal e antiquíssimo. Abdelmalek Sayad (1998), pesquisador que estudou o fenômeno migratório dos argelinos na França, diz da relação entre imigração e emigração:

[...] na origem da imigração encontramos a emigração, ato inicial do processo, [...] pois o que chamamos de *imigração*, e que tratamos como tal em um lugar e em uma sociedade dados, é chamado, em outro lugar, em outra sociedade ou para outra sociedade, de *emigração*; como duas faces de uma mesma realidade, a emigração fica como a outra vertente da imigração, na qual se prolonga e sobrevive, e que continuará acompanhando enquanto o imigrante, como duplo do emigrante, não desaparecer ou não tiver sido definitivamente esquecido como tal (SAYAD, 1998, p. 14).

O *emigrante* e o *imigrante* são, na verdade, dois nomes diferentes para uma mesma pessoa: o velho e o novo lugar que ela ocupa no mundo fazem com que ela seja referenciada de modo diverso, de acordo com seu ponto de chegada ou partida, conforme o extremo em que se encontre dentro de seu movimento de mudança.

Ao falar sobre a chegada à Cidade 2000, pelo menos dois dos entrevistados abordaram a questão migratória mais fortemente em suas narrativas:

Eu vim de Quixadá porque meu irmão mais velho estudava aqui e ficava na casa de alguém da família, aí a minha mãe resolveu vir com todos pra dar um suporte maior para ele, para ele ter onde ficar na casa da família mesmo (Entrevistada 1).

Fizemos um bom passo de ter vindo de Iguatu pra cá. Foi muito bom. Os interior é muito sofredor. Trabalha muito e num faz nada. Aqui todos [os filhos] se viraram, se formaram numa coisa ou em outra. Trabalha em banco, trabalha em TRE, de todo jeito tem... Todos são empregados (Entrevistado 3).

Ainda que em contextos bastante diferentes, ambos os entrevistados tiveram algo em comum em suas mudanças: a busca por mais oportunidades na cidade grande. Enquanto a Entrevistada 1 veio para Fortaleza ainda criança, trazida com a família para que pudessem estudar, o Entrevistado 3 trouxe a sua família para um afastamento do “sofrer” interiorano, destacando como resultado positivo da migração o sucesso dos filhos em conseguir bons empregos.

A certeza de ter feito uma boa escolha e a satisfação com a decisão tomada, entretanto, podem vir muito posteriormente à migração em si. O balanço de uma mudança bem-sucedida pode ter sido precedido por um período difícil de adaptação. O contraste de afetos em uma mudança faz com que seja possível estar, ao mesmo tempo, contente pela chegada e pesaroso pela partida. No caso do Entrevistado 3, a

adaptação do ambiente rural para a Cidade 2000, em um primeiro momento, passou por fases de dor e luto.

Ah, eu só faltava ficar doído! [*Risos*] De olhar, de pensar... Das coisas lá, a gente deixou gado lá, terra, animal... E eu sonhava toda noite por lá. Era aquele rebuliço danado. Eu tava [*no trabalho*] e me lembrando das coisas (Entrevistado 3).

A dor que ocupava seus pensamentos, sentimentos e sonhos foi, aos poucos, dando espaço à construção do novo. Hoje, depois de quase 40 anos de vida na Cidade 2000, as visitas à sua terra natal já não continuam no mesmo ritmo: “Eu custo a ir lá... Custo assim, vou ainda de ano em ano lá. Quando eu cheguei, ia mais rápido, mas agora a gente já se climatizou-se aqui, né?” (Entrevistado 3).

Em seu discurso, as voltas constantes ao seu antigo lar em um período inicial aparecem ligadas a uma não vinculação com sua nova morada. Tão logo ele se “climatiza” com o ambiente citadino, as visitas ao interior diminuem a frequência, como se perdessem a urgência e a forte necessidade, já que outro lugar agora ocupa a posição de lar.

O modo de vida de uma comunidade certamente influencia e impacta as relações estabelecidas entre as pessoas e os ambientes. Se o contraste entre a Cidade 2000 e a zona rural de gados e plantações era grande, o mesmo não se poderia dizer sobre este bairro e as cidades de interior. Sobre sua chegada, a Entrevistada 1 conta:

Não, não teve nenhuma mudança drástica, porque eu vim com a família toda, e também eu era assim, pequena, criança nunca tem muita escolha, tem que seguir os pais! E aqui também era como se fosse uma cidade do interior, que na verdade ainda é. Muita gente quando chega aqui diz: “Valha, parece uma cidade do interior!” (Entrevistada 1).

De fato, as ruas estreitas, as pessoas nas ruas até tarde da noite, os vizinhos que se conhecem pelo nome e pela história – elementos citados pelos entrevistados como característicos da Cidade 2000, conforme analisado mais à frente – em tudo lembram uma cidade pequena, do interior. Assim era na década de 1970, quando a Entrevistada 1 chegou ao bairro, e em certa medida assim continua ainda hoje,

apesar de todas as mudanças que essas quatro décadas fizeram com a região e com Fortaleza.

Até que ponto os migrantes interioranos, ao trazerem e implementarem sua cultura e seus hábitos na nova morada, acabaram por transformar a Cidade 2000 em uma espécie de cidade do interior dentro da capital? Ou foi a Cidade 2000 que, com suas características e peculiaridades, atraiu e fez permanecer as pessoas que possuíam ou se identificavam com um estilo de vida do interior? Essa relação dialética construiu e constrói o bairro e suas pessoas, numa troca que define o lugar e as estimas através do tempo.

Uma das diferenças mais substanciais e irreversíveis entre a Cidade 2000 daquele tempo e a de hoje, entretanto, é a sua localização relativa ao restante da cidade. Morar na 2000 era sinônimo de distância e isolamento, característica em geral típica de conjuntos populares destinados às classes mais pobres. Os entrevistados narram suas lembranças sobre o bairro cercado de dunas da década de 1970:

Aí eu vi a propaganda dessa Cidade 2000. Porque quando eu cheguei aqui era só morro! Aí olhando na televisão eu só via só o telhado das casas... "Nós vamos morar num buraco!" [Risos] Aí nós viemos para cá (Entrevistado 2).

Só era duna ao redor. A gente até subia morro e descia correndo, era o divertimento que tinha. Subia e descia escorregando, era muito divertido. Onde tem mansão e prédio antes era duna, não via nem do outro lado, era morro de areia (Entrevistada 1).

Encravada no meio do Sítio Cocó, à época uma área quase rural dentro de Fortaleza, a Cidade 2000 era cercada por dunas e lagoas, sendo situada a poucos metros do Rio Cocó. O "morar num buraco" mencionado pelo Entrevistado 2 se referia certamente não apenas à sua localização física, um terreno mais baixo do que as dunas que o cercavam, mas servia também de metáfora à situação de isolamento do bairro. Ainda sobre o que encontrou em sua mudança, o entrevistado narra:

Aí quando eu vim pra cá foi um dia, a meio-dia, um sol quente como um todo. Eu vim num caminhão, a bagagem num caminhão... Aí quando eu

olhava assim só via mato. Parece que tinham amarrado uma corda no meu pescoço e saíram arrastando! Mas, quando eu cheguei, aí me admirei com a casa. Uma casa com três quartos, sala, cozinha e banheiro, toda forrada! Lá, onde a gente morava [na Praia de Iracema], quando chovia, a água da chuva... A gente começava a cobrir os meninos pra num molhar, tudo cheio de goteira! Quando eu cheguei aqui, eu me admirei, Ave Maria! Agora, só foi ruim pra voltar pra trabalhar de manhã. Eu já voltava pra acordar e sair 6 e meia pra pegar o ônibus, ia pegar o ônibus lá na delegacia. No inverno, pra sair de casa pra pegar ônibus lá na delegacia, que era a parada do ônibus, eu calçava o sapato e saía dentro d'água! [Risos] Isso foi logo no primeiro inverno, o primeiro inverno que eu peguei lá. Era tudo cheio d'água. Na casa não, a casa era um amor. Não entrava [água] nem por fora nem pelo telhado, era tudo forrado (Entrevistado 2).

A situação de lonjura que o fazia sentir como se estivesse sendo “arrastado” com uma “corda no pescoço” para a nova casa contrasta com a surpresa positiva ao encontrar um imóvel em melhores condições estruturais do que sua moradia anterior, onde os períodos de chuva traziam água para dentro de casa. Interessante observar que a Cidade 2000 também passava por sérios problemas de alagamentos durante o “inverno”, e ele mesmo conta que andava “dentro d'água” para atravessar os quarteirões e chegar à parada de ônibus. Mesmo assim, o Entrevistado 2 faz certa dissociação entre as condições precárias das ruas durante as chuvas e a situação da casa em si, destacando que ela era “um amor” e se mostrando satisfeito o suficiente pelo fato de a água não entrar na casa – apesar da inundação nas ruas.

A Cidade 2000 sendo considerada uma espécie de interior volta a aparecer na fala do Entrevistado 3:

Não, quando a minha sogra veio pra cá – nós morava lá no Iguatu –, ela morava no Presidente Kennedy. Aí o povo considerava isso aqui fora de Fortaleza, era fora de Fortaleza. Na 2000 só vinha ônibus até o Hospital Geral. O resto do caminho vinha de pé. Descia lá, ia embora, voltava e ia de pé. E o aguiação rolando praquelas lagoas ali da Brahma, por ali. [...] E era mesmo, isso aqui era tudo separado, né? (Entrevistado 3).

O estar “fora de Fortaleza”, nessa entrevista, é colocado em razão das distâncias e da falta de acesso. O Hospital Geral de Fortaleza, um dos poucos equipamentos que faziam companhia à Cidade 2000 na área pós-trilhos do Sítio Cocó, fica a cerca de dois quilômetros daquele bairro. O trajeto que era preciso andar para pegar o ônibus, além de longo, era feito por dentro de uma área não urbanizada e muitas vezes também com problemas de alagamentos, “o aguiação rolando praquelas lagoas ali da Brahma”.

Era como se a Cidade 2000 não fizesse parte de Fortaleza. Tanto os trilhos ferroviários quanto o próprio Rio Cocó – ambos delimitações do Sítio Cocó, área ainda não urbanizada na qual o bairro foi construído – podem ser definidos dentro do conceito apresentado por Kevin Lynch (2010, p. 52) como *limites*.

São as fronteiras entre duas fases, quebras de continuidade lineares: praias, margens de rios, lagos, etc., cortes de ferrovias, espaços em construção, muros e paredes. [...] Esses limites podem ser barreiras mais ou menos penetráveis que separam uma região de outra, mas também podem ser costuras, linhas ao longo das quais duas regiões se relacionam e se encontram.

O fato de a Cidade 2000 estar localizada dentro de uma descontinuidade em relação à área habitada de Fortaleza, separada pelo trilho e pela vegetação, além da ausência de vias que fizessem o acesso entre a Aldeota e o bairro, justifica a fala do Entrevistado 3 ao dizer que “isso aqui era tudo separado”. Ele continua:

E aqui tinha pessoas que não queria nem morar! Comprava e entregava, outros dava por um pouco mais ou nada, porque “ah, isso não vale nada, não! Conjunto véi fora de Fortaleza!”, e hoje tá emendado. E nessas bandas só tem coisa boa. É só prédio grande (Entrevistado 3).

O desenvolvimento da cidade na direção do loteamento e ocupação do Sítio Cocó, trazendo grandes construções e condomínios para aquela região, fez com que a Cidade 2000 passasse a ser considerada parte de Fortaleza, inclusive dentro de uma área que foi se tornando valorizada financeiramente. A frase “hoje tá emendado” do Entrevistado 3 traz a ideia de continuidade, já que, com a construção de novas vias, especialmente com o prolongamento da Avenida Santos Dumont em 1976, a via férrea já não representava um limite tão forte e determinante a separar o Cocó do restante da cidade.

A visão da distância relacionada à falta de acesso é corroborada pelo Entrevistado 5, o qual narra e compara a situação da 2000 de antigamente com a que se apresenta hoje:

Não, a Cidade 2000 era muito diferente, nem acesso pra cá tinha. Nem acesso pra cá tinha. Você chegava no Centro da cidade, não tinha um taxista que viesse deixar você na Cidade 2000. De jeito nenhum. Num

vinha. Porque não tinha acesso. Só tinha acesso até o INPS. Aqui veio melhorar depois, que foi aberto a Santos Dumont até a [Praça] 31 de Março, aí foi que veio melhorar a Cidade 2000. Porque não tinha acesso. O ônibus vinha lá pelo INPS, vinha ali por aquela ruazinha ali do Pau Finim, era o maior lamaceiro do mundo, o atoleiro maior do mundo pra chegar até aqui. Aí depois que concluíram a Santos Dumont já melhorou, porque asfaltaram a Santos Dumont e já melhorou pra cá, né? E hoje tá melhorando mais porque você tá vendo que tá se enchendo de edifício, né? Olhe... [Aponta para edifício] Aqui não tinha esse. Olhe... Na entrada ali tá cheio de edifício, olha ali, construindo. Ó lá, ó, aquele lá. Pra lá [em direção à Cidade Fortal] tá crescendo até... Então tem melhorado muito (Entrevistado 5).

Mais uma vez, o surgimento e a multiplicação de grandes edifícios ao redor da Cidade 2000 aparecem nas narrativas como um fator positivo de valorização do bairro. Assim como o Entrevistado 3, o qual diz que “nessas bandas só tem coisa boa, é só prédio grande”, o Entrevistado 5, sentado em sua calçada, olha ao redor e aponta os topos de edifícios que aparecem por detrás das pequenas casas da 2000, diz que as coisas estão melhorando *porque* a área está se enchendo de edifícios.

Talvez o contraste de se ver hoje morando em um bairro de prédios altos e ricos – o mesmo bairro onde antes não se podia chegar nem de ônibus nem de táxi, no qual não havia uma rua que fizesse ligação da 2000 com o restante da cidade – faça com que os entrevistados interpretem a chegada dos edifícios como um sinal de que o bairro agora tem valor, é visado e desejado, os prédios como índice de melhorias e de que os tempos agora são outros.

O Entrevistado 2 também conta sobre a dificuldade de conseguir táxis (ou “carros de aluguel”, como ele chama) de volta para casa quando saía do seu trabalho na Aldeota já tarde, por volta das 23 horas. Nessa narrativa, ele conta seu diálogo com um taxista quando este se recusa a levá-lo para casa pela dificuldade de acesso ao local.

“Eu parei porque passei três vezes aqui e o senhor tava aqui esperando um carro. Eu vi que o senhor trabalhou até agora, precisa ir pra casa dormir... Para onde é que o senhor vai? Onde é que o senhor mora?” “Eu moro na Cidade 2000” [Risos] Aí ele: “Tanta vontade que eu tenho de ajudar o senhor, mas eu não posso...” “Por quê?” “Porque o combustível que eu vou gastar pra levar o senhor em casa eu gasto na volta porque não tem retorno” (Entrevistado 2).

Depois de se oferecer para pagar o dobro do que uma corrida com aquela distância normalmente custaria, o motorista do carro de aluguel aceita deixá-lo em

casa. O entrevistado então narra os caminhos percorridos para chegar da Aldeota até a Cidade 2000.

Aí quando eu vinha na Santos Dumont... Não tem ali onde entra pro Hospital Geral, onde tem um posto de gasolina? Só vinha até ali, só tinha calçamento até ali. A Santos Dumont terminava ali. Pra cá só era morro e mato. Aí ele dobrava, chegava no Hospital Geral e dobrava à direita. Lá na frente, que tinha a Brahma, né, na Brahma dobrava à direita, aí era só um caminhozinho, só dava pra passar um carro e mal. Aí passava, quando o farol do carro clareava, só via a raposa atravessando de um lado para o outro! [Risos] (Entrevistado 2).

A breve descrição do entrevistado faz entrever a precariedade dos acessos e a dificuldade em se locomover naquela época em que as vias não iam até o bairro. A raposa que cruza o estreito caminho no qual os carros se esforçavam para passar é metáfora e personificação do ambiente rural que circundava a Cidade 2000 no início da década de 1970.

Mas o isolamento do local, ao mesmo tempo em que era um empecilho para os moradores, acabou se tornando um atrativo para outro público. A consequente discricção gerada por um lugar tão ermo era ideal para quem queria manter uma vida dupla.

E tinha também a história, que essa história é bem engraçada, que todo mundo diz que às vezes, um marido que tinha esposa em algum canto, quando arranjava uma namorada trazia para morar aqui, porque era mais cômodo pagar ou o aluguel de alguém ou comprar mesmo a casa e botar essa pessoa do que pagar para ir para um motel, aquele negócio todo. Aí botavam aqui. Muita gente diz que algumas mulheres que moravam aqui antes, no começo, eram assim, amantes, não eram as mulheres mesmo verdadeiras (Entrevistada 1).

Os casos das mulheres-amantes que moravam na Cidade 2000 e recebiam em casa seus namorados casados fazem parte do folclore local. Lá elas viviam “escondidas” dos olhos da sociedade e da família daquele homem que patrocinava sua estada no bairro. Essas situações insólitas são também metáfora para uma Cidade 2000 que vivia periférica, suburbana, à margem da cidade, escondida e secreta do resto de Fortaleza.

Para os de fora, a visão sobre o bairro não era muito diferente. A Entrevistada 4 conta sobre como as pessoas que não moravam na Cidade 2000 viam aquele local:

Elas achavam que a Cidade 2000 era muito longe! “Ah, é muito longe, as casas muito pequenas, gostei não”, o povo dizia assim. “É muito longe, e lá não tem lazer não?” E realmente não tinha. “Lá não tem lazer, não”. “Ah, a Cidade 2000 é muito longe”, o povo dizia. Outros diziam assim: “Ah, a Cidade 2000 é pertinho da Aldeota, lá é muito bom”, o povo dizia. Uns achavam que era pertinho da Aldeota e era muito bom por isso, outros achavam muito longe... (Entrevistada 4).

Apesar da ênfase dada aos que achavam a 2000 longe, na fala da entrevistada escapa outra situação: a de quem qualificava o bairro como positivo pelo fato de ele ser perto da Aldeota. Neste caso, a Cidade 2000 teria valor não por ela mesma, e sim pela proximidade com o bairro que passou a ser considerado, durante a segunda metade do século XX, como um dos mais ricos da cidade.

O crescimento intenso e hiperacelerado pelo qual passou Fortaleza no século passado a transformou em uma metrópole de grandes proporções. Nesse contexto, as questões de mobilidade urbana passaram a afetar cada vez mais a vida das pessoas. O Entrevistado 2 narra sobre como a mudança para a Cidade 2000 fez com que sua rotina de ir e voltar do trabalho se transformasse:

Eu vim pra cá, pra te dizer, eu vim pra cá quase amarrado, sabe? Porque eu trabalhava [*morava*] bem pertinho de onde eu trabalhava... Eu trabalhava na Coca-Cola. Nunca tinha andado nem de ônibus! Aí as primeiras vezes que eu me mudei pra cá eu num sabia descer nem na parada. Era pra descer ali naquela Idelfonso Albano, às vezes eu ia descer lá no Cura d’Ars! É porque o ônibus era tão lotado que às vezes num dava tempo nem eu colocar os dois pés dentro do ônibus. Vinha só com um! Quando tava dormente o pé, eu trocava pro outro. Aí eu descia na parada já todo tonto porque nunca tinha andado nem de ônibus... (Entrevistado 2).

Esse trecho da narrativa mostra como as facilidades ou dificuldades de locomoção podem interferir nos sentimentos das pessoas em relação aos lugares. Ao dizer que veio para a Cidade 2000 “quase amarrado” pelo fato de antes morar perto do trabalho, assim como o detalhamento de suas primeiras experiências em um transporte público, mostram como o novo bairro era valorado negativamente pela

sua distância, não sendo considerados, nesse primeiro momento, outros aspectos do local.

Mas as mudanças pelas quais passariam Fortaleza e Cidade 2000 ao longo das últimas quatro décadas iriam modificar a paisagem e a percepção das pessoas sobre o lugar da 2000 na cidade. Hoje, os outros bairros é que são distantes.

Ah, tem muita diferença! Para um bairro popular, muita diferença. Aqui é melhor! Bairro popular é muito longe. E o nível do povo aqui é melhor. Ah, aquele Conjunto Ceará, é muito longe, Nova Assunção. Muito longe! Vila Manoel Sátiro... Tem muita diferença daqui. Totalmente. Aqui é melhor (Entrevistada 4).

Os bairros populares citados têm em comum o fato de terem sido construídos em áreas afastadas da então zona urbana de Fortaleza. Entretanto, a expansão de regiões nobres como a Aldeota para a área que cerca o Cocó, onde a Cidade 2000 já se encontrava, acabou beneficiando o bairro, que agora se vê cercado de edifícios e ruas pavimentadas, com infraestrutura e urbanização dignas de área nobre.

A despeito de todos os desafios da chegada, da precariedade e da falta de infraestrutura, eles permaneceram. No próximo tópico, iremos analisar uma questão recorrente nas falas dos entrevistados: a segurança, e como o seu equilíbrio com a liberdade se dá hoje em comparação ao passado no contexto da Cidade 2000.

5.2 O permanecer: “Perigo é os que vêm de fora”

Aqueles que abriam mão da liberdade essencial em troca de uma pequena segurança temporária não merecem nem liberdade nem segurança.

(Benjamim Franklin)

Para se ir a um lugar, talvez não sejam necessários muitos motivos. Às vezes chega-se a determinado local quase por acaso, sem grandes planejamentos ou expectativas. No entanto, para que se ali permaneça, em geral é preciso mais que a

inércia: laços são criados ou abortados, afetos direcionam que caminho seguir ou desviar, continuar ou abandonar.

Os moradores entrevistados para este estudo estão na Cidade 2000 há cerca de 40 anos. Assim como eles, muitos dos primeiros habitantes desse bairro ainda vivem por lá – eles ou as gerações que deles herdaram suas casas, suas histórias e seus afetos pelo lugar. O que os fez permanecer?

O difícil equilíbrio entre liberdade e segurança proposto por Zygmunt Bauman (2003; 2009) perpassa as questões urbanas. Uma não existiria sem o sacrifício da outra e, em última instância, a segurança sem liberdade equivaleria à escravidão, enquanto a liberdade sem segurança seria igual a estar perdido e abandonado. Nos dias atuais, o tema segurança é cada vez mais presente no cotidiano da cidade, com o medo aflorado na mente e na carne das pessoas, conforme lembra o próprio Bauman (2003, p. 104).

O bairro seguro concebido com guardas armados controlando a entrada; o gatuno e suas variantes substituindo os primeiros bichos-papões modernos do *mobile vulgus*, e juntamente promovidos à posição de inimigos públicos número-um; uma equiparação das áreas públicas a enclaves “defensáveis” com acesso seletivo; a separação em lugar da negociação da vida em comum; a criminalização da diferença residual — essas são as principais dimensões da atual evolução da vida urbana.

O enclausuramento foi, portanto, naturalizado no contexto urbano, com os espaços públicos sendo cada vez mais vistos como fonte de insegurança e desproteção. Bauman (2009, p. 40) analisa que, paradoxalmente, “as cidades – que na origem foram construídas para dar segurança a todos os seus habitantes – hoje estão cada vez mais associadas ao perigo”. Os fossos e muralhas da cidade medieval, que serviam para defender seus cidadãos dos inimigos exteriores, hoje dão lugar a cercas elétricas e condomínios fechados usados para proteger os habitantes uns dos outros. O diferente e o desconhecido representariam uma ameaça constante, já que dali o inesperado poderia repentinamente surgir, e, com ele, o pior.

Inserida como hoje está na vida de uma metrópole com as dimensões de Fortaleza, das preocupações sobre segurança não poderia estar livre a Cidade 2000. Esse tema é recorrente na narrativa de quase todos os entrevistados, que

falam da vida no bairro do passado como uma espécie de paraíso perdido, um tempo bom que não volta mais.

[...] e também não tinha problema de locomoção porque não era perigoso na época, ninguém tinha medo, todo mundo se locomovia com a maior naturalidade. [...] Quando eu fui estudar lá no Externato São Vicente de Paula, não, ia de ônibus. Ia sozinha, tinha 9 anos e ia sozinha, não tinha problema nenhum, não tinha perigo de nada (Entrevistada 1).

Tá tudo muito diferente, né, porque no início aqui era mais calmo, não tinha... A violência, né, que tem hoje. A gente andava tranquilo, até com porta aberta aqui eu já dormi, não era nenhum problema. E era tudo assim, mais calmo do que hoje (Entrevistada 4).

De acordo com o que narram as entrevistadas, a sensação plena de segurança que reinava no passado, um bairro vivendo na ausência de ameaças, já não encontra lugar hoje. “Ninguém tinha medo”, afirma a Entrevistada 1, e a locomoção ocorria com naturalidade; dormia-se com a porta aberta, como conta a Entrevistada 4, e nada de ruim acontecia. Na fala das narradoras, ficam implícitas a ameaça da violência e a sensação de perigo circundando o ambiente atual, não permitindo que os modos de vida permaneçam tais quais eram naquela época.

A Entrevistada 1 continua a história lançando luz sobre a questão ao dar sua explicação sobre como essa mudança se deu:

A maior mudança foi exatamente assim, porque as casas eram todas iguais e só as famílias que moravam eram as famílias donas daquelas casas, e agora não, construíram muito quitinete, alugaram, aí vieram as pessoas de fora. Exatamente: as ruas que são mais assim perigosas são exatamente essas que têm muito quitinete, porque são pessoas desconhecidas. Então, não é nem que elas assaltem, é porque, como são pessoas que não moram, assim, não são donas das casas, só passam o dia fora e vêm só para dormir, não são pessoas que passam o dia na casa, aquelas ruas ficam mais desertas, então são mais propícias a ter alguma coisa (Entrevistada 1).

Na fala da entrevistada, as pessoas desconhecidas aparecem como fonte indireta de perigo, já que, como elas não vivem o bairro de maneira intensa e integral, utilizando-o meramente como dormitório, deixam as ruas “desertas” – de certo modo, abandonadas – e dão espaço para a violência. O “aí vieram as pessoas de fora” aparece como um marco em que se inicia uma fase de potenciais ameaças

e riscos para o bairro. Aliás, as pessoas “de fora” e “desconhecidas” aparecem quase como antônimos de “famílias” e “donas das casas”, em um contraponto que coloca em dois extremos aqueles que são uma incógnita, de quem não se sabe a origem e o que se esperar deles, e aqueles que representam pertencimento, familiaridade, aqueles que cuidam e protegem.

Também a Entrevistada 4 menciona as casas alugadas com suas rotatividades como o oposto do que é familiar:

Mas tem o povo aqui eu conheço há muito tempo... Agora, os de casa alugada é que tem gente aqui que eu não sei nem o nome. Casa alugada é uma verdadeira rotatividade, um entra e sai de gente. No começo não era, não, eram sempre as mesmas pessoas (Entrevistada 4).

Nessa fala aparece, da mesma forma, o contraponto de extremos entre o “conhecer há muito tempo” e o “não saber nem o nome”. O fato de ela enfatizar que no começo eram sempre as mesmas pessoas também deixa implícito um marco: antes, havia certo conhecimento e “controle” sobre a vizinhança que circundava sua casa; depois, o desconhecido passou a prevalecer, e com ele certa apatia e mesmo a ideia de risco e incerteza.

No caso do Entrevistado 5, ele é menos sutil e apresenta de maneira bastante explícita o diferente e o externo como causa dos perigos:

Depois que construíram esse conjunto ali, sabe, né? Aquele conjunto novo, aí veio gente do Pirambu, veio lá da Favela do Gato Morto, viu? Veio gente lá do Serviluz, aqui do Gengibre... Aí esse pessoal se junta, quer dizer, moram lá e vêm fazer assalto aqui, dentro da Cidade 2000, que antes, no começo não tinha isso aí. Você podia chegar qualquer hora da noite na sua casa, que não tinha esse problema. Hoje você já não pode fazer isso. Hoje você tem que procurar chegar em casa o mais cedo possível. Por quê? Porque você é abordado por esse povo (Entrevistado 5).

O diferente e “estrangeiro” como alguém totalmente ligado à ameaça e mesmo como gerador do perigo surge de modo claro no discurso do Entrevistado 5. O uso de termos referentes como “esse pessoal” e “esse povo”, além de mostrar distanciamento, também faz inferir desprezo acerca desses sujeitos. Essa desejada ausência do outro é explicada por Bauman (2003, p. 104) como um dos pontos

característicos de uma comunidade na qual só os iguais, conhecidos e escolhidos podem permanecer.

[...] comunidade significa *mesmice*, e a “mesmice” significa a ausência do Outro, especialmente um outro que teima em ser *diferente*, e precisamente por isso capaz de causar surpresas desagradáveis e prejuízos. Na figura do estranho (não simplesmente o “pouco familiar”, mas o *alien*, o que está “fora de lugar”), o medo da incerteza, fundado na experiência da vida, encontra a largamente procurada, e bem-vinda, corporificação.

No caso relatado pelo entrevistado, as pessoas que moram no conjunto próximo à Cidade 2000, sendo provenientes de favelas e áreas pobres da capital, se enquadram no que Bauman definiu como “*aliens*” – aqueles que, para além de serem pouco familiares, estão “fora de lugar”, gerando medo e incerteza nos que os desconhecem e não se reconhecem neles.

Apesar de destacarem a diferença entre a Cidade 2000 do começo e a de hoje, sendo esta mais insegura e incerta que aquela, o próprio Entrevistado 5 ainda assim defende que a segurança no bairro é bem maior do que no restante de Fortaleza, sendo a 2000 um dos melhores lugares para se morar, apesar dos problemas.

Agora essas favelas tão vindo pra cá, que eles vêm morar aqui nesse conjunto, e cada vez vem piorando mais. Mas ainda é um dos melhores conjuntos pra se morar é esse aqui, é o mais calmo, porque tem muito pior (Entrevistado 5).

Porque aqui era muito calmo. Hoje é que aparece esses assaltozinho aí, mas é coisa passageira. Porque eu vejo conjunto pior do que esse aqui. Como eu lhe disse: tem canto que você não pode ficar sentado na calçada de noite conversando, que você é abordado. Aqui é tranquilo (Entrevistado 5).

Pode-se perceber que o Entrevistado 5, o qual destacou a questão dos assaltos logo no início de sua narrativa, ao longo de sua fala retrocede um pouco para dizer que, apesar dos problemas, a Cidade 2000 ainda é um dos melhores conjuntos para se morar. Chega a minimizar a questão se referindo aos episódios de violência como “esses assaltozinho aí”, algo pequeno, quase insignificante, “coisa passageira”, como se não pertencesse à essência do bairro.

Da mesma forma, o Entrevistado 3 e a Entrevistada 1 também procuram dar pouca importância às questões de segurança, tratando-as como problemas menores:

Aí é isso mesmo, é porque ela evoluiu. Cresceu tudo por tudo, né? É carro, é comércio. Naquele tempo era muito calmo, muito tranquilo, hoje já tem muita coisa perigosa. Por tranquilo que a gente ache, ninguém vai deixar a porta aberta pra ninguém entrar, ou um quintal aberto! [Risos] Tudo tem que... Tem essas diferenças, né? Isso é em todo canto. Mas ainda com tudo isso, um bairro bom pra gente morar é a 2000 (Entrevistado 3).

Teve uma época que tava um pouco perigoso, que andaram abrindo [carros], só para tirar som... Tipo ladrão de galinha, como se fala. Porque não é ladrão perigoso, que leva logo o carro, não, dificilmente. Já aconteceu de roubarem carro em outros cantos e abandonarem aqui. Para numa rua, deixa e pronto, vai embora, ninguém sabe quem foi, quem não foi. Mas de levar carro mesmo, pelo menos eu nunca ouvi falar, não (Entrevistada 1).

O Entrevistado 3 segue por um caminho de generalização para justificar e minimizar a questão da insegurança. Ao dizer que “isso é em todo canto”, o problema deixa de ser da Cidade 2000 e se torna difuso, total; por ser uma situação geral, é como se em algum nível não fosse uma questão do bairro. Depois, conclui afirmando que, “com tudo isso”, a 2000 ainda é um lugar bom para morar.

Já a Entrevistada 1 chega a narrar algumas situações específicas de violência, mas segue pelo mesmo caminho ao reduzir a importância dos episódios, falando dos que abrem os carros só para tirar o som, utilizando termos como “ladrão de galinha”, dizendo que quem faz isso “não é ladrão perigoso”. Os acontecimentos aparecem como exceções, coisas pequenas, e a sensação de segurança ainda parece ser possível mesmo nesses contextos.

Essa quase ausência do perigo se materializa nas falas dos entrevistados em seus discursos. A defesa do bairro como um dos melhores para morar, como o menos perigoso, também é uma forma de demonstrar afetos potencializadores, já que o lugar que é familiar e seguro gera identificação e apego, amor e permanência. Vários entrevistados destacam o movimento e a ocupação das ruas do bairro à noite como testemunho e prova da segurança:

Mas eu acho que em Fortaleza é o menos perigoso que existe. Porque eu, pelo menos, fico até meia-noite, uma hora da manhã na calçada com uma

turma de amigos, tomando um vinhozinho, conversando, ouvindo música, até uma hora da manhã, e graças a Deus nunca teve nada. Nada, nada, nada, nada (Entrevistada 1).

Aqui o povo senta na calçada até dez horas da noite, ninguém mexe com você. Eu ainda considero um conjunto bom pra se morar. Eu acho. Não é porque eu moro aqui, não, mas tô pra ver conjunto melhor do que esse aqui. Porque os outros que eu vejo é pior de que esse (Entrevistado 5).

Você vai nessa praça aí dia de hoje [*sexta-feira*]... Se você sair daqui, chegar naquela praça, já tá que tá assim, ó! [*Faz gesto de muita gente*] O pessoal comendo. É movimentada à noite, aí. Começa logo dia de quarta-feira. É tudo movimentado (Entrevistado 5).

É uma cidade, pode falar como uma cidade. Não é nem uma Cidade 2000, é uma cidade! Pra você ver, tem duas pracinhas aqui, essa da delegacia e tem uma lá embaixo. Você acredita que eu durmo no quarto da frente, se eu acordar de madrugada tem gente conversando, passando na rua conversando? Quando termina, essas duas pracinhas funcionam a noite todinha (Entrevistado 2).

Na Cidade 2000, as ameaças urbanas – reais, imaginadas ou exageradas – não são impedimentos para que se viva o espaço público, suas ruas e praças. O bairro segue na contramão do que se costuma encontrar no cotidiano das cidades da atualidade, no qual, como conta Bauman (2003, p. 104), “o espectro, que gela o sangue e esfrangalha os nervos, das ‘ruas inseguras’ mantém as pessoas longe dos espaços públicos e as afasta da procura da arte e habilidades necessárias para participar da vida pública”. A 2000 demonstra conseguir manter, apesar dos desafios, a sua arte, a sua habilidade de continuar participando do que é do público, do que é de todos.

Para os moradores entrevistados, é a clara diferenciação entre “os daqui” e “os de fora” que delimita onde mora ou não o perigo. Essa polarização entre o conhecido/familiar e o perigoso/forasteiro se faz presente na fala dos narradores de diferentes formas:

Mas quem é daqui não mexe com nada de ninguém aqui do bairro, só se acontecer de eles [*os usuários de drogas*] estarem muito loucos, desesperados, acontece, mas é uma coisa bem rara também, porque eles respeitam. Até porque são conhecidos, eles não vão querer roubar uma pessoa conhecida para você espalhar para todo mundo: “Olha, fulano é ladrão”. Porque saber que a pessoa usa droga é uma coisa, saber que é ladrão já é outra (Entrevistada 1).

Mas esse negócio de assalto tem em todo canto. Aqui ainda é um bairro calmo, aqui. Quando aparece um assaltante é porque vem de fora, não é daqui de dentro do conjunto. Os meninos aqui dentro, o pessoal só sabe vender uma droguzinha e fumar, pronto. Mas não mexe com ninguém. Perigo é os que vêm de fora (Entrevistado 5).

Ao discorrer sobre os jovens viciados em drogas que vivem na Cidade 2000, a Entrevistada 1 acredita que eles são inofensivos, porque existe um limite claro entre ser usuário de drogas e roubar. Esse limite é estabelecido pela própria familiaridade do bairro, onde as pessoas se conhecem, sabem quem são os outros moradores e quais são suas relações, de certo modo se protegem uns aos outros. Enquanto o jovem for somente usuário de drogas, isso diz respeito apenas à vida dele próprio; quando tornado “ladão”, quando passa a “mexer” com outras pessoas, isso diz respeito ao grupo, ao bairro, à comunidade. Atravessar essa fronteira significaria, para o jovem, lidar com forças maiores.

O Entrevistado 5, assim como o Entrevistado 3, apresenta um discurso de generalização dos episódios de violência: “esse negócio de assalto tem em todo canto”, minimizando a gravidade da situação. A força da frase “perigo é os que vêm de fora”, dita pelo entrevistado, é a própria encarnação da *mixofobia* de que fala Bauman (2009, p. 44), o medo de misturar-se que se manifesta “como impulso em direção a ilhas de identidade e de semelhança espalhadas no grande mar da variedade e da diferença”. Para ele, é como se tudo que viesse da Cidade 2000 fosse seguro, familiar; o forasteiro é sempre passível de ser lido como ameaça, já que é de fora – e somente de fora – que chegam todos os tipos de perigo.

Na Cidade 2000, com as reformas promovidas nas casas e na tentativa de reaproveitar e multiplicar os espaços, muitos dos imóveis acabaram sem garagem. À noite, longas filas de carros estacionados entre as calçadas e as alamedas estreitas, em frente às casas, são comuns em praticamente todas as ruas. Sobre essa circunstância e sua relação com a segurança, o Entrevistado 5 compara:

A diferença é que aqui é mais calmo do que nos outros bairros. Olha, você tá vendo essa fila de carro todinha pracolá? Isso passa a noite toda no meio da rua, porque essas casas não têm garagem, viu? Pega um carro desse aí... Não sei se você já viu esse Extra que tem bem aqui na Santos Dumont... Aquela rua por trás, qualquer hora que você parar o carro e entrar numa casa, com cinco minutos que você voltar o carro tá todo depenado. Com cinco minutos! Qualquer hora do dia! Você não vê um carro ali à noite, no meio da rua. Não vê! Aquela turma lá da Verdes Mares vão prali, quando

eles passam de bicicleta ali... É assaltando o povo na parada do Extra... Então, em relação a isso aí, eu acho isso aqui um céu pra gente morar (Entrevistado 5).

Os carros que sobrevivem a todas as noites na Cidade 2000 sem ser roubados tornam-se uma estranha exceção quando se compara esse fato com a insegurança existente ou ao menos fortemente percebida pela população nos outros bairros da cidade. O medo endêmico de se apropriar e utilizar plenamente o espaço público, tão típico de grandes metrópoles como Fortaleza, parece existir em outro nível na Cidade 2000. Fala-se sobre ele, mas ele não chega a paralisar e impedir que se ocupe a rua, a praça e a calçada. É um medo que se sabe existente, mas existe sem afetar ou modificar na prática os hábitos das cadeiras na calçada até tarde da noite, das mesas e barraquinhas com comidas típicas que enchem a praça, dos carros que moram nas ruas e acordam intocados na manhã seguinte. É um medo que paira mas não cerceia, não impede, não encurrala.

5.3 O enraizar-se e frutificar: “Agora já não é uma Cidade 2000, é uma Cidade 8000”

Quando se chega a Tecla, pouco se vê da cidade, escondida atrás dos tapumes, das defesas de pano, dos andaimes, das armaduras metálicas, das pontes de madeira suspensas por cabos ou apoiadas em cavaletes, das escadas de corda, dos fardos de juta. À pergunta: Por que a construção de Tecla prolonga-se por tanto tempo?, os habitantes, sem deixar de içar baldes, de baixar cabos de ferro, de mover longos pincéis para cima e para baixo, respondem:

- Para que não comece a destruição. - E, questionados se temem que após a retirada dos andaimes a cidade comece a desmoronar e a despedaçar-se, acrescentam rapidamente, sussurrando: - Não só a cidade.

(Ítalo Calvino)

Em teoria, as casas da Cidade 2000 foram entregues prontas aos moradores. Cada uma tendo um, dois ou três quartos, eram diferentes em tamanho, mas iguais em estrutura: o terreno atravessava a quadra, com uma entrada em cada alameda.

Esse terreno era dividido ao meio – em uma metade ficava a casa em si, a área construída, e a outra metade era uma espécie de quintal ou garagem, um terreno vazio.

Com o tempo, as modificações foram aparecendo: as casas baixas começaram a ganhar novos andares, os quintais desapareceram para dar lugar a novas casas, as calçadas minguaram e foram engolidas para se transformar em pequenos cômodos de recepção das casas, sobrando para os pedestres que andam nas alamedas apenas o suficiente para passar – às vezes, nem isso. As intensas transformações arquitetônicas pelas quais o bairro passou são intrínsecas à própria dinâmica da cidade, como explica Kevin Lynch (2010, p. 2):

A cidade não é apenas um objeto percebido (e talvez desfrutado) por milhões de pessoas de classes sociais e características extremamente diversas, mas também o produto de muitos construtores que, por razões próprias, nunca deixam de modificar sua estrutura. Se, em linhas gerais, ela pode ser estável por algum tempo, por outro lado está sempre se modificando nos detalhes. Só um controle parcial pode ser exercido sobre seu crescimento e sua forma. Não há resultado final, mas apenas uma contínua sucessão de fases.

Lynch (2010) defende, portanto, que a construção da cidade existe e continua enquanto ela viver, enquanto houver moradores dispostos a fazer daquele lugar um pouco mais seu. As fases por que a cidade passa dizem de seu tempo, das prioridades culturais estabelecidas pela sociedade – prioridades essas refletidas no gosto dos habitantes e estampadas na cara das casas e das ruas, nas fachadas e nos interiores. Alguns entrevistados narram como era a Cidade 2000 no começo, na época das casas planejadas.

Era assim: as casas eram todas iguais, de três tamanhos diferentes: tipo A, tipo B e tipo C. A de A tinha um quarto, a B dois quartos e a C três quartos. Eram todas iguaizinhas, todas branquinhas, com as portinhas azuis, os portõezinhos também tudo azul, tudo igual, né? E ao redor era tudo dunas, não tinha prédio, não tinha essas casas grandes, não tinha comércio, só merceariuzinha pequena, nas casas mesmo, que as pessoas faziam. E as ruas eram como as de hoje ainda, calçamento. Só que as avenidas eram calçamento, e agora são asfaltadas, né, as maiores. E não tinha nada de duplex, não tinha quitinete, era tudo original, tudo direitinha (Entrevistada 1).

As ruas eram... Não tinha área aqui, não, era só a calçada larga, era tudo bem planejadozinho. Agora não, as casas é umas pra frente, outras pra trás. Naquele tempo era tudo bem direitinho, alinhado (Entrevistada 4).

Nessas duas falas, as entrevistadas 1 e 4 deixam transparecer em suas falas um certo carinho pela estrutura antiga das casas e conseqüentemente do bairro, que trazia agradabilidade: a referência às casas é feita no diminutivo, como em “todas iguaizinhas, todas branquinhas, com as portinhas azuis, os portõezinhos também tudo azul”, “tudo original, tudo direitinha” (Entrevistada 1) e em “tudo bem planejadozinho”, “tudo bem direitinho, alinhado” (Entrevistada 4).

Essa proximidade das casas como metáfora para a familiaridade se encaixa nas questões de *proxêmica* levantadas por Hall (1966), onde a medida da proximidade espacial interfere nas relações humanas, construindo-as ou arruinando-as. No caso dado, a pouca distância das casas parece ser geradora de afetos, identificação, uma ideia de harmonia e enquadramento que chega mesmo a ultrapassar a questão física da disposição dos imóveis.

Interessante observar que, apesar de ser feita certa exaltação à organização das casas do passado, as próprias entrevistadas realizaram reformas em seus imóveis, contribuindo para as diferenças e assimetrias que hoje coexistem no bairro em vez do antigo alinhamento.

Além disso, as reformas e mudanças nas casas são geralmente referidas como melhorias, enquanto as casas que são mantidas na versão original são tidas como “singelas”:

Quem pode levantar a casa na quantidade que quiser levantar, né? Fica bom. Quem não pôde ainda hoje tá as casinhas singelas, muito baixa, muito apertadinha, né? Aí, quem pode, melhorou bem (Entrevistado 3).

A minha casa, quando a gente chegou, era a original, aí com tempo a gente vai fazendo as melhorias, ampliando... Minha mãe aumentou para dar mais conforto. Fez uma área na frente, que não tinha, era uma calçada larga e a gente pegou um pedaço da calçada e fez uma área larga. Atrás também fez uma sala de jantar maior para poder aproveitar mais os quartos, sabe? Todo mundo começou a reformar, dependendo da necessidade de cada um. Essa área na frente quase todas têm. É difícil ter uma original, muito, muito difícil mesmo. O quintal era o mesmo tamanho da casa, aí a gente construiu também, ficou só um pedaço só para usar a parte de lavanderia. E a garagem também, do carro. Mas o resto foi usado para fazer um quarto, uma sala de jantar e um banheiro (Entrevistada 1).

Fiz agora. Minha casa é agora uma casa com três quartos, área, tem garagem, tem... As casas aqui tudo tinha garagem. [...] Porque o tanto que é de casa é de quintal. Pode construir o mesmo tanto, se tiver condições. Tem a garagem e tem um terreno falso sobrando, que pode construir. Aqui constrói em cima e tudo, né? Aí quando eu cheguei aqui, era casa normal. O pessoal aí tinha garagem, mas era areia, né? [...] Eu construí no quintal mais um quarto. A casa minha só tinha três quartos. Tinha a sala e um quarto, e do outro lado tinha dois quartos. Esse quarto que ficava depois da sala, eu abri e fiz parede, fechei ali o lado do banheiro, e fiz a passagem pelo quarto aberto. Aí eu fiz um quarto, quando terminou o segundo quarto do lado direito, aí eu construí um senhor quarto! Quarto suíte, quarto com banheiro forrado e tudo (Entrevistado 2).

O Entrevistado 3 fala sobre as “casinhas singelas, muito baixas” de quem não pôde levantar a casa. É como se a única razão para não construir mais andares na casa fosse a limitação financeira, o que diz de uma cultura forte de aproveitamento máximo dos espaços. Mesmo os quintais não sobreviveram, foram tomados para a ampliação das casas, o que demonstra uma alta valorização de espaços construídos.

A Entrevistada 1 fala sobre a ocupação das calçadas – originalmente com dois metros de largura – para construir áreas privadas. Segundo ela, essa foi uma atitude comum entre os moradores da época. De fato, ao andar pelas alamedas da 2000, dificilmente encontra-se uma calçada em situação original. Mesmo sendo essa uma intervenção irregular e passível de multa pela Prefeitura, a ausência de fiscalização faz com que o hábito se perpetue e se torne norma.

Já o Entrevistado 2 detalha com orgulho as reformas que promoveu em sua casa. Ele trata as modificações como verdadeiras conquistas, o “senhor quarto”, o quarto-suíte, o banheiro forrado que contrastam com a “casa normal” que ele encontrou quando chegou – construção que gera o pertencimento. Como diz Lynch (2010), é importante que na imagem da cidade (ou da casa, nesses exemplos) haja espaço para que os moradores possam desenhar suas individualidades, facilitando assim a apropriação. Segundo o autor norte-americano, “é preferível que a imagem seja aberta e adaptável à mudança, permitindo que o indivíduo continue a investigar e organizar a realidade; deve haver espaços em branco nos quais ele possa ampliar pessoalmente o desenho” (LYNCH, 2010, p. 10).

Esse desenho particular, como que uma assinatura do morador-autor que dá seu toque e sua cor ao espaço, é parte importante do processo de se tornar dono daquela casa – não do ponto de vista burocrático ou físico, mas afetivamente,

emocionalmente. E esse “tornar seu” pode, então, ficar como uma marca em sua história e até mesmo em seu sangue. É assim que as casas construídas, desconstruídas e reconstruídas da Cidade 2000 se transformam em patrimônio, um legado que os moradores fazem questão de perpetuar através das gerações.

Aí o meu carro era um fusca. As duas filhas, as duas na mesma hora [*quando recebeu dinheiro de sua demissão*] disseram assim: “Pai, agora o senhor vai trocar esse carro, né, esse carro velho!” [Risos] O carro já tava velho pra elas. [...] Mas era um carro todo original. [...] Tava com 10 mil quilômetros rodados. Eu disse: “Nesse carro aí eu não vou gastar um tostão nele. Este dinheiro eu vou empregar todo nessa casa. Essa casa não é pra mim nem pra sua mãe, não, é pra vocês”. Aí reformei essa casa todinha (Entrevistado 2).

No quintal eu não mexi, não, ficou só a garagem mesmo. Mas pelo menos fiz, fiz pra elas morar, quando eu morrer elas morarem... Fiz calçada, calçada de cerâmica. Isso foi em 2005. Quando foi em 2007, minha mulher morreu. Aí tinha uma mulher véa faladeira lá, ela chegou lá em casa. “Ah, fez uma casona toda bonita, toda forrada, toda na cerâmica, e a mulher morreu!” Eu disse: “Eu não fiz essa casa não foi nem pra mim nem pra minha mulher, eu fiz pras minhas filhas!” Aí ela se fechou! (Entrevistado 2).

Porque assim, as pessoas que moram aqui moram há muito tempo. Então, são pessoas antigas, inclusive aqui tem muito idoso, porque são pessoas que chegaram desde o começo. Alguns já faleceram, claro, como a minha mãe, alguns já estão acamados... E uns construíram para os filhos, os filhos já têm é netos, aí vão construindo, tá entendendo? Então, são pessoas conhecidas (Entrevistada 1).

O investimento – financeiro e afetivo – na casa demonstra um apego ao lugar e um pertencimento que deseja transcender o próprio tempo de vida, no caso do Entrevistado 2. Aos 85 anos, ele cuida para que esse patrimônio perdure e seja herança para as filhas. Destinando o dinheiro para a casa em detrimento do carro – este um bem de consumo mais imediato –, ele demonstra o valor que o lugar e a posse de um lugar têm em suas prioridades. A Entrevistada 1 também menciona a questão intergeracional como importante na construção da 2000 e na familiaridade do bairro, que vai se povoando e se perpetuando de gente conhecida, pessoas antigas que deixam como legado o próprio lugar.

A valorização do bairro, claro, passa também pelas quantias que as pessoas estão dispostas a pagar em troca do espaço. Se antes era comum o morador que “comprava e entregava”, ou o que “dava por um pouco mais ou nada, porque ‘ah, isso não vale nada, não!’”, como já contado pelo Entrevistado 3 ao falar do contexto

inicial da Cidade 2000, hoje as casas têm considerável valor imobiliário, que pode ser maior ou menor a depender de inúmeros fatores.

Quando a minha casa não era reformada, as minhas filhas só falavam em vender essa casa pra morar na Praia de Iracema. Mas, quando eu morrer, agora não... Elas dentro de uma casa que dá 200 e tantos mil [*reais*] aquela casa... Casa acolá que não é nem reformada tão pedindo, tão vendendo sabe por quanto? 220 mil! Sem ser reformada! Casa na minha quadra mesmo, onde eu moro. Essa casa lá não é nem reformada, tem reforma nenhuma essa casa. A reforma que eles fizeram foi um muro na frente. E tão vendendo por 220 mil, mas não encontraram ainda, ainda não venderam. Avalie a minha, que dá duas da dela! (Entrevistado 2).

E também as casas subiram muito de preço, daquele tempo pra cá. Também agora é bom porque tem muitos comércios perto, tem o [*shopping*] RioMar, que não tinha na época, tem muita coisa, é muito bom, e ali também mudou tudo, ali tudo era mato, agora é tudo construído, praças... Tem muita diferença (Entrevistada 4).

Nessas duas falas, a valorização dos imóveis se dá basicamente por dois fatores: no caso do Entrevistado 2, com as reformas e melhorias da casa, pela ampliação da área construída, que acarretaria uma elevação no valor venal da propriedade; no caso da Entrevistada 4, ela enfatiza as mudanças nos arredores da Cidade 2000 para justificar o aumento de preço, com a construção de shopping centers e novos prédios, praças no lugar do “mato” que circundava o conjunto no início. Essa valorização financeira dos imóveis também contribui para que os moradores vejam suas casas de maneira diferente, investindo nelas com a visão de retorno no futuro.

O crescimento da Cidade 2000 ao longo dessas décadas são resumidos de maneira interessante pelo Entrevistado 2.

Posso fazer uma comparação. Quando eu cheguei aqui, era uma Cidade 2000. Agora já não é uma Cidade 2000, é uma Cidade 8000. Porque, quando eu cheguei, era só as casas, só morava família. Agora o pessoal compra uma casa, aí faz quatro andar! Como tem lá vizinho à minha quadra. [...] o cara comprou uma casa, fez quatro andar, fez embaixo loja e fez em cima apartamento. E não é só lá, não, pode olhar. Pode olhar que aqui na 2000 tudo é prédio. Então, não é mais 2000, é uns 8000, né? É, é! (Entrevistado 2).

As casas se fracionam, a Cidade 2000 se multiplica, numa transformação que a faz, dentro dessa metáfora, mudar de nome e de identidade. As casas crescem

para o alto, tornam-se prédios, abrigam uma variedade de estilos. Antes, “só morava família”. Quem mora agora? Não é dito, e esse não dito deixa implícito que hoje na Cidade 2000 vive todo o mundo, o diferente, o diverso, o desconhecido, o que não se sabe.

Em todas as falas, de alguma forma, os afetos estão presentes, podendo estar nas entrelinhas, implícitos, ou de modo mais explícito. No entanto, já ao fim da entrevista, foi feita uma pergunta no sentido de captar mais claramente esses afetos dos moradores em relação ao bairro, tanto os afetos de hoje quanto os que foram ocorrendo ao longo do tempo: *Você já pensou, em algum momento, em se mudar da Cidade 2000?* A maioria das respostas seguiu uma mesma linha:

Não, até se eu ficasse milionária eu ainda ia morar aqui! [Risos] Nada me tirava daqui (Entrevistada 1).

Eu gosto tanto daqui... Eu gosto. Eu, pra lhe ser sincero, eu não gosto da Praia de Iracema [onde morava anteriormente]... (Entrevistado 2).

Não, tem não, tem por onde não. Nunca passou pela cabeça, não. Já nos climatizemo aqui, né? Os filhos não moram todos aqui, mas fica perto, fica nas nossas casas todos os domingos, vêm pra casa, vêm ver os pais, a gente vê os netos. É bom (Entrevistado 3).

Nã! Primeiro, a casa é minha... Primeiro, eu gosto do bairro, né? Quantos anos faz, eu moro desde 1975... Já faz um bocado de tempo, né? Se eu vender minha casa, é pra ir comprar outra onde? Um local igual ao da minha casa? Não tem em canto nenhum! Em canto nenhum tem (Entrevistado 5).

Nessas respostas, pode-se perceber, nos quatro entrevistados, fortes sentimentos de apego ao lugar. A Entrevistada 1 apresenta um gostar incondicional ao bairro; não importando quais suas circunstâncias, ela quer permanecer. O Entrevistado 2, que inicialmente contou que sentia-se como que “amarrado” e “arrastado” na mudança da Praia de Iracema para a Cidade 2000, agora conclui que sua preferência é por esta última.

O Entrevistado 3 é rápido em dizer que a possibilidade de deixar a 2000 nunca passou pela sua cabeça e mais uma vez fala sobre a sua “climatização”, um misturar-se e inserir-se no bairro que faz com que ele se veja como parte do lugar. A

rotina e a convivência com a família também são fatores importantes, um ponto de apoio onde todos se encontram entre o fim de uma semana e o começo da outra.

A posse, a casa que é *dele* se apresenta como o primeiro motivo de não sair do Entrevistado 5. Além disso, o tempo, o bocado de tempo em que ele vive na 2000 aparece ligado ao gostar. Ele não consegue se imaginar em lugar melhor do que o que ele já vive, lugar igual ao dele “em canto nenhum tem”. É, sem dúvida, uma fala de apego ao lugar, de não se ver longe de seu espaço, de não conseguir imaginar um local melhor do que o seu.

A única resposta que destoou do tom de pertencimento dos outros narradores foi a da Entrevistada 4. Ao contrário dos demais, ela já cogitou sair da 2000.

Pensei, pensei! Eu não gostava daqui porque era um deserto, né, eu preferia até entregar a casa e não receber. Também a casa era muito pequena... Eu não gostava daqui, não. Faz tempo que pensei, foi na época de 1974. Eu desisti porque procurei casa por lá pela Parangaba, não encontrei, achei tudo muito longe, fiz uma comparação, aí disse: “Não, não vale a pena, não”. E também por causa do Hospital Geral [*onde trabalhava*]... Mas mesmo assim eu ainda pensei (Entrevistada 4).

Se desse [*para se mudar hoje*]? Ah, se eu tivesse dinheiro, eu já tinha saído daqui! [*Risos*] É que eu tô muito abusada daqui, essas ruas muito estreitas... É... Mudar de ares. Mudar pra melhor (Entrevistada 4).

Nessa resposta, a Entrevistada 4 demonstra insatisfação com o bairro, um certo cansaço, “abuso” de estar há tantos anos naquele lugar. Mesmo as ruas estreitas, que podem ser para outros um ponto positivo do bairro, a trazer tranquilidade, para ela representam incômodo. Aliás, a insatisfação decorre não exatamente do longo tempo lá vivido, mas é bem mais antiga: vem ainda do ano de 1974, tão logo ela se mudou. Tendo como referência seu antigo trabalho, o Hospital Geral de Fortaleza, os outros bairros é que pareciam longe.

Entretanto, apesar das respostas duras sobre como ela vê a possibilidade de deixar o bairro, a Entrevistada 4 surpreende na pergunta seguinte, quando foi pedido que ela definisse a Cidade 2000:

A Cidade 2000 pra mim... aqui é a minha vida! Criei meus filhos aqui, né? Não sei nem se eu saberia viver em outro canto... (Entrevistada 4).

Ao apresentar, desta vez, certo apreço pelo lugar em razão de sua história de vida ter se passado ali, ela reflete e se questiona se de fato “saberia viver” em outro lugar. Assim, pode-se dizer que os afetos da Entrevistada 4 pela Cidade 2000 são contrastantes, pois, ao mesmo tempo em que ela rejeita o bairro e manifesta o desejo de abandoná-lo, ela também o define como sua própria vida e fica em dúvida se de fato iria se acostumar com outra morada fora dali.

As raízes de pertencimento e apego ao lugar, fortes afetos em relação ao espaço que passa a pertencer aos moradores, geram frutos sob a forma do desejo de um legado, uma herança, patrimônio que se quer deixar através de gerações. O *pertencer* de que se fala não se resume a uma questão de propriedade, do nome que se inscreve na escritura da casa: é uma relação mútua e dialética entre a pessoa e seu ambiente, o morador que é da 2000 da mesma forma que a 2000 é do morador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Cidade 2000 se mostra como uma feliz exceção no contexto da metrópole Fortaleza – e talvez no das grandes metrópoles brasileiras como um todo. Enquanto o medo e a paranoia por segurança afastam e segregam cada vez mais os moradores, esse bairro ainda consegue exercer a partilha e a liberdade de se viver na cidade, de habitá-la, de experimentá-la; de amá-la ou odiá-la não pelo que ela poderia ser e não é, mas sim pelo que de fato está posto lá fora e que se vivencia pessoalmente antes de se ter qualquer juízo de valor.

Neste trabalho, investigamos os afetos desenvolvidos entre o bairro e seus habitantes, utilizando, para o processo de pesquisa, entrevistas narrativas com alguns dos moradores mais antigos. Ao analisar essas narrativas, percebemos que os afetos perpassam cada fala que se diz sobre o lugar, cada história que se conta. Nada parece ser imparcial: cada palavra e cada silêncio representa uma parcela do mundo interno do narrador, um universo de afetos do qual nem ele próprio consegue ter total ciência.

Saber enxergar os afetos implícitos nas frases foi e é um desafio constante, considerando muitas vezes a dificuldade em se verbalizar algo que é da ordem do sensível. Mesmo com essas restrições, acreditamos ter conseguido identificar e analisar alguns (certamente não todos) componentes afetivos que dizem da relação entre os moradores da Cidade 2000 e aquele bairro – e também do complexo processo de construção desses sentimentos e emoções, considerando os contextos e circunstâncias desses sujeitos, suas histórias de vida que precederam a chegada àquele lugar.

Nessa tentativa de identificar e nomear os afetos, foi usado o conceito de estima de lugar (BOMFIM, 2010), o qual é um resultado das visões de mundo geradas pelos sentimentos e emoções que a pessoa tem em relação a um lugar. Dentro das categorias trabalhadas, pudemos identificar algumas questões que podem afastar ou aproximar os sujeitos do ambiente retratado.

A agradabilidade aparece à primeira vista, logo no começo da conversa. Ao falar da 2000 do passado, quando as casinhas eram iguais e ordenadas em suas linhas retas, os entrevistados deixam entrever um bem-estar vivido pela organização

visual das ruas, pelo planejamento que trazia como resultado alguma forma de beleza e harmonia. Mesmo com todas as mudanças, a Cidade 2000 ainda se apresenta como agradável – agora não pelos mesmos motivos físicos, e sim pelos laços firmados e pelas relações estabelecidas.

O contraste aparece na medida em que os narradores trazem suas insatisfações e apontam o que poderia estar melhor, mas logo em seguida enfatizam o quanto a Cidade 2000 é boa para se morar. O ápice do contraste se dá na fala da moradora que afirma só permanecer ali por seu contexto financeiro que a impede de pagar por uma casa em um bairro melhor, mas logo em seguida se pergunta se saberia viver em outro lugar. No geral, sempre quando da apresentação de sentimentos contrastantes pelo bairro, o aspecto potencializador daquele local acaba se sobressaindo, vem como um arremate de pensamento, deixando um saldo positivo *apesar de*.

No que se refere à insegurança, este parece ser um ponto relativo para os moradores entrevistados: ao mesmo tempo em que comparam negativamente a dinâmica do bairro de hoje com a dos velhos tempos, nos quais havia uma maior sensação de segurança, os informantes são unânimes ao afirmar que a Cidade 2000 é o bairro mais seguro de Fortaleza, onde ainda é possível andar nas ruas até tarde da madrugada, colocar as cadeiras na calçada e compartilhar da vida com vizinhos, familiares e amigos, deixar os carros nas ruas todas as noites. O sentimento de insegurança nesses entrevistados, portanto, existe, mas não é dominante ou paralisante, não se torna um impedimento ou uma explicação-desculpa para não se viver a cidade.

Interessante observar que os elementos capazes de neles desencadear a suspeita e o sentimento de insegurança são os *outros*, os forasteiros, aqueles que não são do bairro. Os entrevistados afirmam que quem mora no bairro – mesmo aqueles envolvidos com drogas – não mexe com ninguém, não causa medo: eles são conhecidos, são também parte do bairro. Essa ideia nos leva a refletir sobre outra categoria: o pertencimento, o qual parece ser o sentimento mais proeminente entre os habitantes daquele lugar. Eles se sentem parte da Cidade 2000, e a Cidade 2000 é tratada como parte deles próprios. Assim, os demais moradores passam a ser familiares, conhecidos, fontes de segurança e identificação.

O pertencimento gerado pelos processos de apropriação do espaço, se é o fator mais forte, é também o que vem sendo construído há mais tempo: desde a chegada ao bairro, os moradores vêm fazendo daquele espaço um pouco mais seu, seja através das reformas que realizam nas casas, adaptando-as às suas necessidades e tornando-as mais parecidas com eles mesmos, seja por meio das relações formadas e consolidadas entre os vizinhos. Toda essa história – que é escrita e inscrita no sólido dos imóveis, e no abstrato dos sentimentos quer permanecer – precisa ficar, e então os entrevistados demonstram o desejo de um legado, de uma herança a ser deixada para as gerações posteriores, um patrimônio que vai muito além do nome em uma escritura.

Nas entrevistas realizadas não foram encontradas, entre os cinco informantes, respostas de destruição, tais como isolamento e estruturas em degradação. Esse resultado faz com que nos perguntemos o motivo de tal ausência. Será que em uma amostragem maior esse resultado apareceria? Até que ponto os narradores, na presença da pesquisadora – uma não moradora da Cidade 2000 –, mergulharam e vasculharam em suas narrativas todos os tipos de sentimentos sobre o lugar, especialmente os mais “escusos”? Ou a categoria destruição seria de fato algo não tão presente no campo afetivo desses moradores?

Esses questionamentos são importantes na medida em que os *afetos* se constituem não só do amor, da estima positiva, do pertencimento, do apego, mas também da repulsa, da decepção, do incômodo, até do ódio. Por afeto entendemos tudo aquilo que nos afeta. Não existem afetos positivos ou negativos, mas sim os potencializadores e o despotencializadores: o que nos fazem mover em direção à ação e os que nos geram padecimento, sensação de impotência. Na pesquisa, é importante estarmos abertos a todas essas possibilidades.

Nascida de uma Fortaleza de areia que se divide entre o sertão e o mar, a Cidade 2000 parece refletir a natureza migrante da nossa capital. Os ares interioranos de suas ruas são talvez reflexos das origens de seus habitantes, que transpuseram para aquele lugar um pouco de seu mundo. Construindo o bairro e dando a ele suas caras, os entrevistados conseguiram desenvolver os afetos necessários para o estabelecimento de um bem-estar e de um apego que liga umbilicalmente a pessoa e seu ambiente.

Sobre seus aspectos físicos, podemos inferir, através das narrativas analisadas, que a Cidade 2000 parece promover a proximidade e a familiaridade através de suas ruas longas e estreitas, de suas praças que são pontos de encontro, das pedras de calçamento que obrigam o passante a ir devagar, seguindo o ritmo estabelecido pelo lugar. As vias retilíneas seguem o padrão hispânico do semeador, as linhas da certeza, do conhecer, do que se sabe, do seguro. Nessa arquitetura bem-sucedida, os encontros se tornam possíveis e se realizam. A influência dessas características físicas sobre os afetos dos moradores da Cidade 2000, aliás, merece estudos posteriores mais específicos e aprofundados.

A ameaça no bairro não é de todo ausente: o tom saudosista de um tempo em que se dormia de portas abertas gera comparações que deixam em desvantagem a realidade atual, na qual é preciso equilibrar o relaxamento com a atenção e a vigilância. Apesar dos riscos que pairam, não se desiste da cidade, não se a evita. É como se eles inconscientemente soubessem que, ao desistirem das ruas, as ruas também desistirão deles, e toda a construção de liberdade ao longo desses anos estaria para sempre perdida.

Os inícios de distância e de isolamento definitivamente ficaram no passado. Se as dunas e as raposas entre árvores antes circundavam as casas, hoje um mar de prédios e asfalto rodeia o bairro. Antes, a Cidade 2000 era um “buraco”, como diz um dos entrevistados: era apartada de Fortaleza, fora, à margem. No entanto, o que não se esperava é que Fortaleza fosse crescer seus braços e abarcar tudo ao seu redor. Hoje, a Cidade 2000 se percebe urbana, se emendou com a cidade, se vê como parte dela.

Um dos narradores acredita que a melhor definição da Cidade 2000 é apenas “uma cidade”. De maneira simples, ele consegue sintetizar o processo que forma aquele lugar: a 2000 tem vida própria, cresce e se desenvolve, cria e recria afetos. É como uma cidade independente dos seus arredores. Ao contrário das outras cidades, entretanto, ela consegue mudar e se transformar dentro do que ela é, sem nunca extrapolar seus limites físicos.

A Cidade 2000 se coloca como um exemplo bem-sucedido dentro do contexto urbano. Apesar de ter sido relativamente pequena a amostra de moradores ouvidos, a partir das falas desses entrevistados pode-se inferir uma estima de lugar positiva. Os afetos são de potência: as dificuldades iniciais foram transpostas e, mesmo em

face dos problemas que teimam em se chegar, os moradores ainda insistem em viver o bairro, acreditam que lugar igual a esse não tem em outro canto. Esse apego à Cidade 2000 gera uma força para que se persista no lugar, que se lute por ele. De que maneira esse bem-querer potencializador entre as pessoas e seus bairros pode se dar também em outros lugares da cidade, apesar de todos os problemas? A resposta é complexa e única para cada local, mas encontrá-la – ou ao menos procurar por ela – certamente é uma busca que vale a pena.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Gustavo. **À margem da história do Ceará**. Rio de Janeiro; São Paulo; Fortaleza: Funcet, 2004.

_____. Matias Beck e a capital do Ceará: um holandês cria o berço duma cidade no Brasil: A Vila do Forte e a Vila do Aquirás. In: GIRÃO, Raimundo. **A Cidade do Pajeú**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1982.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BOMFIM, Zulmira. **Cidade e afetividade**: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

_____. Afetividade e ambiente urbano: uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. In: PINHEIRO, J. Q.; GUNTHER, H. **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Agente comunitário de saúde**. 2015. Disponível em: http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape_esf.php?conteudo=agente_comunitario_saude. Acesso em: 13 abr. 2015.

BROCKMEIER, Jens; HARRÉ, Rom. Narrativas: problemas e promessas de um paradigma alternativo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 3, n. 16, p. 525-535, 2003.

BRUNER, Jerome. Life as Narrative. **Social Research**, Baltimore, v. 71, n. 3, p. 691-710, 2004.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana Mara. Espaço e lugar. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice. **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.

CEARÁ, Governo do Estado do. **As migrações para Fortaleza**. Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial, 1967.

CHAVES, Eduardo O. C. **David Hume e a questão básica da crítica à razão pura**. 2005. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/hume2.htm>. Acesso em: 13 dez. 2013.

COELHO, José Antenor Viana. **Habitação popular: para refletir e agir**. Sobral: UVA, 2007.

COLARES, Ciro. **Fortalezamada: roteiro para os amantes de uma cidade**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1985.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. **Cidade 2000: expansão urbana e segregação espacial em Fortaleza**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza**. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DRAMÁTICA situação na Cidade 2000. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 8 jun. 1985.

DURHAM, Eunice. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará**. Fortaleza: Livro Técnico, 2007.

GERMANO, Idilva Maria Pires. Aplicações e implicações do método de Fritz Schütze em Psicologia Social. In: **XV Encontro Nacional da Abrapso**, Maceió, 2009. Disponível em:

http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/147.%20aplic%C3%A7%C3%A3o%20e%20implica%C3%A7%C3%A3o%20do%20m%C9todo%20biogr%C1fico%20de%20fritz%20sch%DCtze%20em%20psicologia%20social.pdf. Acesso em: 5 abr. 2015.

_____. Trajetórias de vida, risco e proteção social em estudo biográfico com jovens. In: COLAÇO, Veriana; CORDEIRO, Andréa (Orgs.). **Adolescência e juventude**: conhecer para proteger. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia estética de Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.

_____. **A cidade do Pajeú**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1982.

GLEIZER, Marcos André. **Espinosa e a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HALL, Edward. **The hidden dimension**. Garden City, NY: Doubleday, 1966.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/>. Acesso em: 31 maio 2015.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mora. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza: 1945-1960**. São Paulo: Annablume; Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

KIDDER, Daniel. **Reminiscências de viagens e permanência no Brasil**: Províncias do Norte. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1951.

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2002.

LIMAVERDE, Lucíola. **Ciro Colares**: a crônica paixão por Fortaleza. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

MOSER, Gabriel. Psicologia Ambiental no novo milênio: integrando a dinâmica cultural e a dimensão temporal. In: TASSARA, E. (Org.). **Panoramas interdisciplinares**: para uma psicologia ambiental do urbano. São Paulo: EDUC, 2001.

NA CIDADE 2000. **O Povo**, Fortaleza, p. 8, 29 ago. 1976.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Lisboa: Parceria Antônio Maria Pereira, 1934.

PINHEIRO, José Q. Psicologia Ambiental: a busca de um ambiente melhor. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 2, n. 2, p. 377-398, 1997.

POL, E. La apropiación del espacio. In: IÑIGUEZ, L.; POL, E. (Coord.). **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Publicacions Universitat de Barcelona, Monografies Psico/Sócio/Ambientais, v. 9, 1996.

POMPEU SOBRINHO, Thomás. Prefácio. In: GIRÃO, Raimundo. **A Cidade do Pajeú**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1982.

PONTE, Sebastião Rogério. *A belle époque* em Fortaleza: remodelação e controle. In: SOUZA, Simone (Org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 162-191.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil**: 1500-1720. São Paulo: Pini, 2000.

RIESSMAN, Catherine Kohler. Narrative Analysis. In: KELLY, N.; HORROCKS, C.; MILNES, K.; ROBERTS, B.; ROBINSON, D. (Eds.). **Narrative, Memory & Everyday Life**. Huddersfield: University of Huddersfield, 2005. p. 1-7. Disponível em: http://aprender.ead.unb.br/pluginfile.php/88890/mod_resource/content/1/Chapter_1_-_Catherine_Kohler_Riessman%20narrative%20analysis.pdf. Acesso em: 7 abr. 2015.

_____. Thematic Analysis. In: _____. **Narrative Methods for the Human Sciences**. CA, USA: Sage Publications, 2008. p. 53-76.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

SAWAIA, Bader. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: _____ (Org.). **Artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 99-119.

_____. **A emoção como locus de produção do conhecimento: uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa**. III Conferência de Pesquisa Sociocultural, São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/br2000/indit.htm>. Acesso em: 15 dez. 2013.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

SCHÜTZE, Fritz. **Biography Analysis on the Empirical Base of Autobiographical Narratives: How to Analyse Autobiographical Narrative Interviews: Part I**. Invite: Biographical Counselling in Rehabilitative Vocational Training. Further Educational Curriculum. EU Leonardo da Vinci Programme. 2008. Disponível em: <http://www.uni-magdeburg.de/zsm/projekt/biographical/1/B2.1.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2015.

SERVIÇO FEDERAL DE HABITAÇÃO E URBANISMO (BRASIL) FORTALEZA (SERFHAU). **Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Fortaleza (Plandirf)**. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1972.

SILVA, José Borzacchiolo da. **Os incomodados não se retiram**. Fortaleza: Multigraf, 1992.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (original de 1677).

THEÓPHILO, Rodolpho. **Seccas do Ceará**: segunda metade do século XIX. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VALSINER, Jaan. **Fundamentos da psicologia cultural**: mundos da mente, mundos da vida. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VIGOTSKY, Lev. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIVA o futuro na Cidade 2.000. **Unitário**, Fortaleza, p. 6, 6 dez. 1970.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, responsável pela pesquisa ***Afetos em construção: narrativas e processos de apropriação do espaço pelos moradores da Cidade 2000***, gostaria de convidá-lo(a) a participar como voluntário(a) neste estudo.

Esta pesquisa pretende compreender a relação afetiva que os moradores da Cidade 2000 vêm desenvolvendo com o bairro desde a sua construção, na década de 1970, até hoje. Gostaríamos de contar com a sua participação através de uma entrevista gravada sobre sua história de vida residencial. Sua identidade não será revelada.

Sua participação é voluntária – ou seja, não acarreta nenhum tipo de custo ou pagamento. Você pode, a qualquer momento, deixar de participar do estudo sem qualquer prejuízo. As informações coletadas serão usadas apenas para fins de pesquisa. Os resultados do estudo poderão ser publicados em trabalhos, artigos ou congressos científicos, sem que você seja identificado(a).

Em caso de dúvidas sobre o projeto ou sobre a sua participação nele, você pode entrar em contato com a pesquisadora responsável, Lucíola Limaverde, pelo telefone (85) 8764-0904, ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará, no endereço Rua Coronel Nunes de Melo, 1127, ou no telefone 3366-8344.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, por favor, assine ao final deste documento, que possui duas vias: uma delas é sua, e a outra é da pesquisadora responsável.

Tendo sido informado(a) sobre a pesquisa ***Afetos em construção: narrativas e processos de apropriação do espaço pelos moradores da Cidade 2000***, concordo em participar dela, de forma livre e esclarecida.

Fortaleza, ____ de _____ de 2015.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA NARRATIVA

Pergunta geradora

Estou pesquisando histórias de vida residencial de pessoas que vivem na Cidade 2000 desde a década de 1970. Para isso, peço que você conte a sua história na Cidade 2000 como desejar. Você pode levar o tempo que quiser, começar e terminar sua história do jeito que quiser. Para que você conte sua história livremente, eu não vou interrompê-lo(a). Você deve me dizer quando acabar e depois eu farei perguntas para esclarecer o que eu não tiver entendido. Certo?

1) Mudança para a Cidade 2000

- Chegada à Cidade 2000/ contexto do bairro na época da mudança
- Por que se mudou para a Cidade 2000
- Expectativas em relação ao bairro
- Sentimentos envolvidos na mudança

2) Permanência na Cidade 2000

- Facilidades e dificuldades
- Imagem da Cidade 2000 perante Fortaleza
- Sentimentos envolvidos

3) Cidade 2000 hoje

- Mudanças no bairro
- Mudanças na sua casa (reformas/ o que foi mantido ou não)
- Lugares frequentados ou não no bairro
- Caminhos que percorre
- Vizinhança e família
- Sentimentos hoje

Perguntas estratégicas

- Já pensou em mudar?
- Diferença Cidade 2000 antes e depois
- Diferença Cidade 2000 e outros bairros
- A Cidade 2000 para mim é...

Dados socioeconômicos e biográficos

- Idade
- Tempo de moradia
- Sexo
- Escolaridade
- Profissão
- Origem
- Bairro anterior
- Participação comunitária/ associações